

**OS PARQUES URBANOS DE SÃO CAETANO DO SUL:  
SUA INSERÇÃO E APROPRIAÇÃO NO PROCESSO DE  
URBANIZAÇÃO.**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO  
DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVESIDADE  
DE SÃO PAULO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE  
MESTRE EM GEOGRAFIA.**

**ROGÉRIO ALVARENGA**

**SÃO PAULO  
2002**

Os parques contemporâneos estão intimamente ligados ao desenvolvimento urbano-industrial e a necessária requalificação dos espaços livres de uso público, vinculados ao lazer, a orientação da qualidade ambiental e conseqüentemente da qualidade de vida.

Rogério Alvarenga

## DEDICATÓRIA

AOS **MEUS PAIS**, DIRCEU E MARIA JOSÉ  
PELO CUIDADO, DEDICAÇÃO, ESTÍMULO E AMOR

A MINHA **ESPOSA** SILVANA  
PELA PACIÊNCIA, ESTÍMULO E AMOR

AOS MEUS **AVÓS** MATERNOS E PATERNOS PELAS VIBRAÇÕES DE  
AMOR

AOS GRANDES **AMIGOS** Dr. LÁZARO E ERNESTO  
PELO APOIO E AMOR IRRESTRITOS.

## AGRADECIMENTOS

Ao querido amigo Rinaldo de Santis pela constante disposição ao ouvir-me.

Ao meu irmão Renato Alvarenga pelo estímulo constante.

A Iracy Sguillaro Leme pelo apoio durante o período de desenvolvimento desse trabalho.

Aos amigos Vladimir e Luis Carlos da Diretoria de Urbanismo, Obras, Habitação e Meio Ambiente da Prefeitura de São Caetano do Sul.

Aos amigos professores e funcionários do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo pelo excelente atendimento e competência.

Ao professor Dr. Francisco Capuano Scarlato pela orientação paciente e cordata durante todo o desenvolvimento dessa dissertação, além do gesto amigo dispensado desde o primeiro instante.

## **SUMÁRIO**

---

### **CAPÍTULO I – A SITUAÇÃO**

- |                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO                                                                                    | 1  |
| 2. METODOLOGIA APLICADA PARA O LEVANTAMENTO DE DADOS                                             | 13 |
| 3. A CIDADE DE SÃO CAETANO: A ESPECIFICIDADE DO ESPAÇO URBANO                                    | 19 |
| 4. A CIDADE DE SÃO CAETANO: CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS RELEVANTES PARA O ENTENDIMENTO DA PESQUISA | 24 |
| 5. A CIDADE DE SÃO CAETANO: A COLONIZAÇÃO E SUA FORMAÇÃO PECULIAR                                | 28 |

### **CAPÍTULO II – O ENTENDIMENTO**

- |                                                                                          |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO: OS PARQUES URBANOS | 42 |
| 2. O SURGIMENTO DOS PARQUES PÚBLICOS URBANOS NO MUNICÍPIO: JUSTIFICATIVAS GERAIS         | 54 |
| 3. FLUXOS E MOVIMENTOS DA CIDADE DE SÃO CAETANO                                          | 65 |
| 4. UMA VISÃO PARTICULAR DO PENSAMENTO POLÍTICO MUNICIPAL                                 | 74 |
| 5. OS PARQUES URBANOS, O MEIO AMBIENTE E SUAS RELAÇÕES                                   | 82 |
| 6. A VIABILIDADE DO LAZER NOS PARQUES URBANOS EM SÃO CAETANO DO SUL                      | 95 |

### **CAPÍTULO III – O USO**

- |                                                             |            |
|-------------------------------------------------------------|------------|
| 1. CONCEITOS IMPORTANTES PARA ESCLARECER O OBJETO DE ESTUDO | <b>110</b> |
| 2. O QUE AS PESQUISAS DE CAMPO APONTAM: DIREÇÃO E SENTIDO   | <b>127</b> |

### **CAPÍTULO IV – A APROPRIAÇÃO**

- |                                                                                                        |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1. OS PARQUES URBANOS DE S. CAETANO DO SUL: DIRETRIZES                                                 | <b>154</b> |
| 2. OS PARQUES URBANOS DE S. CAETANO DO SUL: DESCRIÇÃO                                                  | <b>166</b> |
| 2.1. CENTRO DE LAZER, ESPORTES E RECREAÇÃO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES (ANTIGO BURACÃO DA CERÂMICA) | <b>166</b> |
| 2.2. PARQUE MUNICIPAL DE VILA SÃO JOSÉ (BOSQUE DO POVO)                                                | <b>173</b> |
| 2.3. PARQUE SANTA MARIA                                                                                | <b>181</b> |
| 2.4. CENTRO DE INTEGRAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL TALITA THOMÉ TAMAREVSKY (PARQUE GUAIAMÚ)      | <b>186</b> |
| 2.5. PARQUE BOTÂNICO JÂNIO DA SILVA QUADROS                                                            | <b>188</b> |
| 2.6. PARQUE NÃO OFICIAL OU O PARQUE LINEAR KENNEDY                                                     | <b>194</b> |
| 3. PROPOSTAS PARA OS PARQUES DE SÃO CAETANO DO SUL                                                     | <b>199</b> |
| 3.1. PARQUE MUNICIPAL DE VILA SÃO JOSÉ (BOSQUE DO POVO)                                                | <b>200</b> |
| 3.2. PARQUE SANTA MARIA: O PARQUE BARBARA MAARÃO SAAD (CIDADE DAS CRIANÇAS)                            | <b>202</b> |

<b>3.3. PARQUE CHICO MENDES (CENTRO DE LAZER, ESPORTES E RECREAÇÃO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES)</b>	<b>204</b>
<b>3.4. PARQUE GUAIAMÚ (CENTRO DE INTEGRAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL TALITA THOMÉ TAMAREVSKY)</b>	<b>206</b>
<b>3.5. PARQUE BOTÂNICO JÂNIO DA SILVA QUADROS (ESCOLA DE ECOLOGIA E SEMENTEIRA MUNICIPAL)</b>	<b>208</b>
<b>3.6. O SEXTO PARQUE (NÃO OFICIAL): O PARQUE LINEAR KENNEDY</b>	<b>210</b>
<b>4. DA CONTINUIDADE DOS PARQUES URBANOS NA CIDADE</b>	<b>212</b>
<b><u>PARTE FINAL</u></b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>213</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>219</b>

## LISTA DE FOTOS

---

- FOTO 1** – VISTA AÉREA DA REGIÃO CENTRAL DA CIDADE. O ADENSAMENTO URBANO RUMO A VERTICALIZAÇÃO. **23**
- FOTO 2** – VISTA AÉREA DA REGIÃO CENTRAL DA CIDADE. A VERTICALIZAÇÃO COMO OPÇÃO PARA A ESCASSEZ DO ESPAÇO. **25**
- FOTO 3** – A VERTICALIZAÇÃO EM DIREÇÃO AOS BAIRROS MAIS TRADICIONAIS E ANTIGOS. O CONFLITO DO ESPAÇO SOB A ÓTICA DA TIPOLOGIA. **36**
- FOTO 4** – PARQUE JOSÉ ERMIRIO DE MORAES OU SIMPLEMENTE PARQUE CHICO MENDES. VISTA DO PADROEIRO DA CIDADE, SÃO CAETANO D' THIÈNE. **167**
- FOTO 5** – LAGO E MIRANTE DO PARQUE CHICO MENDES. A PRESENÇA DO ELEMENTO ÁGUA. **168**
- FOTO 6** – VISTA DA PARTE ALTA. O ELEMENTO VEGETAÇÃO. **169**
- FOTO 7** – ALGUNS CAMINHOS DO PARQUE. **170**
- FOTO 8** – OS CAMINHOS DO PARQUE CHICO MENDES. POSSIBILIDADES DE DESCANSO. **171**
- FOTO 9** – TRILHAS ENTRE A VEGETAÇÃO. O LAZER ATIVO DA CAMINHADA NO PARQUE CHICO MENDES. **172**
- FOTO 10** – ESPAÇO CENTRAL RESERVADO AOS EVENTOS DA CIDADE. A POSSIBILIDADE DO ENTRETENIMENTO OCASIONAL. **172**
- FOTO 11** – OS CAMINHOS DO PARQUE MUNICIPAL DE V. SÃO JOSÉ E SUA INTENSA ARBORIZAÇÃO. **174**



<b>FOTO 12 – OS ACESSOS NAS VARIAÇÕES DE NÍVEL DO PLANO DE PISO NO PARQUE SÃO JOSÉ.</b>	<b>175</b>
<b>FOTO 13 – CAMINHOS E BANCOS. ESPAÇOS PARA CONTEMPLAÇÃO CARACTERÍSTICOS DESSE PARQUE.</b>	<b>176</b>
<b>FOTO 14 – ESPAÇOS DINÂMICOS.</b>	<b>177</b>
<b>FOTO 15 – ESPAÇO PARA GINÁSTICA. POUCOS EQUIPAMENTOS MAL LOCALIZADOS PELA ALTA DECLIVIDADE DO LUGAR.</b>	<b>179</b>
<b>FOTO 16 – ESPAÇOS PARA CAMINHADAS. A PRESENÇA DO PISO IMPERMEÁVEL.</b>	<b>180</b>
<b>FOTO 17 – A PRINCIPAL ATRAÇÃO DESSE PARQUE: A CIDADE DAS CRIANÇAS. VISTA DOS QUIOSQUES PARA REFEIÇÕES.</b>	<b>181</b>
<b>FOTO 18 – QUIOSQUES E CAMINHOS. CIDADE DAS CRIANÇAS.</b>	<b>182</b>
<b>FOTO 19 – BRINQUEDOS E CAMINHOS. OS ACESSOS DA DIVERSÃO. CIDADE DAS CRIANÇAS.</b>	<b>183</b>
<b>FOTO 20 – BRINQUEDOS E BANCOS. CIDADE DAS CRIANÇAS.</b>	<b>184</b>
<b>FOTO 21 – ESPAÇOS PARA SOCIALIZAÇÃO. CIDADE DAS CRIANÇAS.</b>	<b>185</b>
<b>FOTO 22 – LAGO. O ELEMENTO ÁGUA. CIDADE DAS CRIANÇAS.</b>	<b>185</b>
<b>FOTO 23 – O PARQUE GUAIAMÚ E SEU MIRANTE.</b>	<b>187</b>
<b>FOTO 24 – VISTA DO PARQUE GUAIAMÚ DE SEU MIRANTE. O ENTRETENIMENTO, OS QUIOSQUES E SUAS QUADRAS POLIESPORTIVAS.</b>	<b>188</b>
<b>FOTO 25 – PARQUE JÂNIO DA SILVA QUADROS E SUAS ALAMEDAS.</b>	<b>189</b>
<b>FOTO 26 – A SEMENTEIRA MUNICIPAL EM AÇÃO.</b>	<b>190</b>
<b>FOTO 27 – OS ESPAÇOS DE AULA. A ESCOLA DE ECOLOGIA.</b>	<b>190</b>

<b>FOTO 28 – O ENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.</b>	<b>191</b>
<b>FOTO 29 – OS CAMINHOS E O USO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS PARA O PISO. A PERMEABILIDADE.</b>	<b>191</b>
<b>FOTO 30 – SUAS ALAMEDAS ARBORIZADAS.</b>	<b>192</b>
<b>FOTO 31 – A PRODUÇÃO DE MUDAS PARA AS ÁREAS VERDES DA CIDADE.</b>	<b>193</b>
<b>FOTO 32 – O LAGO E SEUS PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.</b>	<b>193</b>
<b>FOTO 33 – O PARQUE NÃO OFICIAL. A AVENIDA PRESIDENTE KENNEDY E SEUS ESPAÇOS PARA CAMINHADA.</b>	<b>194</b>
<b>FOTO 34 – O PASSEIO E A CAMINHADA. AVENIDA PRESIDENTE KENNEDY.</b>	<b>195</b>
<b>FOTO 35 – ACESSIBILIDADE PARA TODOS. AVENIDA PRESIDENTE KENNEDY.</b>	<b>195</b>

## **LISTA DE MAPAS DE REFERÊNCIA**

---

<b>MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL NO ESTADO DE SÃO PAULO E REGIÃO DO GRANDE ABC.</b>	<b>27</b>
<b>MAPA 2 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO.</b>	<b>27</b>
<b>MAPA 3 – O MUNICÍPIO, SEUS VIZINHOS E SUA DIVISÃO DE BAIRROS.</b>	<b>34</b>
<b>MAPA 4 – USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL</b>	<b>40</b>
<b>MAPA 5 – OS PARQUES URBANOS PÚBLICOS DE SÃO CAETANO DO SUL</b>	<b>198</b>
<b>MAPA 6 – MAPA DE REFERÊNCIA COM OS PARQUES OFICIAIS, A LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NÃO OFICIAL E AS DUAS SUGESTÕES ACADÊMICAS PARA NOVAS ÁREAS DE LAZER</b>	<b>211</b>

## **LISTA DE GRÁFICOS**

---

- GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO AO LONGO DO PERÍODO DE INTENSA INDUSTRIALIZAÇÃO E SEU DECLÍNIO. 37**
- GRÁFICO 2 – AS PREFERÊNCIAS NO LAZER COTIDIANO DO MUNICÍPIO. 140**
- GRÁFICO 3 – O QUE SE ENTENDE POR PARQUES URBANOS NO MUNICÍPIO. 143**
- GRÁFICO 4 – AS FUNÇÕES DE UM PARQUE URBANO, SEGUNDO OS ENTREVISTADOS. 144**
- GRÁFICO 5 – OS ELEMENTOS DE IMPORTÂNCIA PARA UM PARQUE URBANO, SEGUNDO OS ENTREVISTADOS. 146**
- GRÁFICO 6 – ATIVIDADES PREFERIDAS EM UM PARQUE URBANO, SEGUNDO OS ENTREVISTADOS. 148**
- GRÁFICO 7 – ENQUETE PUBLICADA NA REVISTA VEJA SÃO PAULO EM PRIMEIRO DE MARÇO DE 2000 SOBRE O PARQUE DO IBIRAPUERA. 150**

## LISTA DE TABELAS

---

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE MÃO-DE-OBRA RESIDENTE E OCUPADA ENTRE 1989 E 1997.	49
TABELA 2 – LOUCOS PELO VERDE.	69
TABELA 3 – FREQUÊNCIA NOS FINAIS DE SEMANA DOS PRINCIPAIS SHOPPINGS DE SÃO PAULO. MODIFICADO PELO AUTOR PARA MELHOR ENTENDIMENTO.	71
TABELA 4 – PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS COM COLETA DE LIXO.	76
TABELA 5 – PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS COM ABASTECIMENTO DE ÁGUA.	76
TABELA 6 – PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS COM REDE GERAL DE ESGOTOS.	76
TABELA 7 – PROPORÇÃO DE PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS ALFABETIZADAS.	77
TABELA 8 - CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA: INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS.	78
TABELA 9 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE MORADORES DE SÃO CAETANO COM MAIS DE 18 ANOS, COM OCUPAÇÃO REMUNERADA, SEGUNDO LOCALIZAÇÃO DA EMPRESA OU NEGÓCIO EM QUE TRABALHA.	79
TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS DOMICÍLIOS, SEGUNDO A PROPRIEDADE DO IMÓVEL.	80

<b>TABELA 11 – SÃO CAETANO: ESTABELECIMENTOS E EMPREGOS, SEGUNDO SETORES DA ATIVIDADE ECONÔMICA.</b>	<b>81</b>
<b>TABELA 12 – RELAÇÃO ENTRE BAIROS E ÁREAS VERDES DENTRO DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL.</b>	<b>157</b>
<b>TABELA 13 – TABULAÇÃO ESQUEMÁTICA PARA VISUALIZAÇÃO DOS DADOS CADASTRAIS DOS PARQUES EM ESTUDO.</b>	<b>196</b>
<b>TABELA 14 – DISPONIBILIDADE DOS PARQUES PARA OS DIVERSOS BIARRROS E OBSERVAÇÕES.</b>	<b>197</b>

## RESUMO

---

O trabalho realizado visa compreender as relações entre os parques urbanos municipais e seus usuários no contexto do município de São Caetano do Sul, no Estado de São Paulo.

Buscou-se por meio da percepção analisar tais relações em função do desempenho dos cinco parques públicos existentes no município e, posteriormente, por um questionário junto a opinião pública.

A presença da vegetação e os equipamentos para o lazer ativo e passivo tornaram-se fundamentais ao entendimento, vinculando-se ao uso, desuso e apropriação.

**Palavras-chave:** parque urbano, parque, lazer, espaços livres de uso público, São Caetano do Sul.

## ABSTRACT

---

The work carried out aims to understand the relationships between town parks and their users in the context of São Caetano do Sul city, state of São Paulo.

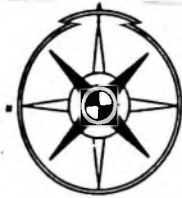
It was searched for by perception mean to analyse this relationships in function of five existents parks fulfilment and, after all, to place a questionnaire next to public opinion.

The vegetation presence and the equipments to active and passive leisure became basics to make sense, linked to the use, no use and appropriation.

**Key-word:** town park, park, leisure, free spaces of public uses, São Caetano do Sul.



1964 1960



- BAIRRO DA FUNDAÇÃO
- CENTRO
- BAIRRO SANTO ANTONIO
- BAIRRO SANTA PAULA
- BAIRRO BARCELONA
- BAIRRO OLÍMPICO
- BAIRRO OSWALDO CRUZ
- BAIRRO CERAMICA
- BAIRRO BOA VISTA
- BAIRRO SANTA MARIA
- BAIRRO JARDIM SÃO CAETANO
- BAIRRO NOVA GENTIL
- BAIRRO MAUA
- BAIRRO PROSPERIDADE
- BAIRRO SÃO JOSÉ

LEGENDA

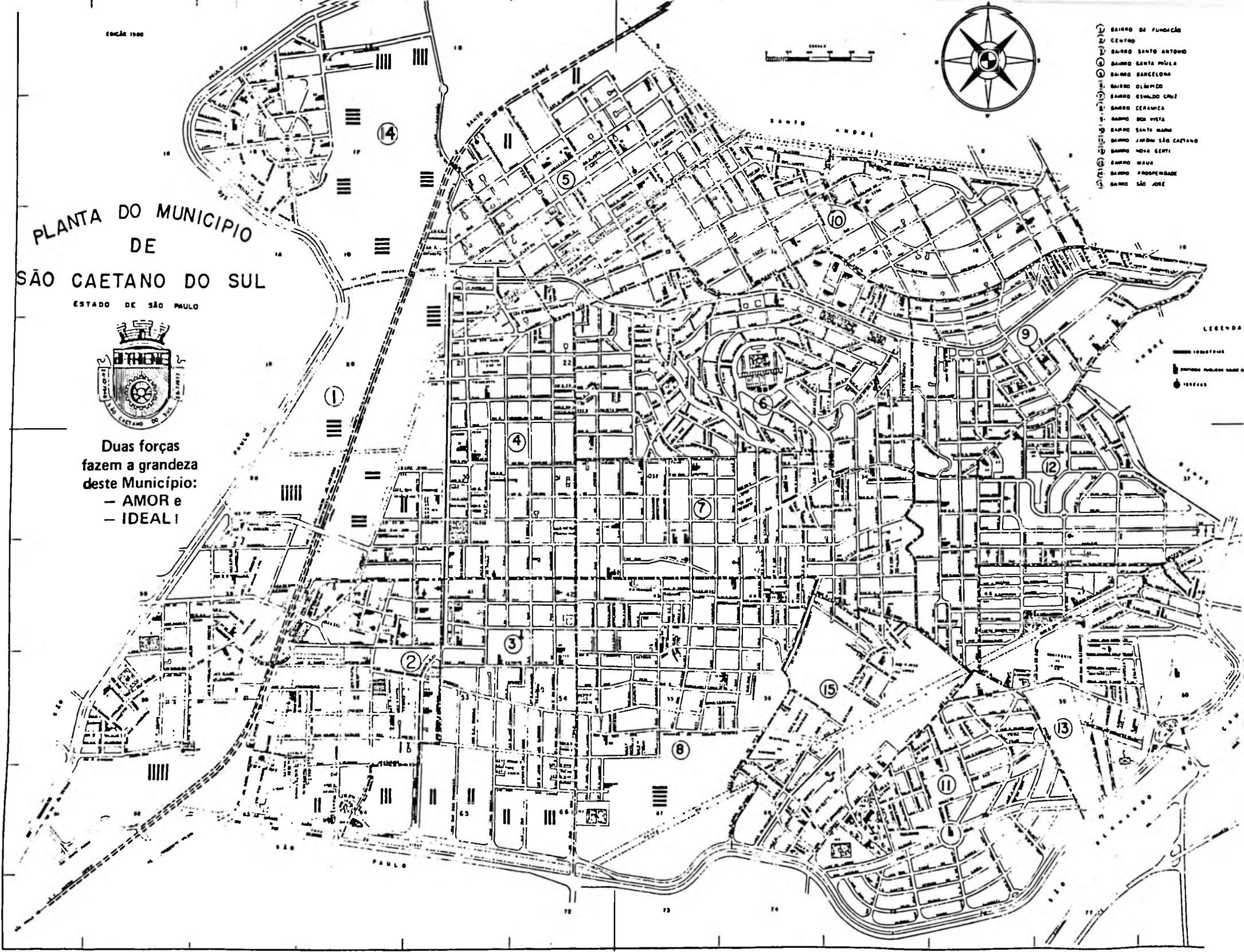
- FORTIFICAÇÃO
- FORTIFICAÇÃO ANTIGA
- TORREÃO

PLANTA DO MUNICIPIO  
DE  
SÃO CAETANO DO SUL

ESTADO DE SÃO PAULO



Duas forças  
fazem a grandeza  
deste Município:  
— AMOR e  
— IDEAL !



---

# OS PARQUES URBANOS DE SÃO CAETANO DO SUL: SUA INSERÇÃO

## E APROPRIAÇÃO NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

O dinamismo, ao contrário, subordina todos os fenômenos e todos os seres à idéia de força. O mundo é a expressão, seja de forças opostas e harmoniosas entre si, ou seja de uma força única, cuja metamorfose perpétua engendra a universalidade dos seres.

Camille Flammarion, 1937

---

### CAPÍTULO PRIMEIRO: A SITUAÇÃO

---

#### 1. INTRODUÇÃO

---

Com o crescimento das cidades, novos bairros se formam a cada período e, rapidamente, as áreas, inclusive as rurais, são invadidas, reservas naturais e até mananciais recebem sobre seu solo casas e arruamento. Logo vemos pequenas ruas surgindo, a partir de um intrincado loteamento ou mesmo sem ele, sendo iluminadas e o movimento das pessoas atrai comércio formal e informal e, na tentativa de manter uma certa estabilidade, o poder público acaba cedendo em termos de linhas de ônibus e indícios de infraestrutura.

Uma rua asfaltada ali, água sendo encanada aqui, fios de eletricidade que brotam dos postes como teias de aranha e assim se dá a ocupação das cidades, muito presente nos dias de hoje. Não fossem verídicos esses relatos, os noticiários não veiculariam brigas judiciais entre a população, geralmente

pobre e carente, e o poder público, querendo impedir o crescimento de uma favela ou de um bairro ilegal, nas imediações de um possível "Jardim Falcão".

E a esse fenômeno do lote/rua costumamos chamar urbanização, muitas vezes, sem o cunho teórico de especialistas na elaboração de um plano de ocupação. Enfim a vida precisa se renovar e para tanto é preciso, ao menos, espaço físico e os meios de produção.

E é nas cidades, na vida cotidiana, que essa experiência fantástica ocorre. O plano físico interage com a ação sensorial humana, entre trabalho e movimentos sociais, legitimando na memória, os tradicionais sistemas de ocupação e conseqüentemente, expressando a viabilização do uso e apropriação do espaço.

Assim, a vida nas cidades, no constante processo de urbanização e reurbanização, hierarquizou-se com a divisão do trabalho, auferindo a premente necessidade de especialização das atividades humanas, segmentando-as e compartimentalizando o conhecimento, rumo à procurada eficiência produtiva.

Para **Munford (1961, p.13)** "a cidade congrega ações sociais e culturais sobre o espaço, legitimando-o e expressando os anseios da sociedade". E esse fenômeno requer um movimento constante, cotidiano, incansável entre homem e meio. Vê nisso, sua humanidade, sua racionalidade, na razão direta da capacidade desenvolvida para dominar e manipular a natureza e o espaço.

O trabalho resultado e resultante dessa transformação em sua postura coletiva, observando **Arendt (1995)**, pressupõe sua necessidade na sobrevivência (guardando-se as proporções da cultura vigente e dos aspectos sociais estabelecidos), culminando na continuidade da espécie, buscando rumos para a crescente demanda.

Esse trabalho atinge a mecanização na era industrial afastando, gradativamente, qualquer possibilidade artesanal, entrando na fase mecanicista da rotina diária, sendo poucos, aqueles que podem gabar-se de um emprego sem monotonias e seqüências repetitivas.

**Castells (1983, p.19)**, nos diz que: "as aglomerações espaciais, resultam, em boa parte, do processo de decomposição da estrutura produtiva, em particular da agrária e artesanal... Todavia, uma vez que tal setor urbano existe, é utilizado econômico, espacial e socialmente pelo setor dominante, produzindo assim novos efeitos específicos sobre a estrutura urbana..."

Parafraseando o autor citado anteriormente, os grandes aglomerados urbanos vêm, progressivamente, descaracterizando-se pelo crescimento vertiginoso da população, pela mudança de hábitos, diante dos padrões tecnológicos modernos e da globalização e pela interferência de políticas de zoneamento e de habitação, que nem sempre privilegiam o espaço e a qualidade de vida, levando-nos a padronização do desenho urbano e conseqüentemente da dinâmica da sociedade. Essa tendência urbana do

capitalismo industrial tem sido marcada por uma concentração da população cada vez maior nos centros urbanos. A correlação entre capitalismo e urbanização é tão acirrada que frequentemente, os dados estatísticos do crescimento das grandes cidades, ou de seus conjuntos metropolitanos, são parâmetros para a análise do desenvolvimento econômico dos países.

De qualquer forma esse crescimento urbano tem nos mostrado sua face desumana, onde o indivíduo é mais um elemento do conturbado processo de produção, no qual o lucro é priorizado em detrimento das questões sociais e sua legitimação no espaço.

Assim, com a industrialização o tempo foi abarcado, exclusivamente, pelo trabalho, absorvendo o indivíduo a ponto de se tornar assunto corrente no esparso tempo livre que lhe resta. E, por falar em tempo livre, tempo que sobra, tempo remanescente, um dos atenuantes desse cenário opressivo e mecânico, está, basicamente, em inserir o lazer no tempo que falta.

Nessas considerações afirmamos que a cidade não é só pano de fundo: ela se tornou micélios de nossa simbiose e representam nosso foco vital de continuidade. E no rumo dessa discussão, retomamos ao lazer que, segundo vários dicionários da língua portuguesa, significa atividade praticada no tempo que se pode dispor sem prejuízo das ocupações ordinárias. Entretenimento no descanso, na folga ou no ócio... E como o homem gerido pelo trabalho encontrará o lazer no âmbito físico, mais precisamente em que espaço fisicamente existente pode-se dar esse lazer?

Imaginamos uma tarde no *shopping* em longas e exaustivas caminhadas, diante de vitrines imóveis e envolvidas pelo sonho consumista de uma realidade capitalista pós-moderna, onde as praças são de alimentação e os percursos e distrações estão no olhar de quem consome. Um parque de diversões ou mesmo um circo e outros espaços que arremetam a criatura, novamente, para atividades programadas e contextualizadas ao estreitamento criativo. O cinema, o teatro e a televisão são considerados objetos do lazer, muito procurados e agora se veicula o lazer, através do espaço virtual, na telinha de um *site* qualquer. Mas, o lazer está no espaço ou no tempo? Ou em ambos?

Ainda há uma banalização nas idéias sobre o lazer apontadas, claramente, no texto de Dumazedier (2001, p.20), dizendo "que essa subestima teórica, conferida ao lazer, poderá levar a engendrar sistemas que, desde seu início, estarão privados de uma parte da vida. Para chegar ao problema geral, apresentado pelo lazer na cultura contemporânea, não bastará pesquisar os problemas do homem através do cinema, do esporte, do teatro ou da televisão... O lazer apresenta-se como um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis e profundas com todos os grandes problemas oriundos do trabalho, da família e da política...". Tornou-se um elemento do contexto e da dependência da vida cotidiana.

Felizmente cresceu nas últimas décadas o interesse por um tipo de lazer específico, que sempre existiu mas só após os períodos de industrialização, os

choques econômicos e o adensamento populacional, aliados ao culto do corpo e mente, voltaram a ser visitados.

Envolvidos por essa nova cultura, os parques urbanos convencionais voltaram as mesas de discussão e foram notados no seio do sistema urbano. Introduziram temas sobre o assunto e muitos parques temáticos, no afã da busca consumista da espécie humana, foram construídos, voltados ora para a água, em grandes parques aquáticos, ora para a diversão eletrônica e, por outras raríssimas vezes, enfocando a botânica e suas variantes. Mas o velho e bom parque convencional continuou sendo visitado com maior ou menor frequência na vida cotidiana, variando com os modismos de época por oferecer quatro momentos importantes:

1. **a gratuidade;**
2. **o tão procurado espaço livre com alguns equipamentos desportivos;**
3. **além da tão necessária vegetação, ilustrando um oásis no meio do concreto armado;**
4. **e a valorização social do espaço livre público.**

Para esclarecer um termo específico, consideramos nessa pesquisa que **parques urbanos convencionais** são públicos e dispõem de áreas de caminhada, bancos, vegetação arbórea e arbustiva e, vez por outra um *playground* e/ou uma quadra poliesportiva. São os modelos mais comuns,

exemplificados pelo Parque do Ibirapuera, Parque do Carmo, Parque Villa-Lobos, entre outros, localizados na cidade de São Paulo.

Essa busca também está relacionada, hoje, ao fato de bem poucos desfrutarem de um espaço livre e verde em suas casas, onde possam correr, brincar, divertir-se; convém salientar que os edifícios residenciais, na busca do melhor aproveitamento do terreno, pouco privilegiaram em seus projetos o espaço de lazer e a área verde para o uso de seus condôminos. Os jardins residenciais, espaços livres de convívio familiar, foram desaparecendo ao longo do percurso da história urbana.

Assim, aqueles que buscam um momento com a liberdade, mesmo que vigiada, com aberturas visuais interessantes, dependem, fisicamente, das praças, parques, jardins, campos de futebol, piscinas e clubes, que vieram na esteira da urbanização e do adensamento demográfico, suprir o desencontro entre o passado familiar e o presente coletivo.

Afinal, os espaços livres urbanos, aqueles não edificados, estão cada vez mais raros na paisagem urbana relegados a planos de pouca importância, abrindo caminho para os sistemas viários e o circuito pedestrianizado dos caminhos com pressa. O contexto expresso na organização funcional das cidades tem causado influências degenerativas na organização espacial e tornado inadequado ao usuário menos avisado.



**Galender (1995, p.27)**, sabiamente cita uma passagem de **Hillman (1993, p.55)**, que reproduzimos a seguir:

"... caminhar hoje é principalmente um caminhar com olhos. Não queremos labirintos, nem surpresas. Sacrificamos nossos pés pelos olhos. Cidades mais antigas quase sempre cresciam em torno dos rastros dos pés: trilhas, esquinas, caminhos, entroncamentos, cruzamentos. Essas cidades seguiam padrões inerentes aos pés, em vez de plantas desenhadas pelos olhos". Podemos completar dizendo que com o advento do veículo, os padrões continuam associados, agora aos pneus e aos trilhos.

Os interesses consagram as exigências do mercado e dos meios de produção, sem o entrelaçamento necessário com o sujeito dessa frase: o usuário, quer no âmbito individual ou na experiência do convívio coletivo, gerando conflitos sociais e culturais. Isto está claro nos processos de validação do capitalismo, nos quais os vetores de investimentos urbanos não valorizam a representatividade desses locais e suas referências simbólicas no cotidiano. **Lemos (1997, p.11-17)**, analisa tais conflitos no entendimento do lugar e do espaço.

É certo que a nova sociedade robotizada aumentou o tempo disponível para o lazer. Também permitiu o desemprego, mas essa é outra história. Artigos de consumo, como rádio, televisão comum ou a cabo, colaboraram para diluir, ainda mais, esse tempo. Ficamos ligados e internados em longos períodos de hibernação defronte da telinha e agora na viagem virtual da *internet*.

Mas alguém dirá que o cidadão, com o advento e o privilégio que o automóvel recebeu em nossos dias, além dos transportes coletivos, direciona seus interesses aos deliciosos passeios de fim de semana, a praia ou a Monte Sião, e seus esculpido jardins. E assim, o burburinho cotidiano não se faz ouvir nos distantes percursos pela autopista.

Alienada no tempo e no espaço, a natureza humana revela-se, por meio dos avisos do corpo e da mente, que pedem uma caminhada, um passeio ou uma simples leitura ao ar livre. Outro indutor continua sendo o poder aquisitivo; as classes menos abastadas, não encontram os recursos necessários para uma viagem a Campos de Jordão, casualmente ou mesmo semanalmente.

Para a maioria, mesmo os mais abastados, no esparso tempo para o lazer, os parques públicos urbanos têm, democraticamente, acolhido àqueles que buscam uma opção no agitado dia-a-dia. São áreas espacialmente preparadas para atender usuários em diferentes formas de apropriação, ou pelo menos, deveriam ser como nos aponta a teoria.

Logicamente, o parque público tornou-se opção pelos elementos volumétricos que congrega em sua estrutura, para as pouquíssimas horas remanescentes, esparecendo e desvanecendo pensamentos, enquanto os ordena.

**Costa (1995)** nos sugere que os parques são espaços mais liberais pela variedade de atividades que oferece gratuitamente, associados à sua

localização, o que de certa forma traz uma especificidade a cada um, local e culturalmente falando.

Este grau de especificidade será abordado, mas, nesse momento, busca-se apontar o parque também como eterno alterador da paisagem urbana, além de elemento de convívio e socialização coletiva, nas mudanças de cores com as variações estacionais e funcionais, e se fazendo necessário enquanto equipamento urbano do cotidiano.

Entretanto, nos alerta **Costa (1995)** que não esqueçamos que todo arcabouço arquitetônico pretende transcendência sobre seus conteúdos e, para tanto deve haver sedimentação das propostas acerca do cotidiano vivido. Como entender esses significados já se faz complexo. Imaginar então pressentir a transcendência é algo além de nossas forças. Qualquer ruptura das constantes estruturais impele ao diagnóstico do mau uso dessas áreas ou mesmo, o mais temerário, do desejo não coletivo. Sofre-se em perceber que muitos espaços livres de edificação, hoje, ora praças e parques, estagnaram suas possibilidades sob o olhar cansado das curiosidades satisfeitas. No entanto, ainda na esteira da lógica do autor, esses parques são paisagens também culturais, tornando-se vulneráveis às intempéries dos interesses de diferentes grupos ao longo do tempo.

Fugir da realidade da ocupação urbana que não fomentaram os parques estruturalmente, na sala de reuniões do poder público e não refletiram o uso e a apropriação pelos usuários, a despeito ou na falta da diversidade dos

lugares, induz ao contato com o abstrato que não se fundamentou na aventura do lógico e do óbvio. A pergunta é: o que se quer ou do que, enfim, também os usuários precisam?

Centralizou-se na forma de olhar, mas não se percebeu as intrincadas relações que tornam mútuas as interações entre uso e usuário. Alerta-se que toda estrutura atual possui potencialidades e deficiências. Mas será que se enredou na existência miúda do cotidiano da grande metrópole e se desguarneceu todo o histórico de mitos, lendas, fatos e verdades disponíveis nos planos mais sutis do movimento de um cotidiano contemporâneo em farta expansão cultural e, no entanto, direção não acertada? Sente-se isso quando não se descortina o planejamento urbano atuante, sem decifrar sua ligação com o jogo de cintura do mercado. Os resultados aparecem ao se deparar com um banco vazio numa praça arborizada no seio de um bairro. Para onde foram todos? Quem são os clientes? Excluiu-se todos na pouca metodologia do espaço. A idéia do lugar que nos fala **Lemos (1997)** não impregnou o morador local que se evadiu para as praças de alimentação dos grandes *shoppings*.

E é isso exatamente que pretendemos perceber no município de São Caetano. Será que o pseudoplanejamento urbano que seguiu décadas e décadas, os rascunhos do tráfego de mulas e posteriormente, de veículos implodindo na verticalização acelerada degradante, hoje vê na copa das árvores e nos espaços livres do entorno, meros pontos verdes em pequenas clareiras no cimento cinza?

Percebemos nesse trabalho o descuido generalizado do planejamento urbano com os parques urbanos públicos que surgiram sempre relegados aos planos secundários e, principalmente, a escassez de número e a frágil relação uso/desuso de acordo com seus equipamentos.

Para nos orientar entre a imensidade e a diversidade do tema, buscamos por meio da revisão bibliográfica mostrar a cidade, suas tendências e seus desafios.

Para tanto, dividimos esse trabalho em quatro capítulos. No primeiro, intitulado **SITUAÇÃO**, apontamos as questões históricas, espaciais e características do município, propiciando elementos para a compreensão da cidade.

No segundo capítulo, buscamos o **ENTENDIMENTO** sobre os espaços livres de uso público, especificamente, os parques e seu surgimento no intrincado processo urbano do município, bem como o uso e apropriação atual desses espaços.

Já no terceiro capítulo, definido como **USO**, estimulamos uma revisão conceitual e compilamos os dados da pesquisa de campo, apontando as seqüências de uso.

E finalmente no quarto capítulo, definido como **APROPRIAÇÃO**, sobrepomos aos dados obtidos, a descrição física e uma pequena proposta

teórica para os parques de São Caetano, simples, a partir da interpretação desses espaços, com a intenção de subsidiar novas idéias.

## 2. METODOLOGIA APLICADA PARA O LEVANTAMENTO DE DADOS

---

*“O processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos”.*

MILTON SANTOS (2001)

O raciocínio voltado para as ciências sociais nos levou a buscar o entendimento das relações de uso na atualidade dos Parques Urbanos de São Caetano do Sul, nossa cidade natal. Esse entendimento procura conceber parâmetros para novas atitudes do poder público local, favorecendo o intercâmbio entre o espaço e o homem.

São relações duais que permeiam toda a nossa discussão, buscando entender as interações no processo de socialização, quanto as questões de apropriação do espaço e dentro de uma visão da cultura vigente, baseado em metodologia que intitulamos observação participante. Recorremos aos dados obtidos em campo e ao conhecimento empírico anotado ao longo de anos para compreender as manifestações do cotidiano destes 15 km<sup>2</sup>.

O trabalho dribla as discussões das questões regionais, apesar de embutidos nas propostas e busca o lugar, correspondente a escala local, no entendimento do espaço vivido das atividades cotidianas e do uso do espaço

para o lazer. Escala esta, submetida a todas as forças e nela são visíveis às práticas estratégicas dos diferentes elementos e os seus conflitos, resultantes na ação da sociedade, tão afamados e veiculados pela mídia. **Lemos (1997, p.12)** sustenta a conceituação no texto "... o tempo se materializa nas formas do lugar, e este consegue preservar formas antigas e anexar novas, o dinamismo do tempo que carrega os conflitos, as contradições, as mudanças, se concretizam no lugar..."

Nosso trabalho também se valeu, complementando teoricamente a observação participante, de critérios estabelecidos por **Santos (1997b)** em seu livro Espaço e Método nas categorias: estrutura, processo, forma e função, no entendimento dos 05 parques em estudo.

Para dirimir dúvidas em nossa compreensão, nos apropriamos das palavras do autor para definir cada um dos elementos, facilitando a análise durante o discorrer do texto.

Como nos diz o autor citado anteriormente, o espaço é um produto social em permanente processo de transformação. Sendo assim a **Forma** apontaria para o aspecto visível desse espaço e de seus componentes estruturais. Pode-se observar, especificamente, um objeto ou um conjunto de objetos ordenados espacialmente, com significação e envolvimento social, é claro, dentro dos padrões culturais vigentes naquele sistema urbano. Exemplos práticos seriam os próprios parques e outros espaços livres de uso público. Consequentemente, no decorrer do tempo, percebe-se que podem assumir

diferentes papéis, ou melhor, devem ser atribuídos novos usos para uma mesma estrutura. É o caso das Indústrias Matarazzo que perderam seu cunho de produção para tornar-se um espaço cultural e em nossa proposta, assevera-se a efetivação dessa realidade.

Assim, a Função, para Milton Santos, pode ser visitada como a atividade que se realiza naquele espaço específico. De fato, seu uso por meio de suas atribuições estéticas e estruturais, traz uma tendência para a ocupação e apropriação desses espaços.

A Estrutura é dependente do momento histórico, portanto mutável, evidenciando-se na relação existente entre o físico e o cultural, definindo uma composição social no espaço de tempo previsto. Assim, trata-se da organização do espaço, sua valorização dentro dos aspectos sociais entre outros, que de fato interessa na discussão pelo valor da apropriação e do retorno. E no Processo, elemento conclusivo dos demais, a história e o tempo orientam as categorias anteriores.

Ainda, conforme Milton Santos, define-se a ação humana como fundamental e decisiva sobre as alterações processuais, evidenciando-se, na nossa proposta, sobre o fenômeno de uso e apropriação do espaço, segundo suas potencialidades. Sendo assim, a Forma pode manter-se, mas Função e Estrutura podem e devem ser alteradas pelo Processo. Mas, em geral, quando se pretende alterar qualquer categoria, busca-se a mais visível (Forma) como base das alterações, isto, claro, dentro da concepção política, pois o que



se pretende é o referencial da sociedade. Neste caso a mudança salta, imediatamente, aos olhos fugazes da percepção e induz ao chamamento dos outros sentidos para o novo uso, alterados pela função e na estrutura.

E de fato, no tangenciar destas idéias, aponta a metodologia específica desse trabalho para dois referenciais mais provocativos que se tornam suficientes em nossa pesquisa de campo, para propostas de alteração do processo como um todo. As exigências apontam para a funcionalidade, parâmetro fundamental para a relação da sociedade com estes espaços específicos, que pode e deve ser revigorado através da forma, onde equipamentos e suportes necessários, estéticos inclusive, tornem o ambiente progressivamente atrativo e generoso com o usuário.

Segue, um breve roteiro prático que nos direcionou em nossas pesquisas, de uma maneira geral, apontando os caminhos que trilhamos em nossa dissertação.

**São eles:**

- Referências bibliográficas gerais e específicas do município de São Caetano do Sul.
- Identificação dos sistemas viários primários e secundários.
- Identificação dos elementos que diferenciam o Município dos que estão em seu entorno.

- Identificação e avaliação dos parques urbanos municipais
- Observar os parques urbanos inseridos na paisagem da cidade para compreender/captar a mensagem e as potencialidades.
- Propostas para um planejamento urbano privilegiando as áreas verdes de uso público e sua utilização.

#### **A prática nos informa:**

- A análise de dados é posterior ao levantamento de dados. Somente o cruzamento dos dados deduz a análise.
- A tradição no Brasil, atualmente e ressaltada pela mudança das políticas econômicas é do municipalismo. O município quer evidenciar-se. Devemos ficar atentos ao fato e evitar o personalismo.
- Para tanto, especificamente, buscamos utilizar as informações que já obtivemos na pesquisa de campo, junto à população, e, portanto, atender suas aspirações na concepção das diretrizes de revitalização do contexto municipal.
- Nessa seleção direcionamos nossas propostas para as áreas verdes inseridas nas áreas de lazer, considerando que aquelas, de fato, podem traduzir uma melhor adaptação dos usuários no município. Sentimos

desde o início que as principais atrações de lazer da cidade são esses parques, que pela desatualização de seus equipamentos vem sendo esquecidos. Sabemos pelas experiências de revitalização de áreas verdes em outros municípios que os resultados são recompensados.

- Tornou-se condição e situação, devido ao nosso conhecimento, o envolvimento para perceber o mundo segundo a ótica do interno, da visão do usuário e de sua interpretação pelo poder público.

- Percebemos, também, desde o início, envoltos na teoria e na prática que o alvo central de uma proposta de revitalização dessas áreas é o usuário atual, insistente, que continua a procurá-las apesar de suas deficiências.

No entanto, diante da falta de atrativos que abarcasse divisas com outros municípios, usuários de diversas paragens, pretendemos atender os usuários atuais, provenientes do entorno, nas suas horas de lazer. Essa constatação foi alcançada nas pesquisas de campo e o resultado desse trabalho, busca em primeiro lugar, desmistificar a imagem criada por nós, inverossímil, diante das exigências e realidades de um mercado globalizado. De fato um grande aprendizado.

### 3. A CIDADE DE SÃO CAETANO: A ESPECIFICIDADE DO ESPAÇO

#### URBANO

---

"A cidade é o palco da experiência cotidiana. A vida das pessoas, os seus projetos de felicidade e as vicissitudes transcorrem sobre o seu solo sedimentado de história e de memória, de suor, trabalho e festa".

Heitor Frugoli Jr., 1995, p. 7.

O dinâmico crescimento dessa cidade se deu das várzeas do velho Tamanduateí para as áreas altas. Justamente do bairro de origem, o bairro Fundação, seguindo para o ponto de aporte dos trilhos de trem da São Paulo Railway, paralelos a tradicional Rua Perrella, em seus meandros mais elevados, de onde tal ocupação humana caminhou rumo as encostas e áreas periféricas.

Outros roteiros de ocupação foram visíveis, principalmente entre o rio Tamanduateí e os trilhos do trem, que seguiam rumo as atuais divisas com Santo André e o Bairro Utinga. Uma tendência que deixou correr em segredo o bairro São Bento (atual Olímpico e Vila Gerti) e o bairro Boqueirão, atual B. Mauá, ocupações mais recentes.

Todos os caminhos das margens dos rios e junto à estação ferroviária, cresceram como que linearmente para o atual Centro e Bairro Santo Antonio, e

nenhum outro foco de urbanização na cidade parece ter sido tão acelerado quanto esse.

Eram como lotes devoradores de espaço livre que cresciam, rompendo todos os percalços do caminho. Não havia impedimentos, quanto a áreas de barro profundamente úmido ou quanto a momentos de profundo solo argiloso para cerâmica. Tudo ia sendo devorado pelo usurpador do espaço: o loteador.

E com isso e mesmo nessa ânsia nada restava, nada ficava imune a sua tendência. Todos, sem exceção, pareciam ter esquecido as necessárias áreas de convívio e as que restavam eram insossos recortes de lote, geralmente pensos em esquinas a abanar possibilidades de um pequeno laivo verde, onde provavelmente se ergueria uma área conhecida, vulgarmente por nós, como cantoneira.

Temos muitas pequenas praças, mas existem porque não foram disponibilizadas, enquanto venda ao lote mais próximo ou porque de tão recortado e acidentado o loteamento, geograficamente falando, somente a isso se prestavam. No entanto, alguns moradores dos lotes vizinhos se apropriaram silenciosamente desses pequenos lotes, murando-os e incorporando ao seu. A Prefeitura vem levantando essas irregularidades e retomando o espaço para a comunidade.

Mas, na verdade esses resquícios de lote tornaram-se áreas “paisagem”, adornando o espaço, mas sem uma função criativa e específica para o lazer.

Em muitas delas, mal podemos inserir bancos, tal o desenho intrincado que possuem, mas não podemos deixar de salientar que antes essa possibilidade do que nada.

As grandes áreas livres de uso público, de fato, restaram por pertencerem ao poder público ou pelo desejo de seus antigos proprietários. Dois parques, caracterizaram uma forma de uso intensivo, até a degradação, como o Parque Chico Mendes, antiga área de extração de argila da Cerâmica São Caetano. Outro, de áreas limítrofes com o município vizinho de Santo André, durante anos serviu de aterro de material inerte da Prefeitura e após esse uso recebeu, entre disputas judiciais com pretensos proprietários, a função de uma área de lazer.

Portanto, em momento algum da formação urbana de São Caetano até o ano de 1960 houve preocupação específica, denotadamente, com os parques, tornando-se fundamental que essas poucas áreas que sobrepujaram a especulação imobiliária e o viário, numa visão mais humanista do planejador, legitimassem áreas de ocupação para convívio e lazer. Muitos dirão que isso se deve à presença de áreas livres nos arredores da cidade por volta desse ano, mas era imprescindível ao visionário que prescrevesse tais recomendações, diante do crescimento urbano no interior do município em questão.

De fato, a cidade de São Caetano pouco se ocupou com os parques no passado e agora os procura desesperadamente. Somente as forças de

estranhos e intrincados métodos permitiram que cinco áreas coordenassem o atual sistema principal de áreas verdes e de lazer municipal. O fenômeno da urbanização fez de São Caetano uma área privilegiada a meio caminho de tudo, mas a especulação imobiliária esganiçou-se em ocupar cada centímetro, antes que os olhos do planejador urbano se abrissem para as necessidades reais de uma cidade, que se prepara para as mudanças, oferecendo excelentes índices de qualidade de vida (discutíveis), estimulando, diretamente, a especulação imobiliária, mas deixando de lado, em planos secundários, um item fundamental dessa pretensa qualidade, a qualidade ambiental.

A qualidade ambiental a que nos referimos ampara-se no equilíbrio entre os espaços edificados e os espaços livres, no controle polutivo e logicamente nos planos de massas vegetais e áreas de alternância de paisagem agradáveis.

Para um melhor esclarecimento, o crescimento urbano de São Caetano já estava consolidado na década de 1960. É o que chamamos de “escasseamento do espaço livre de edificações”, notório no contexto do ritmo da industrialização.



**Foto 01** – Vista aérea da região central da cidade. O adensamento urbano rumo à verticalização. Foto de Gilson C. Santos, 1998.

As pessoas que no passado dispunham das ruas tranqüilas, das calçadas convidativas, no pouco movimento de veículos, foram percebendo seus espaços reduzidos, concomitante ao seu tempo. Reduzidos para as praças e parques nas horas livres da jornada de trabalho diário.

Poucas praças são utilizadas pelo usuário para o convívio e lazer. A população não possui a tradição da praça como espaço de convívio, mesmo porque, em nosso município, a maioria tem dimensões pouco propícias para o uso completo. Alguns bancos e caminhos perfazem um circuito muito restrito, mais perceptível como marco referencial. São mais atraídos pelo contraste do visível verde próximo ao cinza do edifício e o escuro do asfalto. Hoje, apesar da queda da densidade demográfica, de acordo com os últimos dados do censo, ainda sofremos com a verticalização acentuada, disseminadas pela falta de espaço de moradia e pelas questões de segurança contra a marginalidade.



O grande tema das inúmeras discussões é como reparar erros de antigos visionários que não perceberam o que se passava ao seu redor engolindo os grandes lotes com jardins e árvores frutíferas, com o preocupante aumento da densidade demográfica, subdividindo-o e alargando os horizontes da impermeabilização do solo, do acinzentamento do verde, finalizando na monotonia da paisagem.

#### 4. A CIDADE DE SÃO CAETANO: CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS RELEVANTES PARA O ENTENDIMENTO DA PESQUISA

---

“Evidencia a capacidade de recuperação, no tempo e no espaço, de todos os erros e defeitos do ser humano, pela expiação de suas faltas, corroborando a grande verdade, que ninguém está irremediavelmente condenado pela eternidade”.  
Ernesto, *A Casa Transitória*, São Paulo: Ed. Semeiar, 1985, p. 7.

Nossa cidade encontra-se na sub-região sudeste da região metropolitana de São Paulo, denominada, comumente, de ABC. Inserida em uma área de 15 km<sup>2</sup>, localiza-se no planalto Atlântico, com altitudes que variam de 805 a 730 metros do nível do mar. O clima é tropical de altitude, com chuvas no verão e período seco no inverno. As temperaturas médias anuais estão entre 16 e 38° C, com variações pluviais entre 1300 e 1800 mm/ano (**São Caetano em revista, 1997, p. 7**).

Distante 12 km do marco zero de São Paulo, as divisas territoriais, acontecem ao norte e a oeste com São Paulo, a sul e a oeste com São Bernardo do Campo e a sul e leste com Santo André. Como curiosidade, para

situá-la, geograficamente, está a 37km do Aeroporto de Cumbica, 20km do Aeroporto de Congonhas e a 77km do Porto de Santos (**São Caetano em revista, 1998, p. 7**), o que lhe valeu desde os primórdios, a acessibilidade e a apropriação humana, como via de passagem para a Vila de São Paulo e ponto estratégico para a Coroa.

Com uma população de 140.159 habitantes (**Censo do IBGE, 2000**), sua densidade demográfica é alta, em torno de 9.343,93 habitantes / km<sup>2</sup>.



**Foto 02** – Vista aérea da região central da cidade. A verticalização como opção para a escassez do espaço. Foto de Gilson C. Santos, 1998.

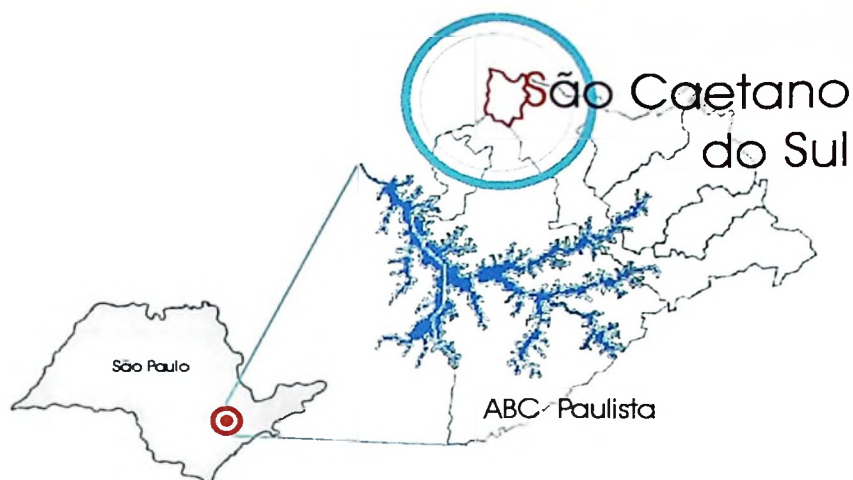
Corta o município o córrego do Moinho na extensão da Av. Presidente Kennedy (norte-sul), os córregos Utinga e Grotas (norte-sul), apontando as divisas com Santo André, o rio Tamanduateí (Av. dos Estados, no eixo leste-oeste) na divisa com São Paulo e o rio dos Meninos (eixo norte-sudeste),

sendo margeado pela Av. Guido Aliberthi, divisa com São Paulo e São Bernardo (**São Caetano em revista, 1998**), onde deságua o famigerado rio dos Couros que, oriundo das entranhas da Borda do Campo, faz parte do problema de enchentes de três bairros: Vila S. José, Jardim S. Caetano e B. Mauá.

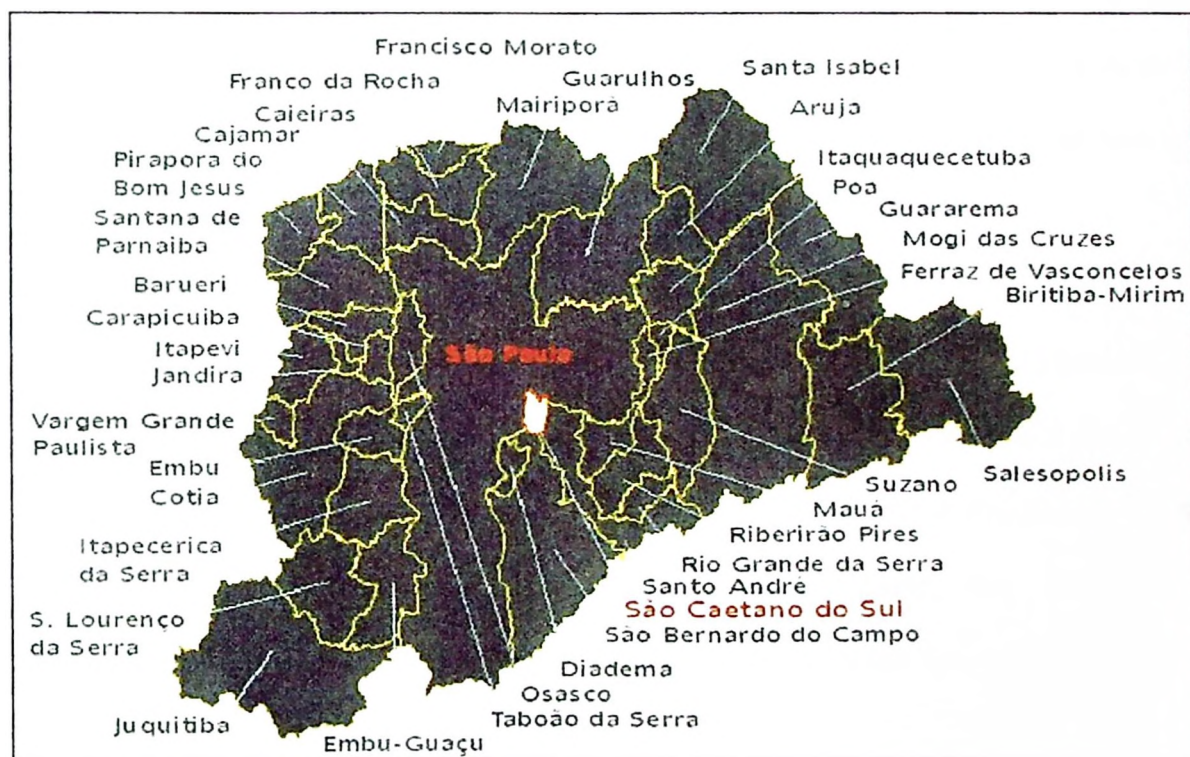
Devido a essa hidrografia privilegiada e a impermeabilização de suas várzeas para o assentamento humano e o tráfego de veículos, a cidade como outras sofre com as enchentes, nos períodos de verão, quando as chuvas fortes fazem os rios transbordarem. Felizmente, esse problema foi minimizado com as obras de reestruturação do leito dos rios Tamanduateí e Meninos. Apesar de todos os esforços, com os excessos pluviométricos, ocorrem alguns focos, principalmente, nos bairros citados anteriormente.

A acessibilidade ao município é muito fácil, para o paulistano, por meio da Anchieta, pelo município de São Bernardo, pela Estrada das Lágrimas, vindo pela região de São João Clímaco e pela Av. dos Estados. Os municípios do ABC encontram na Av. Dom Pedro II (S. André) e sua interligação com a Av. Goiás (S. Caetano) uma passagem freqüente. Ainda resta ao morador de Santo André e São Bernardo as alternativas pelo Bairro Palmares e Rudge Ramos, respectivamente.

Como todos os outros municípios, São Caetano se descaracterizou pelo crescimento vertiginoso da população, pela mudança de hábitos diante dos padrões tecnológicos modernos e da globalização e pela interferência de políticas inadequadas de zoneamento e de habitação.



**Mapa 01** – Localização do município de São Caetano do Sul no Estado de São Paulo e na Região do Grande ABC.



**Mapa 02** – Localização do município de São Caetano do Sul na região metropolitana de São Paulo. Fonte: Emplasa.

## 5. A CIDADE DE SÃO CAETANO: A COLONIZAÇÃO E SUA FORMAÇÃO PECULIAR

---

Um levantamento histórico foi necessário, à medida que analisamos a formação urbana do município, que se estruturou tangencialmente, ao redor da área central de fundação, limitado geograficamente pelo rio Tamanduateí, rio dos Meninos e o córrego Utinga e perfazendo divisas com São Paulo, Santo André e São Bernardo do Campo.

A história de São Caetano está próxima ao descobrimento do Brasil. Nos registros mais remotos, a sua origem encontra-se na vila de Santo André, fundada por João Ramalho em 1554. Devido aos ataques e problemas com os nativos foi abandonada e acabou sendo destruída em 1560.

Com os beneditinos, em 1631, ressurge no conhecido sítio Tijucuçu. A partir daí pela sua excelente localização entre a vila de São Paulo e a Serra do Mar, caminho único para o litoral, foi sendo ocupada e com a inauguração da estrada de ferro inglesa São Paulo Railway Company, em 1865 e o investimento Imperial nos núcleos coloniais, não parou mais até os dias de hoje **(Martins, 1991; Loduca, 1999; Monteiro, 2001)**.

São Caetano, em seu período colonial e posteriormente na acentuada colonização italiana, logo percebeu que não possuía vocação para a agricultura, devido ao solo extremamente argiloso, motivo pelo qual, após

tentativas frustradas, desviou-se para outra alternativa, mais viável, para a época: as empresas familiares de cerâmica.

E na trilha da expansão da malha urbana paulistana, São Caetano, então, passa a receber os incentivos da industrialização. O necessário fluxo comercial era mais favorável ao longo do eixo do rio Tamanduateí e da ferrovia São Paulo Railway, associado ao fato de tais áreas apresentarem amplos terrenos planos e baratos neste percurso de São Caetano e Santo André **(Russo, 2001)**.

Portanto, como conseqüências dessas facilidades são instaladas no início do século XX, indústrias de porte, como a Cerâmica São Caetano (antiga Cerâmica Privilegiada, 1913), trazendo o furor industrial ao já existente foco cerâmico, a Refinadora de Óleos Brasil (1922), Indústrias Reunidas Matarazzo (1926) e General Motors do Brasil (1927) **(Russo, 2001; Médici, 1993; Loduca, 1999)**. Assim, já na década de 1930, a cidade afirma-se como promissor centro industrial e naturalmente a valorização imobiliária do entorno desponta.

Nesse sentido, podemos exemplificar esses mecanismos em **Castells (1983, p.53)** que aponta o desenvolvimento desses centros urbanos através da “difusão no espaço das atividades, das funções e dos grupos, e sua interdependência segundo uma dinâmica social amplamente independente da ligação geográfica”. Dinâmica esta que alterou o caminhar da cidade e lhe modificou a conduta, visível na configuração do desenho urbano.

A real concretização do fluxo viário comercial ocorre na inauguração da Via Anchieta (1947), fazendo uma ligação eficiente entre o planalto e o porto de Santos. Uma complementação mais rápida aos fluxos principais da ferrovia **(Russo, 2001; Médici, 1993)**.

Nessa época, os índices de urbanização elevam-se e na esteira da indústria viria logicamente a proletarização do espaço. Sendo assim, começam a surgir as vilas operárias, habitações populares, denotando claramente a lógica do capitalismo. Os movimentos migratórios acentuam esse fenômeno e o exemplo claro está nas residências operárias, ainda hoje existentes ao redor das Indústrias Matarazzo. Com aproximadamente setenta casas, esse conjunto marcou definitivamente a paisagem como urbana, e o operariado encontra o bairro mais italiano de São Caetano.

E o foco da expansão urbana ocorreu, no sentido leste-oeste, à partir do Bairro Fundação, de sua Capela e seu pátio, nas confluências das atuais ruas Mariano Pamplona e 28 de Julho. Já em 1929, o centro da cidade, se desloca lentamente da atual Praça Ermelindo Matarazzo, no sentido da linha férrea, pelas Ruas Santa Catarina e Carlos de Campos, onde posteriormente foi instalada a Matriz Nova, evidenciando-se uma nova configuração espacial do centro nervoso do município **(Médici, 1993)**.

O grande recurso de matéria prima aliado as demandas do crescimento municipal e regional transformaram algumas empresas em indústrias de

renome que marcaram época, na industrialização de São Caetano. Duas delas, fincaram divisas mas sofreram o declínio nas décadas de 1960 e 1970. São elas: a indústria Cerâmica São Caetano e as indústrias Reunidas Matarazzo. Esta última diversificou seus produtos manufaturados e conquistou mercado internacional.

Com seu fechamento deixaram para trás as marcas de sua potência, em grandes pátios sem uso e bairros formados no entorno, dedicados a acolher os funcionários do setor. Ainda, hoje se nota os resquícios da dominação do setor industrial próximos a esses conjuntos arquitetônicos.

Os bairros Fundação e Cerâmica são os exemplos típicos desses territórios operários, com tipologia de um e dois pavimentos e padrões econômicos inicialmente semelhantes. Com a desativação das indústrias e a renovação urbana que se processa constantemente, novos moradores e novos padrões de comportamento vêm alterando as características tipológicas do bairro, aliado às diretrizes do plano diretor, que concomitantemente, se viu obrigado a repensar a cidade, especificamente esses setores do território. De fato, as modificações econômicas aliam-se ou se sobrepõem aos sistemas de valores sócio-culturais, promovendo a concentração ou a difusão espacial da população, apoiados sobre as potencialidades e problemáticas do território.

Mas, como nos informa **Médici (1993, p.88)**, após o ano de 1945 chegavam a cidade os imigrantes do Leste Europeu, camponeses dos estados



vizinhos e outros. Mas a presença marcante nessa época já era o nordestino. “O nordestino vinha para trabalhar...”.

A chegada nordestina antes citada, a partir de 1945, mas, principalmente, nas décadas de 1960/70 permeou alguns bairros com sua presença marcante, entre eles os Bairros Nova Gerti e São José. Mas a cultura local, resquícios da colonização européia, manteve suas influências na configuração da cidade.

Como resultado da migração, de uma maneira geral, já em território densamente povoado, sem espaços para a favelização, deu-se o incremento dos cortiços. Atualmente, registram-se, aproximadamente, 230 cortiços, aglomerando 3000 pessoas em nosso município.

Mediante as presenças já de tantos homens que fizeram nossa história, com a confirmação ainda esmagadora daqueles que desbravaram, os italianos, o ano de 1950 chega e a cidade continua sem preocupações urbanísticas ou um planejamento que direcionasse o crescimento. Já com o *status* de cidade autônoma em 1948, vamos encontrar somente em 1954 sua primeira carta de Zoneamento (Lei n º 485, de 04/10/1954). **[Dados da Diretoria de Urbanismo, Obras, Habitação e Meio Ambiente (DUOHMA) - Prefeitura de São Caetano do Sul, 2001].**

Dividiu a cidade em três segmentos: residencial, comercial/industrial e rural, confirmando a presença inicial de 12 bairros. Em 1965, o novo plano

diretor atinge uma definição mais clara, mas somente em 1967 é extinta a “zona rural” do município [Médici, 1993; Diretoria de Urbanismo, Obras, Habitação e Meio Ambiente (DUOHMA) – Prefeitura de São Caetano do Sul, 2001]. Alertamos, entretanto, que segundo a história oral, a denominação rural enquadrava-se numa formalidade remanescente do distrito, anterior ao movimento autonomista, porque há muito, desde os primórdios de sua formação, o rural não vingou. E esse rural tornou-se zona urbana residencial.

No início da década de 1970, o grande burburinho era o crescimento vertical, a presença de cortiços e a preocupação com a favelização, que foi rapidamente desencorajada. De qualquer forma, favelas não há e os cortiços, como já dissemos, são traços existentes nos bairros mais populares. Nessa mesma época, a cidade encontrava-se dividida em 15 bairros, configuração atual.

É importante citar, apesar de estar diluído no texto, que esse rareamento do espaço físico para edificações, aliado aos custos elevados dos aluguéis e do próprio custo de vida, auxiliaram na redução da taxa de crescimento populacional e hoje, segundo dados mais recentes, se mantém estável, com níveis muito baixos de evolução.

Com o passar dos anos, mais exatamente nas décadas de 1970/80, percebemos que a cidade se vê perdendo sua atividade polarizadora na indústria e busca resgatar-se rumo ao ramo terciário, da prestação de serviços.

PLA 3 - O MUNICÍPIO, SEUS VIZINHOS  
E SUA DIVISÃO DE BAIRROS

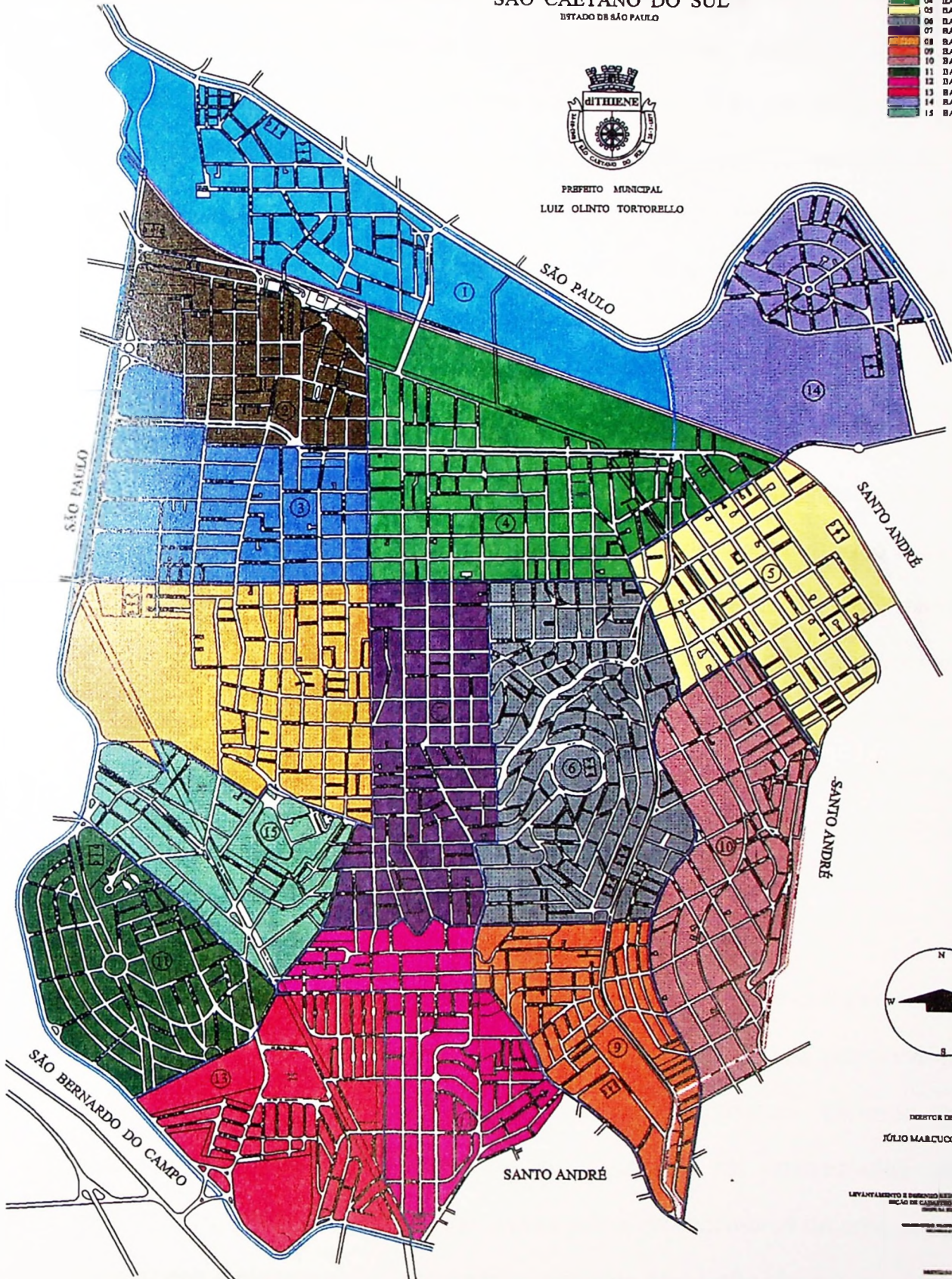
PLANTA DO MUNICÍPIO  
DE  
SÃO CAETANO DO SUL  
ESTADO DE SÃO PAULO

DIVISÃO DE BAIRROS

- 01 BAIRRO DA FUNDAÇÃO
- 02 BAIRRO CENTRO
- 03 BAIRRO SANTO ANTÔNIO
- 04 BAIRRO SANTA PAULA
- 05 BAIRRO BARCELONA
- 06 BAIRRO OLÍMPICO
- 07 BAIRRO OSWALDO CRUZ
- 08 BAIRRO CECÍLIA
- 09 BAIRRO BOA VISTA
- 10 BAIRRO SANTA MARIA
- 11 BAIRRO JARDIM SÃO CAETANO
- 12 BAIRRO NOVA GÊTI
- 13 BAIRRO MALUÁ
- 14 BAIRRO PROSPERIDADE
- 15 BAIRRO SÃO JOSÉ



PREFEITO MUNICIPAL  
LUIZ OLINTO TORTORELLO



DIRETOR DE OBRAS  
JÚLIO MARCUCCI SOBRINHO

LEVANTAMENTO E DESENHO EXECUTADO PELA INSUSALMA  
ENGENHARIA DE CONSULTORIA E PROJETO

É óbvio esperar-se o espanto diante do fenômeno da desindustrialização, uma vez que foi ela em estreita relação com a cidade que promoveram novos vínculos de produção e consumo, desembaraçaram o sistema viário em corredores fluídos para a distribuição da produção e a dispersão dos operários, rumo as suas residências. Conseqüência, o automóvel e os sistemas de transporte coletivo que asseguravam o acesso ao trabalho e ao mesmo tempo ao consumo, permitiram que o crescimento urbano se estendesse até as fronteiras do município, fomentando os bairros residenciais.

Enquanto a indústria crescia, a tecnologia e a evolução das estruturas urbanas tornavam-se mais flexíveis espacialmente, enquanto o espaço urbano ficava mais restrito, permitindo que migrassem para regiões menos densamente povoadas, onde os problemas eram menores e as vantagens cada vez maiores. Essa desvinculação das indústrias com o seu lugar, dominando o espaço pelas facilidades de fluxo da produção e das relações funcionais, permitiu que os grandes grupos partissem em busca de melhores condições econômicas e espaciais.

Para atender as necessidades físicas, nada mais a fazer que transformar os grandes lotes unifamiliares, nobres por uso e por propriedade, pertencentes a famílias ilustres em unidades multifamiliares, trocando terrenos por apartamentos. Esse processo, ainda muito comum em nossos dias vem configurando uma nova cidade, que cresce sobre os escombros de uma antiga. E conforme o crescimento se processa, atingindo áreas não tão nobres e lotes

não tão avantajados, se nota uma diminuição na qualidade das habitações que proliferam, mantendo um *status* que talvez sobreviva, somente, na memória coletiva.

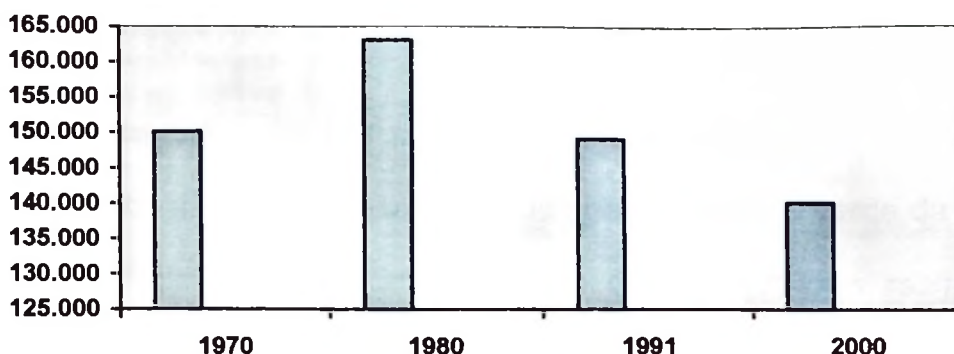


**Foto 03** – A verticalização em direção aos bairros mais tradicionais e antigos. O conflito do espaço sob a ótica da tipologia. Foto de Gilson C. Santos, 1998.

Esse crescimento urbano, propalado, ativado pela indústria e o seu declínio, podem ser bem sentidos na variação populacional, obtidas junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e anotadas abaixo:

- ❖ **1970 – 150.130 habitantes**
- ❖ **1980 – 163.082 habitantes**
- ❖ **1991 – 149.125 habitantes**
- ❖ **2000 – 140.159 habitantes**

**Gráfico 1** – Distribuição da população ao longo do período de intensa industrialização e seu declínio.



De fato, os dados conspiram a favor da veracidade da história, confirmando a assertiva que a época áurea da industrialização em nosso município, iniciou-se nos idos de 1950 e concentrou-se nos anos de 1970 e 1980, quando os fluxos migratórios estimularam-se, atraídos pela oferta de empregos. Ao contrário, na década de 1990, com o declínio das ofertas de emprego, quer seja pela robotização da indústria, ou pela saída para outros locais, em busca de melhores benefícios fiscais, a população é afetada. É claro, que aliado a esses fatores está o adensamento populacional que inflacionou o mercado imobiliário, obrigando muitos a buscarem locais economicamente mais viáveis ao seu padrão de vida.

Em 1991, o Plano Diretor, sofre modificações mais drásticas, diante dessa percepção. Na época, a densidade bruta do município, de 118 habitantes/ha (**Dados: DUOHMA – Prefeitura de São Caetano do Sul, 2001**), considerada elevada na região metropolitana de São Paulo, se depara com a total urbanização do território e escassez de terrenos para sua expansão

horizontal, deflagrando a dificuldade do assentamento populacional e o que não se dirá de espaços livres públicos de convivência e lazer. Cresceremos agora, somente rumo aos céus...

Felizmente, entre 1961 e 1999, a destinação de algumas áreas livres remanescentes de monta são desapropriadas para o sistema verde da cidade. Certamente não desejamos evocar o mérito de tais sublimes realizações, apenas, sobre os ombros de nossos preceptores políticos, mas diante das necessidades visíveis dos sistemas urbanos caóticos, claustrofobicamente enclausurados em seus volumes residenciais, industriais e comerciais, alcançados pelas grandes cidades em seu caminhar urbanista, incluindo-se o Grande ABC. Talvez por desencargo de consciência, devemos dissipar as dúvidas acerca das intenções. E para uma melhor visualização, acrescentamos um mapa de referência do Zoneamento Urbano (**Mapa 4, p.40**) com as últimas alterações nas possibilidades de ocupação.

Em resumo, todas as etapas da evolução do município, a agricultura, a indústria e as atividades terciárias deixaram marcas na estrutura urbana da cidade e na sua história. Além do centro original e do bairro Fundação se nota a presença de outros bairros marcantes, alguns, apresentando tendências de formação de novos centros, o que os teóricos chamariam de descentralização urbana.

E, mesmo com esse dinamismo interno, quando pensamos na extensão de nosso município e criamos uma imagem mental, sentimos estranhamente

que o mapa mental se encaixa no mapa real, mesmo diante das mudanças percebidas em nossas divisas e do uso e ocupação do solo. O entorno dos outros municípios divergem do contexto interno municipal, há em termos gerais uma queda qualitativa junto às edificações limítrofes e isso traduz um cordão de transição entre o município de São Caetano e outros, marcados em nossa percepção.

Contudo, o todo se manifesta performaticamente, sobretudo coerente, dentro da realidade urbana municipal. Só o usuário traduz esse contexto.



P'A 4 - USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL

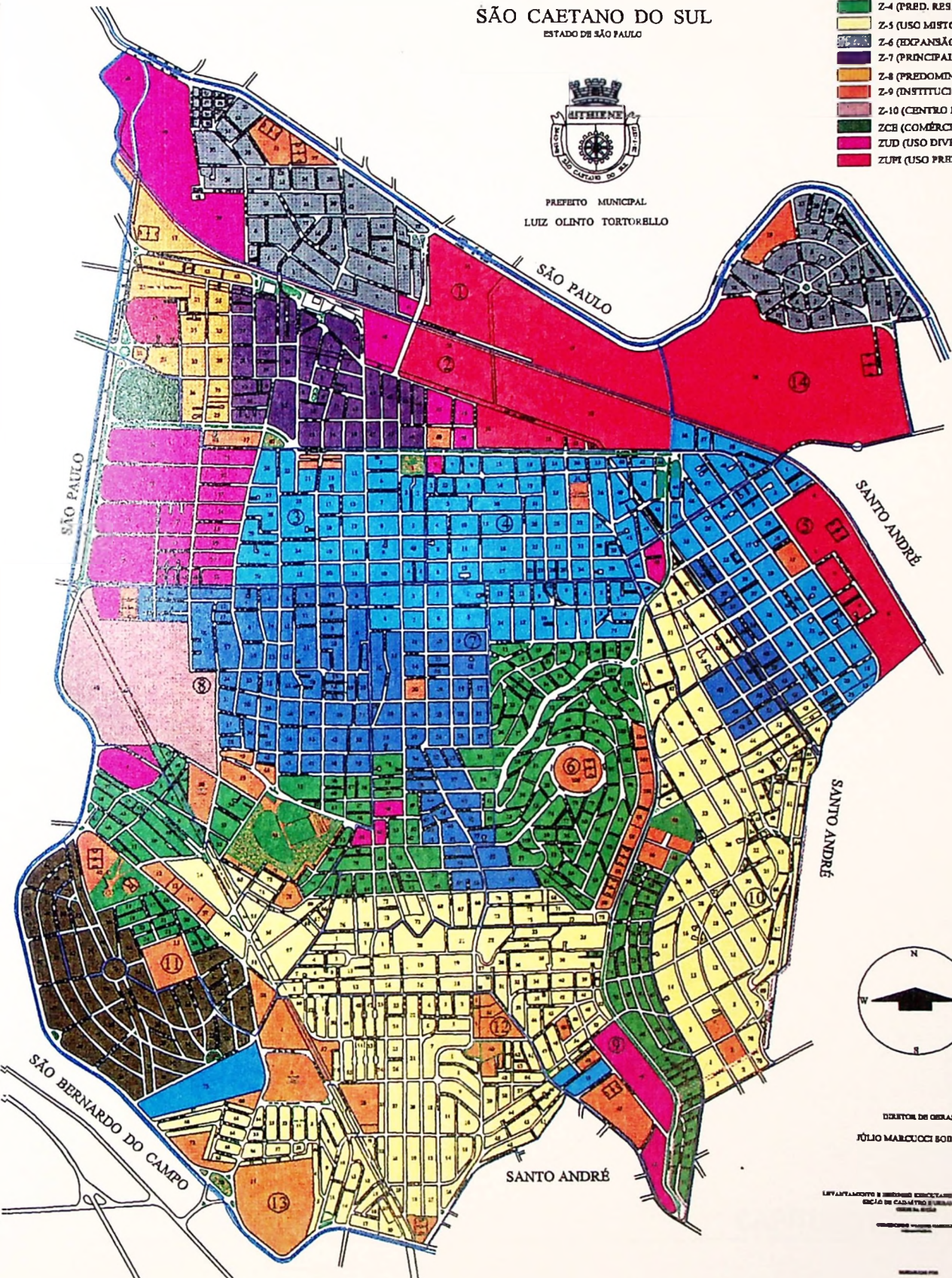
PLANTA DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL  
ESTADO DE SÃO PAULO



PREFEITO MUNICIPAL  
LUIZ OLINTO TORTORELLO

ZONEAMENTO URBANO DE SÃO CAETANO DO SUL

- LEGENDA - ZONAS
- Z-1 (PRED. RES. ALTA DENS. DEM.)
  - Z-2 (ESTR. RES. BAIXA DENS. DEM.)
  - Z-3 (PRED. RES. MÉDIA DENS. DEM.)
  - Z-4 (PRED. RES. BAIXA DENS. DEM.)
  - Z-5 (USO MISTO BAIXA-MÉDIA DENS. DEM.)
  - Z-6 (EXPANSÃO DEMOGRÁFICA)
  - Z-7 (PRINCIPAL CENTRO COMERCIAL)
  - Z-8 (PREDOMINÂNCIA COMERCIAL)
  - Z-9 (INSTITUCIONAIS)
  - Z-10 (CENTRO EMPR. B. CERÂMICA)
  - ZCB (COMÉRCIO EVENTUAL)
  - ZUD (USO DIVERSIFICADO)
  - ZUPI (USO PRD. INDUSTRIAL)



DIRETOR DE OBRAS  
JÚLIO MARCUCCI BOBRINHO

LEVANTAMENTO E REVISÃO EXECUTADOS PELA ESCALA DE CADASTRO E URBANISMO

**CAPÍTULO SEGUNDO**

---

## CAPÍTULO SEGUNDO: O ENTENDIMENTO

---

### 1. CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO: OS PARQUES URBANOS

---

Nesse momento, qualquer iniciativa do planejamento urbano buscaria perceber a presença de áreas livres específicas para a descentralização (distribuição mais equitativa dos espaços de lazer ao longo da cidade), reestruturando-as, internamente, para atender o público e a formação de um conjunto integrado e constantemente monitorado pelo poder público.

Essa discussão, em questão, revê os espaços livres de uso público do município de São Caetano do Sul, analisando, especificamente os parques urbanos, considerando-os como áreas de lazer e espaços verdes, dadas às características do município que descrevemos, sua localização e o arrojado crescimento imobiliário do setor. Difícil envolver-nos sem pressentir que as áreas deveriam ser mais verdes, por uma simples questão ecológica de reposição de áreas permeáveis e nichos do que para o próprio lazer.

Mas a população necessita desses espaços no seu cotidiano, dadas as avaliações empíricas elaboradas que demonstram uma população local, envolvendo-se nesse ambiente e usando-o sem discussão. Convém saber se o espaço comporta e é útil a população, atendendo suas exigências e abarcando as questões naturais do meio físico.

**Castells (1983, pp.56/57)** nos alerta para isso quando diz: “a integração ideológica da classe operária na ideologia dominante, caminha junto com a separação vivida entre atividade de trabalho, atividade de residência e atividade de” lazer “, separação esta que esta na base do *zoning* funcional da metrópole. A valorização da família nuclear, a importância dos *mass media* e o domínio da ideologia individualista agem no sentido de uma atomização das relações e de uma segmentação dos interesses em função de estratégias particulares, o que, ao nível de espaço, traduz-se pela dispersão das residências individualizadas, seja no isolamento do barraco ou na solidão dos grandes conjuntos”.

“Uma abordagem interativa na proposta” transformou-se no corpo dessa dissertação, tendo como objetivo melhor explicar sobre os parques públicos urbanos de São Caetano, elencando como decisivas as avaliações diretas e os diagnósticos desses espaços, quanto ao seu uso pelos cidadãos e, nesse sentido avaliamos as necessidades principais de seus usuários. Em seguida, propomos diretrizes para a revitalização desses espaços em consonância com a opinião pública e dedicamos momentos ao (re) planejamento urbano quanto às áreas verdes citadinas. Assim, faremos uma releitura dos diferentes usos e funções dos parques da cidade e os motivos pelos quais alguns são muito procurados e outros não. A partir disso, e das informações obtidas ao longo dos diversos anos como funcionário do Departamento de áreas Verdes de São Caetano do Sul, repensaremos essas concepções, buscando manter os padrões naturais (as propriedades ecológicas) e o aproveitamento de duas áreas desativadas, promovendo uma ligação e interação com o todo municipal.

Esse enfoque tem coerência com a importância dessas áreas na cidade, também pelo vislumbre de quebra de cadência na paisagem. E diante desse conceito fundamental na percepção do urbano, notamos sua funcionalidade nas diversas tramas do cotidiano, principalmente nas variações temporais (dia, noite, inverno, verão, férias, dias comuns, entre tantas), mostrando diferenças, segundo os fluxos de movimento e unidades de vizinhança. Já a estrutura da paisagem altera-se conforme ocorrem mudanças nas formas concretas de seu espaço. Portanto, nossa atitude, junto aos parques torna-se funcional, na espacialização, pois pretendemos atividades diversificadas, atrativas para o povo, relacionando seu sincronismo com a estrutura sócio-econômica e política do município. O próprio **Santos (1997, p.73)** afirma que "a paisagem é coisa, a espacialização é funcional e o espaço estrutural".

**Consequentemente nossa proposta será muito mais funcional do que estrutural.** Pretendemos reavaliar e redefinir usos e funções e propor novos modelos aos espaços visitados. Diante das evidências anotadas nos atuais usos dos parques urbanos e das necessidades dos usuários, inseridos nas características urbanas da cidade em estudo, dos avanços que certas modalidades de lazer fazem e sequencialmente outras não emplacam sentimos que, a premente necessidade dos usuários diuturnos está em espaços verdes que combinem o lazer, definindo **pontos de amenidades**, ao longo do cansativo caminhar das fachadas de prédios e o escuro asfalto que recobre nossas pistas na totalidade.

Encontramos mesmo uma restrição muito grande quanto a uma série de empreendimentos comerciais que efetivamente não se elegeram na cidade, devido a falta de interesse dos usuários, como por exemplo os clubes noturnos, as danceterias e similares, ao passo que clubes recreativos, investindo nessas nuances, além das atividades comuns de um clube, conseguem, principalmente junto ao público adulto, sucesso em bailes e jantares dançantes esparsos. Um clássico exemplo caseiro foi a criação pelo município de dois clubes de terceira idade, impulsionando esse grupo bastante numeroso (cerca de 30% da população), semanalmente, a vários bailes na cidade. Mas, os mais novos não se interessam, logicamente, e são as lanchonetes, as chooperias e os bares de calçada que fazem o grande movimento da cidade. O domingo à tarde é extremamente movimentado na Av. Goiás, em sua passagem pela área central da cidade, encontrando grandes grupos de adolescentes e pós-adolescentes, alguns já balzaquianos, em agitadas conversas ao ar livre nas calçadas. Muito interessante esse movimento que lembra, é claro, numa versão *hi-tech*, o *footing* nas praças interioranas de antigamente, em busca de amigos e flertes.

Diante desses fatos e de suas imbricadas movimentações pelos espaços públicos, apropriando-se dos canteiros centrais de avenidas nos finais de semana e dos largos e praças nos percursos mais procurados do meio urbano, pela convivência e interatividade, sentimos desde os primórdios urbanos a carência por espaços de sociabilização, na industrialização que se reverteu e foi embora, e nos livres espaços que foram aos poucos recuando, diante dos alicerces que emanavam dos contratos de loteamento.

Há hipóteses para o sucesso ou a frustração de alguns projetos e devemos considerar. Nesses novos tempos, a grande variação de formas de lazer e divertimentos que surgiram podem ter deslocado o usuário do espaço do parque, se bem que sabemos que o parque oferece uma gama de opções que não encontramos nas outras esferas de lazer. E especificamente, as variações no uso interno dos parques se dão, porque o poder municipal investiu tarde em novos parques e na revitalização de alguns já existentes, ficando outros relegados, causas e conseqüências aparentes no estado de conservação e na apropriação.

Considerando, ainda, as porcentagens de áreas verdes de nossa cidade muito abaixo de índices comentados, erroneamente, como ideais ( $12\text{m}^2/\text{hab.}$ ), não concordamos com a expressão social desse índice e de outros, que nada funcionais, não exprimem as reais necessidades ecológicas do lugar; mesmo que este lugar seja o espaço urbano. Conseqüentemente, preferimos nos preocupar com a estruturação de um sistema urbano abrangente e atuante. Compreender os parques, somente como áreas de conservação ou longe do usuário seria contra-senso em nossa discussão, com referência ao espaço como equipamento de socialização e educação. Sempre nos perguntamos onde encontrar a receita correta entre o equilíbrio do urbano com o seu usuário e daquele com o ambiente que o acolhe. As questões ecológicas, extremamente importantes, permearão toda nossa discussão, mas nos situaremos, basicamente, em nossos objetivos primeiros.

E condição *sine qua non*, o recurso da descoberta dos espaços livres e verdes, diante do conjunto, sustenta uma diluição da rotina estressante, da bagagem cotidiana, esperados como oásis no mercado desértico das incertezas mundiais. Advém da dinâmica gerada entre espaço e sociedade no seio da industrialização, suscitando a claustrofóbica sensação causada pelo espaço físico, perdido no gritante adensamento populacional, que impulsiona o pensamento para os espaços livres de uso público exíguos e somente perceptíveis nas praças e parques urbanos.

E esses espaços são públicos, de uso coletivo, nessa particular sociedade bairrista de classe média, com bom poder aquisitivo. Corresponder ao momento operante nos faz rever posições urbanísticas interessantes. Todos os grandes projetos buscam desafogar o trânsito, trazer o morador para o bairro e assim por diante. Mas essa cidade, além de via de passagem e economicamente bem sucedida, encontra-se afogada em seu próprio crescimento.

É claro que grandes melhorias poderiam ser feitas com a introdução de novos equipamentos e projetos. Mas seria fundamental reestruturar, expandir essas áreas e deslocar o foco de atração desse veio central para mais pontos periféricos e assim formar uma rede de áreas disponíveis para a população. Uma rede permeável que avançaria, propiciando uma referência positiva na paisagem, no próprio ambiente urbano e nas condições sociais mais adequadas.



Considerando que a cidade suporta uma infinidade de atividades que geram transformações, num dinamismo constante, e supondo que a história explica a configuração presente, valemo-nos dela para compreender os fatores que produzem a situação atual e explicar um pouco mais sobre a cidade em estudo.

**Santos (1990)** nos informa que somente a partir dos anos de 1950 se nota uma tendência mais efetiva de aglomeração no contexto urbano. Essa tendência é chamada por ele de Urbanização Aglomerada, na qual o aumento do número de habitantes é oriundo do aumento de natalidade e dos processos migratórios. O passo seguinte se chamaria uma Urbanização Concentrada com a multiplicação das cidades de tamanhos intermediários até chegarmos ao processo final denominado metropolização, com grandes cidades em torno de 500.000 habitantes. São Caetano se insere no contexto das palavras de Santos, com 140.159 habitantes e como dito anteriormente, o processo de industrialização, também, aqui se efetivou na década de 1950.

Na década de 1960, os limites físicos entre os municípios ao redor de S. Paulo ainda eram visíveis, atualmente a divisão é só institucional, devido a conurbação ocorrida nos últimos trinta anos. A integração física é acompanhada da movimentação dos residentes entre as cidades por trabalho, estudo, saúde, consumo, entre outros.

A fase de crescimento demográfico chega ao ápice quando se atinge a cifra de 163.000 habitantes, no final de sua era industrial. Com a

desindustrialização, o aumento dos custos habitacionais, os altos valores pagos em condomínios de edifícios de padrão médio, o abusivo valor exigido pelo mercado imobiliário e o alto custo de vida definiu uma queda, estacionando a população nos patamares médios já citados (**Gráfico 1, p.37**).

Nessas transformações, as atividades terciárias assumem a liderança da vida econômica e social do sistema urbano, as quais se ligam segundo diversos níveis de inter-relação e de controle. Essa mudança de características é percebida claramente na pesquisa sócio-econômica a seguir:

**TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE MÃO-DE-OBRA RESIDENTE OCUPADA ENTRE 1989 E 1997.**

<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>1989</b>	<b>1997</b>
<b>Indústria</b>	<b>46,5</b>	<b>27,4</b>
<b>Comércio</b>	<b>12,7</b>	<b>19,6</b>
<b>Serviços</b>	<b>40,8</b>	<b>53,0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**FONTE:** IMES – PESQUISA SÓCIO-ECONÔMICA DO ABC (setembro de 1987 a março de 1997). Extraído de São Caetano em Revista, ano II nº 2, agosto de 1998, p.41.

A chamada vocação industrial, caracterizada nas últimas décadas, modifica-se atualmente em função dos novos rumos da economia nacional e

internacional, procurando alternativas de implantação de novas atividades voltadas ao fortalecimento do setor terciário. Essa derivação de atividades profissionais e da própria personalidade do município de setor secundário para o terciário, mostra-se na **tabela 1**, na ascensão do comércio e serviços nos últimos oito anos.

Devido a isso, os projetos para manutenção e ampliação de níveis produtivos e de qualidade de vida concentrar-se-ão naturalmente no setor terciário, encaminhando-se para atividades intensivas e tecnologia de ponta que não necessitem grandes espaços físicos. É o caso, entre outros, da eletrônica, informática, centros de pesquisa e de desenvolvimento de materiais, processos e produtos ambientalmente favoráveis.

A rapidez das mudanças tecnológicas e urbanas exige interação, compromisso com os programas educacionais, saúde, culturais, políticos e econômicos. Sendo assim, o desenvolvimento do município está diretamente associado a questões governamentais, a condições e circunstâncias regionais e a interesses municipais.

Mas, mesmo nessa vertiginosa dinâmica mutacional, ainda mantém seu aspecto de cidade interiorana e com serviços excelentes de limpeza pública, áreas verdes e manutenção, bem como educação e segurança, postos de saúde e três hospitais.

Essa prospecção de vila, onde o tempo histórico traz um saber da vida de todos, um conhecimento entre os moradores, uma intimidade maior, permite que as pessoas se relacionem mais facilmente e esbocem suas necessidades e carências. De certa forma, o morador sente-se amparado dentro do ambiente familiar e onde é conhecido. As mudanças vêm causando um *non sense* nessas relações.

Os dados dos últimos censos do IBGE, no entanto, trazem uma visão definida, mostrando um declínio demográfico e econômico em função do esvaziamento fabril. Várias fábricas têm se mudado e os únicos espaços para possíveis propostas futuras, hoje, são dos velhos galpões das Indústrias Reunidas Matarazzo, Coferraz e Cerâmica São Caetano.

Essa compreensão nos permite apontar algumas perspectivas futuras para o planejamento urbano de São Caetano, principal e essencialmente no que tange as áreas verdes, cada vez mais valorizadas pela população, propondo um novo entrosamento entre uso e conservação.

Sabemos que nossas divisas se expandem e se contraem em função das relações comerciais, como nos ensina a geografia política, e porque não dizer também por meio do lazer. Não divisas visíveis, mas atrativas, que promovem o movimento de grupos para o interior do município e permite o acúmulo de divisas, embasamento teórico importante para os fundamentos políticos e econômicos.

De qualquer forma, nossa proposta existe, e no caso do malogro, ainda continuamos amparados pelas palavras de Yáziqi (1999b p.19), quando diz: “no âmbito das cidades, verificou-se uma igualação medíocre do ambiente construído. Muitos, anestesiados pela familiaridade (pois nasceram no lugar e não conhecem outros), acabam indiferentes a esta característica, mesmo como fator de valorização do seu próprio cotidiano – que devia mesmo estar acima da intenção turística”.

O que nos preocupa de fato é a banalização do mundo moderno, na insistente tendência consumista estipulada e estimulada por um grupo dominante, onde não se questiona os tenazes tentáculos que hoje assediam e devoram a cidadania deste país. Atrás de todo o desenfrear de descobertas e buscas esquecemos a convivência com o simples e alteramos a realidade, através de uma tecnologia necessária, mas nem sempre voltada para as exigências sociais e morais, refletindo uma indiferença atroz no que vai ao pensamento do indivíduo e da coletividade.

Esse consumismo se instala por meio do desejo, da desenfreada busca de tornar-se igual aos que retêm objetos de nosso desejo. Buscamos incessantemente, diariamente, nossos valores no cerne material e a sociedade capitalista, de posse desse conhecimento, erigiu templos para nos mostrar em belas vitrines nossos mais suados desejos.

Os *shoppings*, os gigantes mercados e as redes virtuais impregnam nossas membranas oculares com imagens paradisíacas e tecnológicas. O culto

ao corpo, ao belo, a musculatura, a barriga definida, enfim, conduzem-nos as academias e por incrível que pareça, aqueles que possuem ou não poder aquisitivo, ao parque urbano.

Uma onda modernosa, na valorização do visual, leva-nos ao descobrimento dos espaços para o corpo e atividades como malhar, correr, relaxar, *yoga* e *tai-chi-chuan* se realizam alegremente nos parques. O mundo todo valoriza a beleza física e todos buscam-na na teoria da ginástica, do Dr. Cooper, e dos simbólicos "rambos". Esse parâmetro enfim redefiniu o uso e a apropriação dos parques mais acirradamente nos últimos 20 anos, permitindo que as áreas públicas utilizadas para essa finalidade fossem revitalizadas. A busca pela saúde promoveu o parque e a busca pelo lado espiritual exige a presença da natureza na estética das árvores e no canto dos pássaros. Finalmente, o parque, símbolo do lazer, volta a ser símbolo do saudável.

## 2. O SURGIMENTO DOS PARQUES PÚBLICOS URBANOS NO MUNICÍPIO:

### JUSTIFICATIVAS GERAIS

---

As questões fundamentais desse estudo residem na abordagem da estrutura funcional da cidade sob o prisma contemporâneo e sua viabilidade para o lazer, buscando as raízes dos fatos em outras épocas, para a compreensão da situação espacial atual e a elaboração de propostas coerentes.

No município de São Caetano, como na maioria das cidades, a necessidade tanto de um rápido desenvolvimento industrial, como de sua distribuição intra-urbana, provocou diferenciações, inicialmente, em termos de ocupação por renda, estimuladas pela especulação imobiliária, mas que ao longo dos anos sofreram grandes mudanças.

Quando a cidade se expandiu, deixou no seu interior pouquíssimos espaços vazios nos seus 15km<sup>2</sup>, pouco restando para funções comunitárias, devido à pouca preocupação de seu planejamento urbano com o conjunto. Certamente, com a especulação, foram reservando como sistemas de áreas verdes, "bicos de loteamentos", que sobrando iam se tornando depósitos de lixo e escombros, assolando os moradores que sentiam nisso um desleixo do serviço público.

Jamais perceberam que eram eles mesmos, dia-a-dia, que depositavam nesses locais os excedentes de seu próprio planejamento. Mas as décadas de

1980 e 1990 foram, satisfatoriamente, preocupadas com a destinação desses ambientes e se criou, ao longo do tempo, pequenos jardins arborizados ou praças com áreas de descanso e caminhada. Todo um conjunto de pequenas áreas verdes veio compor novas áreas para a população, ao menos alterando positivamente a paisagem.

Mas o que nos levou a ter de fato apenas cinco áreas significativas pelo porte de espaços livres de uso público e dossel de árvores, foram os avanços ocupacionais para a habitação, voltados para o assentamento dos trabalhadores, numa região próspera (ABC) com suas grandes indústrias automobilísticas e periféricas, fechando rapidamente o cerco na ausência de preocupações urbanísticas secundárias. Sobre essas áreas, ainda remanescentes do processo de ocupação imobiliária, restrita nas mãos de proprietários abastados ou pertencentes ao poder público, recaiu tardiamente, a vocação para os parques. A população cresceu aceleradamente nos picos produtivos industriais e concentrou seus moradores nos centro-corredores internos e externos, nas interfaces nervosas do ABC com a Grande São Paulo. A acessibilidade para a busca do lazer e da cultura apontou os espaços mais próximos dos vasos comunicantes da metrópole.

Esse crescimento intenso caracterizou a área central da cidade, ponto de partida da urbanização, com poucos espaços livres em forma de praças e pequenos *boulevard* (pequenas praças em áreas de passagem com espaços estáticos).



A ocupação foi tão rápida e radial, abandonando o Bairro Fundação, agora isolado pela estrada de ferro, saindo da região central (antigo centro) e estendendo-se como um polvo em todas as direções, principalmente no sentido sudeste e difundindo-se para nordeste e noroeste, além do sentido de pressurização dos crescimentos loteados das cidades lindeiras, em que não restaram tempo e espaço para os índices da favelização. Foram pressões de explosão interna conciliada a pressões de explosão externa, oriundas do crescimento populacional das cidades do entorno.

Portanto, como promover um planejamento urbano, buscando uma melhoria da qualidade de vida, inclusive com belíssimos projetos arquitetônicos e paisagísticos, se desconhecemos as regras que geraram a estrutura atual?

Antes de qualquer coisa, ao abordarmos tal tema, devemos ter em mente o cidadão, ou melhor, o homem, para em seguida compreender-se a manipulação do meio e conseqüentemente reconhecer nela nossos erros.

É também preciso que o cidadão compreenda a estrutura da cidade onde mora, mas principalmente sinta-se bem dentro dela, e o planejador conheça estas relações entre homem – cidade e suas características para poder compor o projeto sem alterar esta compreensão bruscamente.

Esses mecanismos do processo histórico da urbanização demarcaram novos lugares (no tempo e no espaço) trazendo o sentido de pertencer, o sentido de identidade. Conseqüentemente, a revitalização dessas áreas deve

estar em constante interação com a contemporaneidade dessa percepção, na qual parâmetros simples podem levar a compreensão dos símbolos e dos elementos que devem ser lembrados e preservados numa construção do espaço para o presente e para o futuro.

**Santos (1997a, p.61)** já nos alertava para isso quando definiu que “todos os espaços são geográficos, porque são determinados pelo movimento da sociedade, da produção”.

E como nos aponta **Ansarah (1996)** é possível perceber nas manifestações culturais nos mais variados planos, desde a erudita até a popular, as expressões de massa inseridas no cotidiano, a contribuição em todos os aspectos para uma definida identidade do lugar e de uma nação.

Podemos inclusive, ressaltar os elementos culturais por meio da simbologia, festas e monumentos. Se essa atribuição recair sobre o Estado é necessário que se reveja seu modo de intervir e, conseqüentemente, ficaremos muito distantes da realidade do município. Em nosso entender, somente a compreensão regional, a partir da ótica municipal, pode intervir favoravelmente em mudanças no urbano. Uma política de diretrizes estaduais é conveniente, uma vez que a normatização de atitudes e consensos para atender o todo devem ser obedecidos por uma questão lógica de ordenamento e planejamento.

Segundo alguns autores consultados (**Jacobs, 2000; Virilio, 1993; entre outros**), a única saída para o embate do desespero imobiliário e do crescimento verticalizado, elemento de conturbação do planejamento, é reabilitá-lo, integrando o novo e o velho como solução para a dinâmica da sociedade capitalista. Muitas vezes esbarramos não somente nas exigências mercadológicas como em exigências de grupos específicos com propostas localizadas.

**Santos (1996b, p.95)** nos diz que “a urbanização empreendida sob o comando dos interesses das grandes empresas, constitui um receptáculo das consequências de uma expansão capitalista devorante dos recursos públicos, uma vez que estes são orientados para os investimentos econômicos em detrimento dos gastos sociais”.

Ainda segundo **Santos (1996b, p.96)**, a “especulação imobiliária deriva da conjugação de dois movimentos convergentes: a superposição de um sítio social ao sítio natural e a disputa entre atividades ou pessoas por dada localização”. Temos, portanto, duas cidades: a econômica e a social e todas as atenções se voltam para a primeira. Certamente se atendeu outros interesses que não as propostas de lazer.

Exemplificando esse contexto, com o advento de algumas modernidades como o automóvel, talvez o elemento mais conflitante do século XX, os espaços livres de edificação passaram a ser prioridade deles e não do pedestre, independente de fluxos e necessidades previstas. O uso cada vez

mais comum associado às facilidades de aquisição trouxe o automóvel para todas as camadas sociais e vemos, freqüentemente, veículos circulando com uma única pessoa.

E a municipalidade, o Estado privilegiou esse avanço tecnológico, apropriando-se dos espaços livres para atendê-los. Muitos locais públicos sofrem a agressão da desapropriação para a apropriação de uma nova passagem, quer seja uma rua, uma avenida ou uma auto-estrada. De fato, o grau hierárquico referente à via não nos interessa; o que se percebe é que o privilégio das áreas de lazer de fato não existem.

É a expressão clara do cotidiano contemporâneo, vislumbrando uma paisagem carregada de artificialismos que descaracterizam os espaços públicos urbanos voltados para o lazer, rompendo com a escala do pedestre e dificultando a acessibilidade.

Felizmente essa situação esta se modificando e em São Caetano é hoje uma realidade, bem como a conservação dos traços culturais da sociedade, com uma inovadora e espantosa preocupação com o lazer e conseqüentemente com os parques urbanos. Uma das causas primeiras esta em sua forte tendência para a função residencial, concretamente agradável aos moradores, sendo fundamental na identificação do lugar e na composição de espaços complementares ao fenômeno-moradia. De fato, os espaços de lazer tornam-se parte integrante de qualquer programa de necessidades nesse sentido.

É claro, que qualquer alteração estrutural da cidade necessita desse entendimento, compreendendo que a tecnologia, o adensamento e as mudanças no sistema econômico funcionam como catalisadores dos fenômenos mutacionais dessa sociedade (Santos, 1997a). E, infelizmente, muitas vezes o que se quer é apenas o novo, a novidade, preterindo-se à preservação e à história. Como ocorreu em São Paulo, também aqui já se perdeu muito e nos resta rever o que sobrou. Reaproveitar prédios históricos ou áreas livres remanescentes, mudando-lhes a função sem alterar seu conteúdo arquitetônico pode ser uma solução conciliadora.

A grande fábrica dos Matarazzo, dentro de nosso município, conserva apenas sua fachada toda revestida em cerâmica e acrescenta a cidade suas ruínas. Aventamos aqui uma proposta teórica para o lugar, um espaço cultural com características de parque, estruturando seus grandes espaços compartimentalizados para permitir que os eventos da cidade e as festas tradicionais ocorram em suas dependências. Assim alcançamos uma elevação na qual, além de preservarmos parte da história da Indústria, podemos atender a população em suas exigências pelo reuso e suas novas funções.

Essa análise do sistema de áreas livres e verdes, especificamente os parques urbanos convencionais de nosso município, leva-nos a compreender que a presença dessas áreas no sistema urbano, apesar de figurar entre um dos elementos essenciais da qualidade ambiental, só poderá ser considerada de fato útil quando permitir sua apropriação pelo uso. Acarretará dessa forma

sua conservação pelo interesse da comunidade e do poder público, enquanto interesse do conjunto. E é nesse contexto que os parques de São Caetano surgiram e se confirmaram na percepção da população. O poder público, diante dos fenômenos de apropriação, resolveu investir em tais áreas, percebendo os aspectos positivos dessa intervenção.

De fato, esses parques urbanos sem a presença dos usuários perdem o significado. Para tanto, bastaria que tivéssemos conseguido manter reservas da fauna e da flora em pontos estratégicos de cada domínio brasileiro. Expressões como nidificação, reprodução e continuidade de espécies são comuns dentro do linguajar técnico, nos padrões de áreas de conservação ecológica. Muitos ainda enxergam os parques urbanos públicos, apenas como parte dos espaços livres de urbanização, áreas de contenção da flora e permeável para as chuvas. Podem e devem inserir tais características em suas definições, mas não só cumprirem esse papel. Devem, sobremaneira, tornarem-se úteis ao contexto urbano e ao cidadão, diretamente.

Sabemos que as suas funções ambientais, relacionadas à permeabilidade do solo em seus perímetros, a valorização visual e estética, as questões de quebra-ventos e retentores de poeiras, bem como amenizadores do microclima interno e do entorno, guardando-se, logicamente, as devidas escalas e limitações destes desempenhos, incrementam os programas de necessidades desses espaços.

Mesmo com a padronização dos parques e áreas verdes de uso público, nas concepções arquitetônicas nos idos de 1960, o que nos levou a uma sequência de continuidade de equipamentos nessas áreas em todo o país, a comunidade aprendeu a utilizar e usufruir desses espaços. Esses parques convencionais, geralmente, são superados pelos parques temáticos, com mecanismos mais empolgantes e atrativos definidos.

Como citado na introdução, os parques convencionais são parques públicos urbanos que congregam em seus limites físicos elementos do lazer ativo e do lazer passivo. Assim é comum encontrar em seu interior quadras poliesportivas, *playground* e áreas de caminhada (ativo), bem como vegetação arbórea e arbustiva com espaços estáticos, supridos de bancos para o descanso e a contemplação (passivo). Os parques temáticos, geralmente particulares, possuem elementos de diversão associados a um tema - chave que estrutura todo o parque. Podemos exemplificá-los nos conhecidos Play-Center e Parque da Mônica, localizados na cidade de São Paulo e o Hopi-Hari no interior do Estado.

No entanto, tais parques temáticos exigem dispêndios econômicos por parte de quem os usa e se tornam esporádicas as visitas. Consequentemente, grande parte da população utiliza-se desses parques convencionais, principalmente nos finais de semana, e eventualmente, freqüentam os parques temáticos.

Sendo assim, os parques urbanos convencionais são formas de lazer disponíveis para todas as classes sociais. Mesmo as classes mais abastadas utilizam-se desses mecanismos para práticas desportivas como ginástica, caminhadas diárias e, geralmente, evitam as atividades nessas áreas aos finais de semana, quando há uma concentração maior de usuários. Portanto, percebe-se uma tendência da estratificação social no uso dessas áreas, promovendo, mesmo que discretamente, formas de discriminação de classes.

São Caetano ao contrário mantém sua clientela ao longo da semana e sazonalmente. Ocorrem mudanças atribuídas as épocas do ano e também a critérios culturais, como férias escolares e feriados prolongados, quando muitos acorrem ao litoral ou aos inúmeros loteamentos rurais em busca de mudanças na paisagem.

**Ferrara (1993 p.125)**, nos diz que "nos encaminhamos para um cotidiano vivido mecanicamente à mercê de normas arbitrárias, elaboradas longe da realidade existencial. Não se processa a transformação social, porque não se cria significado do lugar urbano como coletivo, capaz de elaborar, argumentar e produzir idéias e ações, embora contraditórias". É preciso, urgentemente, perceber que a relação entre o homem e seu entorno é uma interação dual e, acima de tudo, muito real, geradora de desenvolvimento e, principalmente, de mudanças que precisam ser vivenciadas no cotidiano e interpretadas pelo poder público no intuito de absorvê-las e permitir a diversidade dos usos do espaço público.



E dentro dessa análise, buscamos conformar um vivenciar coletivo, humanizador, por meio do trinômio abaixo que permite compreender e definir alterações no uso, considerando os padrões de comportamento conhecidos que abalizaram nossos trabalhos. Segue abaixo esquema de entendimento para os parques do município:

**EDUCAÇÃO → CONVÍVIO COM NORMATIZAÇÕES →  
COMPORTAMENTO = APROPRIAÇÃO.**

- **Educação** – Educação, principalmente a ambiental, sendo propalada nas escolas municipais, estaduais, coordenados pela Escola de Ecologia (inserida no Parque Botânico Jânio da Silva Quadros).
- **Normatizações** – existentes já nos parques, conforme orientação e controle dos próprios funcionários dos parques e pela guarda civil municipal.
- **Comportamento** – resultado da soma do aprendizado doméstico, escolar e dos padrões de comportamento já veiculados pela sociedade nos espaços públicos coletivos percebidos em São Caetano.

### 3. FLUXOS E MOVIMENTOS DA CIDADE DE SÃO CAETANO

---

As necessidades de uma cidade, e entendam bem, cidade como São Caetano, apesar de tão próxima de São Paulo, ou como se costuma ouvir, no cerne da megalópole, devem ser tratadas e entendidas como organismos totalmente diferenciados. Possuem comportamentos, fluxos, funcionalidades diferentes dos grandes centros urbanos.

Já se expressou a necessidade de encarar determinados componentes da vida orgânica de uma cidade de forma holística, prevendo conjuntamente na rede regional e chegando a acordos que viabilizem as cidades. Exemplos típicos são os automóveis, que precisam de sistemas integrados e cooperação mútua para fluir entre as diferentes cidades. Mas fazem apenas parte de uma vertente urbanística, muito requisitada e visitada, dentro de um enorme caleidoscópio que é a própria cidade. A funcionalidade está arraigada no funcionalismo e não presa a um único tema.

As transformações que as grandes cidades sofreram atuaram na estrutura urbana de São Caetano. De fato, a cidade sofreu e sofre o declínio do centro tradicional, talvez não propriamente no contexto físico, mas da mobilidade, dos fluxos e funcionalidade, perdendo forças no sentido dos bairros em novas centralidades, agora relativizadas.

Os bairros estão assumindo parte das funções que outrora se restringia ao centro, sistema nervoso central da cidade, o que nos parece positivo. As

agências bancárias, os comércios essenciais e mesmo outros voltados para segmentos secundários atingem ruas e avenidas, num processo de esvaziamento do fluxo central para novos fluxos, digamos diluídos.

As questões de classes sociais em São Caetano não são gritantes como nos grandes centros, se bem que existam, nessa transição já adiantada da vida urbana industrial para a vida urbana terciária, tão comum em nosso tempo. De qualquer forma, talvez o crédito ou as áreas mais populares deflagrem uma diferenciação na hora de consumir. No ouvir as redes informais, também não se percebe um ponto excludente, mas talvez o todo, porque muitos não conseguem se manter na cidade devido aos altos aluguéis, aos altíssimos preços imobiliários e ao custo de vida. De fato, essas características fazem sua menção Darwiniana, excluindo aqueles que não podem pagar o preço da "princesinha" do ABC. De qualquer forma, no contexto interno, na visibilidade do sistema, após a seleção, não podemos apontar a periferia subjugada ou o centro dominador.

O que sabemos é que todos dentro dessa organicidade e funcionalidade, nas redes formais e informais, estão submetidos a um ambiente urbano com características comuns que se planificam dentro das especificidades locais e externas (**Santos, 1978**). E esse esquema, montado a partir de estratégias sociais e do próprio poder público altera rapidamente o contexto e corremos o risco de nos entregarmos somente aos ambientes privados, diminuindo as possibilidades de interação social e as permutas tão necessárias para o equilíbrio do sistema. Heterogeneidade e diversidade são significados da

mesma preocupação: a restrição dos espaços públicos e a assimilação dos espaços privados. Com certeza, menos visibilidade para o público e mais degradação e abandono.

Se enfocarmos o espaço de lazer, encontraremos alguns bem sucedidos, outros abandonados, outros degradados pelo uso, apontando os porquês que definem novas diretrizes para seu retorno ao mundo da apropriação, acautelando-se de não exigir muito de um poder público que em todo o país não tem conseguido gerir os avanços da tecnologia e das necessidades humanas, enfiando os pés pelas mãos e deixando aqueles que trabalham no setor com duras responsabilidades.

Os especialistas apontam para os altos índices de violência e dizem que o lazer, a ocupação, para as diversas esferas de idade traria uma amenização ou o controle social desse quadro. Colocariam um termo nisso. E usam como evidências os grandes conjuntos habitacionais de interesse social, os tecidos favelizados, que por problemas projetuais e técnicos não possuem áreas de lazer. Mas alguém perguntou a aqueles moradores o que de fato estaria dentro de seus interesses?

Áreas livres encontram-se muitas, as próprias ruas de bairros periféricos assumem essa função, principalmente nos finais de semana. Talvez, como um atenuantes da violência, precisam ser estudados com mais critérios, buscando entender as necessidades e satisfazê-las, e deixar claro que toda história nos tem mostrado maior complexidade nesse campo.

É óbvio que todos precisam de espaços livres, principalmente nas áreas urbanas diante de sua escassez, atendendo não aos modismos, mas as leituras de campo e da história que nos indicam as estruturas que sempre foram requisitadas. Outro dia ainda, ouvi uma senhora dizer que “se nesse parque houvesse um *playground* muita gente viria aqui com suas crianças”. E há ainda, aqueles leigos e mesmo técnicos que se dizem contrários ao *playground* e a quadra poliesportiva e afirmam que as áreas livres com áreas verdes, inclusas, deveriam servir apenas a contemplação. “Não precisa estar aberto ao público, apenas emoldurar o espaço”. Infelizmente, para estes, a opinião pública e a experiência dizem o contrário.

A revista **VEJA** abordou o assunto parques urbanos, em rápidas pinceladas, utilizando-se da pesquisa do *Envionics International/ Washington Post*, intitulada “Loucos pelo verde”, que se refere aos parques urbanos e sua procura.

Segundo a reportagem, os alemães são quem mais utilizam os parques. Eles passam maior tempo ao ar livre, nos poucos meses de verão, nas horas de lazer, em comparação a trinta países pesquisados. Ainda, nos mostra que a tabela a seguir, se refere àqueles que procuram freqüentemente os “espaços abertos”, numa alusão a parques.

TABELA 2: LOUCOS PELO VERDE

PAISES ANALISADOS	% PESSOAS CONSULTADAS
1º Alemanha	64%
2º Canadá	55%
3º Austrália	54%
4º Nova Zelândia	53%
5º Inglaterra	50%
<b>24º Brasil</b>	<b>16%</b>

Fonte: Revista VEJA de 06 de outubro de 1999. São Paulo: Ed. Abril.

Não podemos dizer que a pesquisa anterior mostra, apenas, realidades de países de clima temperado e que devido as nuances climáticas há, naturalmente, uma tendência maior em buscar os espaços livres onde o sol e o calor afastam as lembranças de um período, muitas vezes longo, de reclusão, nos espaços calafetados. Há no topo da lista países com situações climáticas próximas as nossas e, portanto, mais uma vez atribuímos, como elementos predominantes, o uso e apropriação desses espaços a questões culturais e socializantes.

Devido às estações do ano bem demarcadas, os países europeus usam o parque nos poucos meses de clima agradável que lhes resta e essa pesquisa recente mostrou que os alemães são aficionados por áreas verdes, sendo considerados o povo que passa mais tempo ao ar livre nas horas de lazer, praticando atividades ou apenas tomando sol. Ficar ao ar livre faz parte da fuga

diária ou semanal necessária que, felizmente, para muitos não é totalmente satisfeita entre o cinema, o teatro, um jantar e uma volta no *shopping*. Muitos dos entrevistados em nossa pesquisa disseram precisar disso, desse contato com o espaço aberto, principalmente nas estações propícias do ano.

Ora, se os corredores dos *shoppings* vivem lotados diariamente, sofrendo um sufocamento nos sábados e diante disso, também funcionando aos domingos (ver tabela 3), atraídos pelo burburinho do convívio social, com características diferenciadas, devemos também disponibilizar aos cidadãos um espaço ao ar livre, com atividades de lazer, esporte e porque não dizer ginástica programada, espetáculos teatrais e musicais. Não seria uma concorrência, pois são equipamentos diferentes, mas opções para o bem estar público.

Essa busca incessante pelos espaços semi-públicos como os *shoppings*, está arraigada em alicerces da modernidade estressante, de um cotidiano culturalmente modificado. A falta de tempo para as compras e as possibilidades de avaliar o mercado tem estendido essa faceta aos finais de semana, limitando mais ainda o tempo para o lazer em suas formas diversificadas.

**TABELA 3: FREQUÊNCIA NOS FINAIS DE SEMANA DOS PRINCIPAIS SHOPPINGS DE SÃO PAULO.**

<u>Shopping</u>	<u>Sábado: n ° de pessoas</u>	<u>Domingo: n ° de pessoas</u>
Center Norte	160000	80000
Ibirapuera	147000	77000
Tatuapé	100000	80000
Morumbi	80000	42000
Eldorado	50000	35000
Paulista	50000	40000
Plaza Sul	50000	40000
Iguatemi	49000	49000

**Fonte:** Revista VEJA de 24 de maio de 2000, adaptado pelo autor. São Paulo: Ed. Abril.

Outros fatos importantes são a segurança, em que os sistemas de câmeras, os guardas engravatados e bem apessoados com seu *walkie-talkie* atraem uma aura de tranquilidade, não encontrada nos espaços públicos da atualidade. A facilidade do estacionamento, do conforto, os lanches rápidos, os cinemas, são atrativos definitivos nessa escolha. O ar condicionado associado a possibilidade do bem vestir-se faz desse passeio um evento social, familiar, da paquera, do encontro... E os espaços públicos, o que têm a oferecer?

Talvez estejamos concluindo cedo demais, mesmo porque vemos o parque com temáticas diferentes do *shopping*. O primeiro aberto e o outro fechado, um democrático e o outro com algumas restrições de uso. E, portanto, ainda concordamos na falta de cultura de uso e apropriação do parque.



Os números parecem exagerados, longe da realidade, e por se tratar de uma avaliação feita pelos próprios comerciantes, podem incorrer em distorções. O que nos interessa é perceber que no cenário paulistano essas estatísticas indicam um fenômeno de comportamento importante, no qual o usuário recorre ao ambiente comercial para satisfazer suas necessidades de lazer, alterando a rotina de outros espaços. No entanto, em São Caetano há uma tendência para o uso dos parques e o *shopping center* da cidade, por motivos que não se incluem nessa pesquisa, não se tornou muito visitado, sendo comum um uso maior por adolescentes nos finais de semana, atraídos pelos cinemas, pelos encontros e pelas lanchonetes como o *McDonald's*. Mas, certamente, há uma busca por outros da região. Talvez, aí esteja a agonia dos espaços públicos, felizmente ainda não muito sentida em nossa cidade, apesar da concorrência desleal que se aproxima com os novos tempos.

Outro elemento que se inseriu no cotidiano das pessoas, inicialmente, por motivos lógicos, na aquisição de alimentos, foram as grandes redes de supermercados. Agora, se inserem no imaginário como pontos de distração e muitas vezes, notamos a ida ao hipermercado como elemento do passeio semanal. Já conseguimos ver nesses locais, no vai-e-vem cansativo e nas longas filas, uma opção de lazer. É uma pena, mas isso já foi apreendido pela nossa cultura ocidental.

Os espaços de circulação e comércio passam, pelos motivos expostos, a assumir um papel atordoante na vida cotidiana da população, propiciando um passeio com compras, alimentação, distrações, no convívio com conhecidos e

uma leva de outros transeuntes que perfazem o cenário das realizações coletivas.

Se o sistema urbano é uma eterna crise, há que se permitir as válvulas de escape para a população, afinal esse é o discurso dos cientistas sociais sobre as doenças que assolam a humanidade atualmente, a depressão, o estresse, a irritabilidade e, conseqüentemente, a violência e, para tanto, deve-se suprir as prateleiras do sistema com lazer.

E o que esperam os estressados? Para o cotidiano, e para as classes menos abastadas, não muito, além do que já existe. Apenas, o que nos apontam as pesquisas, mais alguns equipamentos e um investimento maior em manutenção e reformulação. Ouvir isso, saber que é possível, dentro dos gastos públicos e não o fazer, é buscar explicações inverossímeis em um mundo paralelo. O erro dos grandes planejadores está nisso, prevêm a área livre, mas não a disponibilizam em termos de uso. São claros os casos dos conjuntos habitacionais de interesse social nos bairros periféricos de São Paulo, onde espaços livres foram deixados ao prazer da relva selvagem e da falta de total atrativo. Será que os interesses sociais foram atendidos? Tantos exemplos e tantos erros. Há alguma coisa no ar que impede essa comunicação direta, talvez por julgar que o ser humano precisa de algo mais que ninguém descobriu e, portanto, devemos esperar.

O parque é um empreendimento viável e atual para qualquer cidade, contanto que elaborado em termos corretos de distribuição logística e inseridos de forma agradável, com a evidente presença de vegetação adequada tão lembrada e requisitada por todos. Uma alameda arborizada levando a um parque amplo e cuidado atrai ainda muitas pessoas. São Caetano apresenta no dia-a-dia provas cabais dessa realidade.

O que é preciso são cuidados constantes para que a dinâmica dessas áreas esteja sempre disponível, sem problemas de manutenção e/ou degradação. Atualmente, a população está aderindo à idéia de atividades planejadas, como aulas de ginástica ao ar livre e apresentações artísticas. Essa nova tendência, que se apropria dos parques urbanos requer os mesmos espaços já existentes e reformula, para muitos, os padrões de uso e comportamento. Como dissemos a mudança de conteúdo pode superar a mudança física.

#### 4. UMA VISÃO PARTICULAR DO PENSAMENTO POLÍTICO MUNICIPAL

---

Seria correto dizer que o pensamento corrente, durante as várias administrações públicas que passaram pelo município, previa a urbanização como um parâmetro saneador e necessário à modernização. Todo interesse por uma cidade aparentemente bem administrada centralizava-se sobre sua infra-estrutura e supra-estrutura, mas é perceptível que os interesses imobiliários falaram mais alto. Solicitar os espaços para ocupação habitacional

e industrial, principalmente, sobrepuja-se a qualquer outra proposta urbanística.

De fato, a cidade de São Caetano atingiu, ao longo dos anos, um patamar invejável quanto aos serviços públicos de uma maneira geral, associados:

- **aos altos valores da arrecadação pública, que impulsionaram o desenvolvimento,**
- **à ausência de problemas de ordem natural e social graves,**
- **à dimensão física do município.**

Buscando a relevância das características do município propaladas pelo Executivo Municipal, valemo-nos de dados estatísticos para demonstrar a visão do empreendedor público e repassada ao morador nos dias de hoje. Sob tais características, denotam-se as atitudes e os interesses que foram e serão valorizados.

A seguir, quatro tabelas com dados do censo demográfico do IBGE, 2000, divulgados pelo Jornal Diário do Grande ABC / Caderno Setecidades (20 de dezembro de 2001), trazem a expressão clara dos atrativos desta cidade, principalmente para o setor residencial.

**TABELA 4: PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS COM COLETA DE LIXO.**

<b>Cidade</b>	<b>% de domicílios atendidos pela coleta de lixo</b>
São Caetano do Sul	100
Santo André	99,8
Mauá	99,6

Fonte: Censo Demográfico 2000 do IBGE. Dados reagrupados pelo autor.

**TABELA 5: PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS COM ABASTECIMENTO DE ÁGUA.**

<b>Cidade</b>	<b>% de domicílios com abastecimento de água</b>
São Caetano do Sul	100
Diadema	99,1
Mauá	98,2

Fonte: Censo Demográfico 2000 do IBGE. Dados reagrupados pelo autor.

**TABELA 6: PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS COM REDE GERAL DE ESGOTOS.**

<b>Cidade</b>	<b>% de domicílios com rede geral de esgotos</b>
São Caetano do Sul	99,9
Santo André	95,6
Diadema	95,1

Fonte: Censo Demográfico 2000 do IBGE. Dados reagrupados pelo autor.

**TABELA 7: PROPORÇÃO DE PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS ALFABETIZADAS.**

<b>Cidade</b>	<b>% de pessoas com 10 anos ou mais alfabetizadas</b>
Águas de São Pedro	97,3
São Caetano do Sul	<b>97,2</b>
Santo André	95,9

**Fonte:** Censo Demográfico 2000 do IBGE. Dados reagrupados pelo autor.

Os dados das **tabelas 4,5,6 e 7**, refletem a preocupação necessária com as questões de infra-estrutura e super-estrutura trazendo para o município o olhar de muitas famílias que procuram se estabelecer aqui, mesmo com atividades profissionais em outros pontos da região metropolitana. Essas características gritantes e visíveis, numa cidade excessivamente limpa e bem cuidada, próxima ao centro nervoso da principal cidade do Estado, São Paulo, lhe valeram a característica de cidade-dormitório, desde o início do século XX.

Essa alcunha ficou um pouco esquecida nos idos de 1950 a 1980, com o a industrialização e voltou a tona com as mudanças econômicas nos últimos 20 anos. Esse atributo, ao nosso ver, nunca foi pejorativo, pois indica uma qualidade de serviços urbanos, procurada para o conforto familiar. É sem dúvida, uma qualidade para uma cidade que não possui outros atrativos que a diferenciem das demais. Para melhorar a percepção dos fatos, conjugamos mais alguns dados estatísticos, obtidos em institutos de pesquisas da região.

Segundo dados das tabelas 8 e 9, a seguir, percebemos que a chamada vocação industrial que caracterizou S. Caetano nas décadas anteriores vem, em função dos novos rumos da economia nacional e internacional, procurando alternativas de implantação de novas atividades industriais de ponta e o fortalecimento do setor terciário. De fato, isso não é privilégio dessa cidade, atingindo outras cidades da região metropolitana de S. Paulo.

**TABELA 8: CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA: INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS.**

<b>ANO</b>	<b>Indústria</b>	<b>Comércio/Serviços</b>	<b>TOTAL</b>
1990	837	5252	6089
1991	806	5479	6285
1992	776	6090	6866
1993	743	6594	7337
1994	751	6799	7550
1995	711	6361	7072
1996	714	6550	7264

**Fonte:** Eletropaulo, extraído de São Caetano em revista, ano II, Nº 2, agosto 1998, p. 41.

De qualquer forma, a queda na demanda de mão-de-obra para a indústria além, logicamente, dos avanços tecnológicos que automatizaram etapas produtivas, apontam uma saída de indústrias no período analisado, desestabilizando os números no setor industrial. Em contrapartida, houve uma considerável elevação nos demais setores, na iminência de um equilíbrio dinâmico.

É possível perceber na **tabela 9** que, aproximadamente, 42% dos moradores em 1997 exerciam atividades profissionais em outras localidades, mas escolheram o município para residir, apesar do custo elevado das propriedades em comparação com a maioria, estimulados pelos serviços públicos de excelente qualidade. Convém salientar, que parte destes moradores são órfãos da industrialização e foram obrigados a se engajar em atividades semelhantes ou não em outros municípios. De qualquer forma, a insistência do morador veicula-se, por meio, dos padrões familiares e das comodidades que a cidade oferece.

**TABELA 9: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE MORADORES DE SÃO CAETANO, COM MAIS DE 18 ANOS, COM OCUPAÇÃO REMUNERADA, SEGUNDO LOCALIZAÇÃO DA EMPRESA OU NEGÓCIO EM QUE TRABALHA.**

<b>CIDADE EM QUE TRABALHA</b>	<b>%</b>
<b>São Caetano</b>	<b>58,1</b>
<b>Santo André</b>	<b>8,5</b>
<b>São Bernardo</b>	<b>7,7</b>
<b>Diadema</b>	<b>2,6</b>
<b>Mauá</b>	<b>0,0</b>
<b>Ribeirão Pires</b>	<b>0,0</b>
<b>Total Grande ABC</b>	<b>6,9</b>
<b>São Paulo</b>	<b>21,4</b>
<b>Outras localidades</b>	<b>1,7</b>

**Fonte:** IMES (Instituto Municipal de Ensino Superior) – Pesquisa sócio-econômica do ABC (março de 1997). Extraído de São Caetano em Revista, ano II nº 2 / agosto de 1998, p. 44.



Nota-se no município, uma nova forma de expressão estatisticamente comprovada, agora, do setor econômico direcionando-se para atividades intensivas e tecnologia de ponta que não necessitem de grandes espaços físicos, os quais a cidade não dispõe. Nesse caminho, setores como informática, pesquisa, administrativos e culturais fazem parte das possibilidades de desenvolvimento produtivo e manutenção da qualidade de vida. Outro dado visível da qualidade de vida está no fato de 66% da população ser proprietária de seus imóveis, indicador do bom poder aquisitivo.

**TABELA 10: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS DOMICÍLIOS  
SEGUNDO A PROPRIEDADE DO IMÓVEL.**

<b>Condição de propriedade</b>	<b>%</b>
Própria ou paga	<b>56,4</b>
Própria pagando	9,2
Alugada	26,8

**Fonte: IMES** – Pesquisa Sócio-econômica do ABC (março de 1997).

Extraído de São Caetano em Revista, ano II nº 2 / agosto de 1998, p.44.

E, apesar dos trabalhos desenvolvidos nas gestões municipais não alcançarem continuidade com as mudanças político-eleitorais, a cada quatro anos, sente-se um entrosamento maior, desde 1983, pois, se repetem os mesmos desejos, alertados pelos discursos ecológicos, e geralmente o mesmo partido político, com prefeitos imbuídos de disposições próximas, o que tem permitido uma mudança gradativa na qualidade ambiental de nossa cidade.

Desde então, os espaços livres de propriedade da municipalidade estão sendo transformados em áreas livres de uso público como pequenas praças, parques, enfaticamente, na tentativa de promover um sistema de áreas verdes e de lazer.

**TABELA 11: SÃO CAETANO – ESTABELECIMENTOS E EMPREGOS  
SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA.**

<b>Estabelecimentos %</b>	<b>% de empregos</b>
Indústria	38,1
Comércio	12,6
Serviços	37,3

**Fonte: IMES – Pesquisa sócio-econômica do ABC – 1997. Extraído de São Caetano em Revista, ano II nº 2 / agosto de 1998, p.44.**

A contar que São Caetano já possui perfil de cidade de prestação de serviços e que a vitalidade econômica é diretamente proporcional à vitalidade social, a **tabela 11**, complementar a **tabela 9**, aponta para um perfil mais exigente quanto à qualidade urbana em todos seus aspectos, além dos dados estatísticos apontados pela visão do pensamento político municipal.

## 5. OS PARQUES URBANOS, O MEIO AMBIENTE E SUAS RELAÇÕES

---

A origem da sedentariade urbana esta associada ao mercantilismo, enquanto organização do espaço para o comércio (Novaes, 1992). As guerras foram fundamentais para esse estabelecimento. Desde então, existem áreas livres para o comércio, para o passeio, as praças para o ponto de encontro entre pessoas, para a realização de trocas, compras entre outros.

Como nos aponta Lefebvre (1969, p. 47-49), os movimentos que permeiam o uso do espaço, não se resumem às reivindicações do trabalho, mas pelo conjunto, pela vida cotidiana. Neste cotidiano encontra-se um conflito agudo, na oposição entre o espaço que se tornou valor de troca e no espaço que permanece valor de uso, de usos múltiplos, vividos pela população. Este valor de uso é que impregna o imaginário, alocando a fluidez das relações. De qualquer forma, pressentimos, atualmente, no interior das cidades que o valor de uso vem sendo preterido ao valor de troca. Afinal, tornamo-nos consumidores contumazes, principalmente do espaço.

Continuando, segundo Magnoli (1986) os parques são inseridos na urbanização como parte dos espaços livres de edificação. Inicialmente, os parques públicos tiveram como proposta central a recreação pública, por volta de 1789. Mas, somente no século XIX, de fato, aceita-se a concepção atual de áreas específicas para uso pela população.

Para se ter uma idéia, ainda segundo o autor citado, o primeiro sistema de parques urbanos desenhados para Paris, não teve como critério fundamental a utilização pela comunidade. Já em Nova York, na concepção do *Central Park*, estabeleceu-se, o maior parque público com o critério do que, na época, era essencial as necessidades da população urbana.

Dentro dos espaços livres de edificação podemos encontrar parques urbanos que, ainda hoje, são vistos de maneira frívola (pelo desconhecimento dos aspectos ecológicos corretos) como “pulmões da cidade” e não pelo conjunto que representa. Como se encontram fragmentados no tecido urbano e muitas vezes relegados pelas políticas públicas, chegam a ser considerados como interferências na continuidade tipológica e física da cidade, impedindo acessibilidades e assim o valor de troca se apropria da situação. Felizmente, descobriu-se nas últimas décadas sua importância cultural, ecológica e social, insinuando sua carência na distribuição do contexto da cidade, apontando para uma retomada no valor de uso.

A década de 1970, inspirada no movimento hippie e nas falas ambientalistas emergentes trouxeram a preocupação com a exploração do meio ambiente e suas constantes, em múltiplos desequilíbrios globais. Em 1980, no percurso da década, há uma inversão, agora inspirada no liberalismo americano e europeu, e se esta expressão é necessária, voltamos ao mundo do consumismo exacerbado. Os níveis de consumo urbano dos países menos

desenvolvidos queriam equiparar-se aos do Primeiro Mundo. Ledo engano, porque o consumo está ligado ao todo e não somente à vontade.

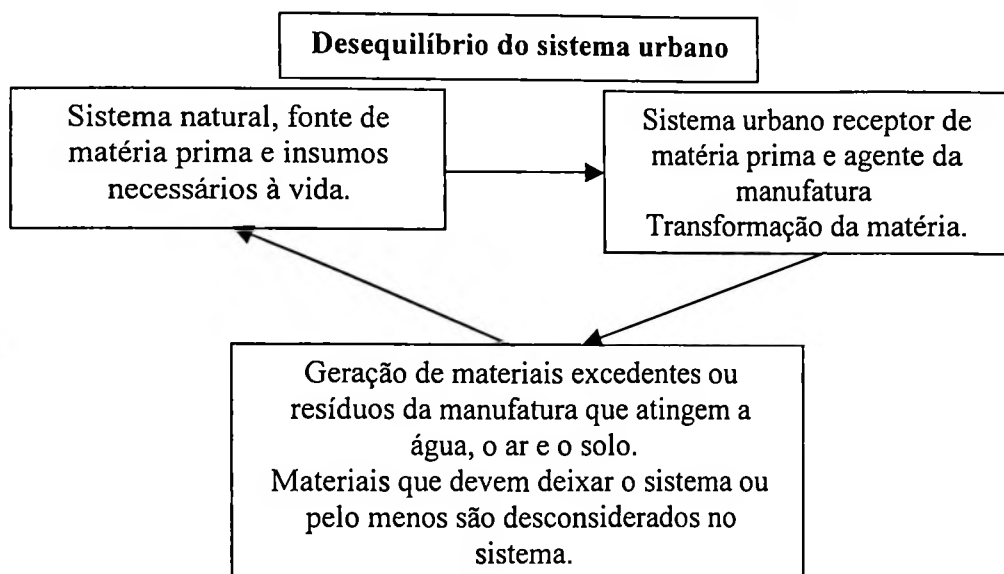
Felizmente, a década de 1990 traz essa preocupação mais acentuadamente, camuflada ainda por interesses imediatistas, mas amparada por uma visão mais técnica e menos ilusória. Agora, os estudos são focais, situados local e regionalmente, voltados para a compreensão do uso dos recursos naturais e das possibilidades e responsabilidades do progresso. Em breves palavras, já se entende que muitos discursos, principalmente os políticos, estão interessados na mídia e não no ambiente. Assim, pequenas ações, redundam em grandes acontecimentos, mas, ainda amparadas pela lógica do consumo.

E essa discussão se estende por meio das mudanças de atitudes e nos novos questionamentos que surgem. E voltando a nossa escala pontual, nessa mudança de comportamento do homem urbano, em suas atividades e necessidades, inclui-se o interesse por espaços livres e verdes no planejamento urbano de uma cidade. E, percebemos que o processo urbanístico de S. Caetano, como em tantas outras cidades, não favoreceu a implementação dessas áreas e sua distribuição mais eqüitativa, justamente pela valorização do valor de troca.

Desde que, nos dispusemos a avaliar essa cidade pela sua densidade demográfica elevada e pela escassez de espaços livres públicos, pensamos na apropriação desses espaços pelo homem para atender suas necessidades e atividades, essencialmente, por seu caráter cultural e humanizador, em função da proximidade e da disponibilidade presente no convívio, e assumindo assim, seu valor de uso. E esse estudo só foi possível sob o olhar da permissividade, que o uso e a apropriação apontaram nas relações com essas áreas no cotidiano vivido.

Entretanto, não buscamos o espaço público como espaço-tampão entre os projetos de edificação e conseqüentemente os sistemas de circulação. Se entendermos a cidade composta por esses três espaços distintos: o espaço edificado, o espaço livre de edificações e o espaço de circulação; compreenderemos que são complementares e compensatórios. O excesso ou a falta promove conflitos no espaço vivido e um desconforto ambiental.

Partindo, inicialmente, de princípios ecológicos, afirmamos que o sistema urbano difere de outros sistemas, uma vez que o fluxo energético é unidirecional e, portanto, acíclico, gerando, conseqüentemente, um desequilíbrio que se manifesta diariamente, através da poluição do ar, água, solo, visual, além de detritos em quantidade. Exemplificando:



Todo equilíbrio do sistema urbano é artificial e sentido no ambiente que o recebe. Considerando do ponto de vista analítico o que, efetivamente, importa ao pensamento contemporâneo são as relações e interações do urbano, enquanto estrutura física e comunidade. Nessas interações o homem está apto a agir sobre o meio e modificá-lo, mas, teoricamente, obedecendo a limites naturais e porque não dizer artificiais, gerados no interior desse urbano.

Pretende-se que todos os processos interativos ocorram estimulados pelos interesses éticos. Tais interesses possuem seu fundamento primordial nas características sócio-econômicas, como saúde, alimentação, transporte, trabalho, atividades recreacionais e ambientais entre outros.

Esse cenário, conturbado pela falta de entrosamento entre os critérios do poder público e do poder privado, esquecendo as necessidades do coletivo, inibindo a interação humana com a cidade e gerando um gigantesco consumo de energia na manutenção dessa nova estética, tem nos levado a perceber, concluindo, o quanto está direcionado pelas forças mercantis, sem chances para outros estímulos coordenadores.

Isso, porque nos esquecemos de observar o planeta como organismo natural e de entender o ser humano como uma criatura biológica, imersa nas relações ecológicas vitais da biosfera, com a necessidade de viver dentro de seus limites e compartilhar o planeta com outras formas de vida. Felizmente, houve uma transição, nas décadas de 1970 e 1980, entre uma sociedade preocupada com o consumo e a exploração e outra, preocupada, com um futuro sustentável. Antes tarde do que nunca. O antropocentrismo, ainda vigente, parece que esta revendo seus conceitos baseados na sustentabilidade para com as gerações futuras. E os próprios leigos da pós-modernidade percebem que a natureza não é coisa, mas esta inclusa na realidade social e por ela é modificada.

O texto de Claval (2001, pp.56-57), ampara-nos o entendimento, quando o homem moderno considera o ser humano separado da natureza, que, no entanto, incoerentemente lhe é familiar ao imprimir sua identidade na paisagem que observa diariamente, como agente da ação. E é nessa simbologia diacrônica entre paisagem e natureza, internalizada e negada nas



relações do cotidiano vivido, que encontramos o entendimento dos parques urbanos que dela emana.

Dentro da formação ambientalista que nos acomete como surto, preocupa-nos as questões ecológicas, chamando inclusive de sistema urbano, o ambiente resultante das relações intra e interespecíficas entre seres humanos e natureza, promovendo a ocupação do espaço. Por não se tratar de uma divagação, mas uma relação entre as partes, estas formas de adaptação reconfiguram a paisagem e isto muito nos interessa.

Em tantos séculos de civilização o homem conseguiu alterar profundamente seu habitat e transformar a paisagem, proporcionando diferenciações significativas que hoje servem aos estudos de campo e análises do desenho e do planejamento urbano. Quantas vezes, não usamos essas características tipológicas, de uso e ocupação do solo ou variações da paisagem para limitar o nosso campo de trabalho. A própria cidade em estudo nos oferece esses limites, através dos limites político-administrativos ou do código mental.

Em meados do século XIX a ecologia já era um importante elemento nos discursos da sociedade intelectual. Com Haeckel e o conceito de ecologia, pressentimos a abrangência dos fatos. Entremeando-se às outras ciências atinge conceitos fundamentais para o homem, trazendo as questões da cadeia alimentar e da homeostase, equilíbrio dinâmico que entra em crise a cada

ação/modificação natural ou artificial, buscando um novo ponto de equilíbrio do sistema.

Essas teorias ecológicas propaladas pela própria mídia e a percepção de uma sociedade, que foi notando e sentindo falta de elementos ancestrais, estão ancoradas na memória de nossas células. Entretanto, nesse contexto de alargar os conceitos ambientais, ocorreu a banalização. Banalizou-se tanto, que as discussões caíram a níveis inferiores e estanques, em propostas dissociáveis de campanhas publicitárias vagas e incipientes. Como se algumas idéias veiculadas aleatoriamente, pudessem por si salvar o planeta azul de sua disfunção, sem uma proposta completa.

Como citado por Paola Verri de Santana, em **Carlos (2001, pp.48-49)**, "os homens gastam todo o seu tempo e dinheiro procurando consumir o que o mercado de bens oferta ou procurando agarrar um emprego que o mercado de trabalho lhes oferece. Todavia, a insatisfação e o mal-estar expressados por estes homens desmascaram as contradições deste cotidiano. A realização da mercadoria em vez de satisfazer uma verdadeira necessidade tende a causar um relativo estranhamento. Isso revela a perda do valor de uso em benefício do valor de troca". Em tempo, antes que tais palavras desestabilizem nosso discurso, gostaríamos de informar que o termo usuário, aqui empregado, refere-se àquele que frequenta o parque e expande seu uso, apropriando-se, num contexto mais sensível.

Começamos como sempre do lado avesso do processo. Pensamos no paliativo exuberante de frases de efeito, mas não analisamos as causas, os fatos e não procuramos adotar medidas mitigadoras na origem dos problemas. São as soluções globalizantes, pensadas localmente, que garantirão a sociedade como um todo. Devemos nos preocupar com estudos direcionados, caso a caso, pois diferenças existirão entre os processos dinâmicos ocorridos em São Paulo e em Conceição da Aparecida, Minas Gerais. Todos sabemos que as questões ambientais ultrapassam os limites político-administrativos, como os demais problemas citadinos, mas reflete-se nas questões locais.

Assim toda análise fundamenta-se em uma metodologia comum, percebendo as variantes de cada sistema, mas entendendo que já não buscamos a natureza de Thoreau e seu retorno. Vivemos em um espaço construído, uma segunda natureza que se estabeleceu sobre a original, num histórico de continuidade, onde o novo supera o velho e assim por diante. Por isso, buscamos o conceito "sistema urbano" para nosso trabalho.

As condições de nossa cidade se assemelham com todas as outras, que foram alteradas por fenômenos industriais do capitalismo. Mas esses valores não se estabelecem mais nesse contexto, e sim num contexto global de conservação do patrimônio natural em escalas diferenciadas. Não queremos tirar a culpa do município, mas alterar o foco da preocupação para diretrizes nacionais e globais necessárias.

O que de fato se percebe é que a sociedade exige atitudes para a valorização do conjunto urbano, associado a um ambiente agradável, e por incrível que pareça, nesse cenário devem existir áreas de lazer e espaços para o convívio, entremeados de áreas verdes, mesmo que idealizadas paisagisticamente.

Esta noção leva o cidadão a perceber que a paisagem citadina transforma-se diariamente, com a presença dos espigões que surgem em busca do espaço vertical, do movimento normal e do consumismo desenfreado que exige da extração do ventre da terra suas reservas, deixando atrás de si a degradação do ar, solo e água. E essa história continua e ainda o máximo que exigimos é um relatório de impactos sobre o meio ambiente que pode ser flexível o suficiente para permitir novos centros poluitivos.

Cabe-nos ressaltar, sem tolos ufanismos, que faz parte de nossa tradição predatória, desde a colonização lusitana, a destruição do entorno para a apropriação do espaço. E, em todas as áreas, durante a colonização e depois na industrialização, importamos a cultura europeia e mais posteriormente a cultura norte-americana. Inclusive, quando das primeiras investidas no século XVIII, acerca da introdução da vegetação como elemento estruturador do espaço. Por isso, nos acostumamos a presenciar uma natureza diferente da nossa, ocupando o fundo de imagens do cotidiano, como moldura cenográfica ou intensificando o efeito da própria paisagem urbana. Não pretendemos fomentar a criação de áreas de preservação dentro dos sítios urbanos com

esse discurso, mas sugerir a aproximação de nossa paisagem com a realidade ecológica local.

Apesar disso, somos contrários aos parques urbanos somente contemplativos e estáticos em sua excelência, uma vez que as evidências mostram que tais espaços são rapidamente degradados e ocupados ilegalmente. O cidadão deve poder utilizar o espaço público em atividades saudáveis e de lazer, exercitando sua cidadania, enquanto percebe a importância destas áreas, aprende a respeitá-las e conservá-las, evidenciando-se um processo de educação ambiental relevante. Neste sentido, encontra-se pronto para gerar um fenômeno anti-vandalismo e anti-degradação que vem assolando o meio urbano, principalmente os grandes centros.

Já as áreas de reservas devem abarcar um ambiente ecologicamente propenso e permitir a conservação de sistemas ecológicos. Essa conceituação nos encaminha para grandes áreas naturais de conservação, permitindo acessibilidade a estudantes, leigos, entre outros, mas com monitoramento, por tratar-se de refúgio selvagem. Isso, evidentemente não faz parte do programa de necessidades do parque urbano em seu conceito mais atual. Ele é um componente da estrutura urbana pós-revolução industrial e para sua sobrevivência deve ser útil.

A escassez de espaço em nosso município não permite tais ilusões. De fato, nenhuma área natural, conservada, por menor que seja, foi mantida, desde a colonização. Podemos criar e recriar esparsas áreas verdes para o

deleite de nossos munícipes, mas não podemos nos dar ao luxo de chamá-las de áreas de conservação e isolá-las do uso. Seria contrário ao arcabouço de cidadania que pretendemos criar a partir destas áreas. O que de fato precisamos é rever nossa incapacidade de preservar áreas fundamentais ao patrimônio ecológico e humano, como se sucede nas áreas de proteção de mananciais, ocupadas irregularmente e sem soluções previstas. É importante separar conceitualmente a ação de um parque urbano e de um parque de preservação da flora e fauna de fundamentação estadual ou nacional. Todos visam estimular atitudes positivas, mas cada qual na sua possibilidade de abrangência.

E como nos avisa **Santos (1978)** o espaço não pode ser definido pelas relações ecológicas, devido a dificuldade de limitar seu campo de ação, tampouco o espaço é resultado único da ação dos fluxos econômicos que estão atrelados as "rugosidades" (p. 138). De fato, trata-se de um movimento cíclico, que vai se "adaptando" aos elementos instaurados na memória do espaço e por que não dizer da paisagem. Assim, partimos para analisar um espaço específico, no que diz respeito ao lazer, através da apropriação e da percepção desse espaço no contexto do município.

Nessas circunstâncias pretendemos expor o espaço-parque, como área de lazer associada à área verde, como um veículo de restauração do homem ao seu meio. E nisso a Geografia, na socialização destas áreas para o homem, deve intervir perscrutando o espaço, a situação local e fornecer subsídios para ação conjunta, num espaço humanizado e consciente do vínculo com o todo.

É a partir do conhecimento desses processos interativos, naturais ou artificiais entre o homem e seu meio e de outros critérios técnicos fornecidos pela lei de zoneamento urbano atual, que buscamos obter os elementos do diagnóstico para o planejamento urbano e, por conseguinte, pensar diretrizes e programas de necessidades para tais intervenções em nosso município. Nesse conjunto de características sócio-culturais que permeiam o equilíbrio de nossas cidades, podemos encontrar elementos que impactam e desestruturam o ambiente urbano, desvalorizando seu patrimônio histórico, cultural e ambiental. Muitos projetos, por vezes, não se adaptam a estrutura arquitetônica e funcional local, ao sistema climático ou mesmo não atendem as necessidades básicas da população.

## 6. A VIABILIDADE DO LAZER NOS PARQUES URBANOS EM SÃO CAETANO

---

Não temos a pretensão de detectar e associar os jardins à concorrência com outros vernáculos, mas propor uma análise formal e urbanística dos significados e usos dos parques públicos municipais e suas relações com as idéias de um tempo e ao longo do tempo.

Mas, esquematicamente, a visão predominante esta expressa no esquema a seguir, quando se fala em estudo das cidades:

**Paisagem = imagem ↔ Espaço = material**

Pode-se falar em valores culturais da cidade, essencialmente, a imagem italiana foi sempre a mais marcante e os grandes símbolos, esculturas e eventos da cidade trazem em seu bojo a homenagem a estes homens. E é essa imagem, que fomenta a paisagem que se revela na materialidade do espaço.

Enfim, faz parte de nosso intuito teórico, utilizar os elementos que se incorporaram na memória da população, sem perder a noção da cidade como um todo, complexa e em constantes mudanças. O dinamismo que constatamos na paisagem diária, no trânsito a caminho de nossas ocupações, nos possibilita perceber, novamente, as inserções ecológicas da necessidade do equilíbrio dinâmico em qualquer sistema, mesmo na cidade. Não podemos perder essa



capacidade de observação, pois é ela que nos permite conceber o conjunto de todas as coisas no contexto do urbano, inclusive a insatisfação do cidadão diante dos mecanismos de manutenção deste cotidiano.

Vivenciar tais situações impregnadas no cotidiano e negá-las, seria produzir fundamentos inférteis nos moldes em que a cidade se encaixa e esquecer a necessidade de buscar seu equilíbrio. A realidade imigrante está contextualizada em todos os elementos históricos preservados no passado e no presente, nos monumentos, nas esculturas que permeiam as praças e cruzamentos mais importantes da cidade.

Ainda hoje, obras são erigidas, lembrando famílias italianas de destaque, bem como reproduções de elementos arquitetônicos das cidades de Vitério Veneto e Thiène. São propostas interessantes, esteticamente duvidosas, mas somente encontramos seu valor intrínseco no âmbito histórico-cultural local. De qualquer forma, são expressões culturais que viabilizam e incluem-se no dia-a-dia das pessoas, em que o tradicionalismo das famílias ainda é vigente. Como nos antigos feudos, os sobrenomes italianos importantes, ainda, comandam os principais negócios.

Certamente, este cotidiano insere-se no imaginário das pessoas, inclusive no uso e ocupação do solo, distinguindo-se na ocupação dos bairros centrais pelas famílias mais antigas e tradicionais, induzindo os migrantes, principalmente, nordestinos, que alavancaram o progresso industrial da região

nas décadas de 1930/70, a localizarem-se nos novos bairros, nas áreas limítrofes do município.

A cidade também teve sua acomodação periférica feita nos moldes de toda a região metropolitana. Há que se salvaguardar uma vantagem em todo esse fenômeno de ocupação que se situa na não existência de áreas favelizadas. E a expressão cultural, dessa miríade de personagens que se inserem sob a proteção da bandeira municipal, não permeou o sólido contexto da cidade. Pouco mudou nas expectativas culturais urbanas. Mas, precisamos ressaltar a importância destes que aqui chegaram imigrantes e migrantes e agradecer a diversidade e as modificações na cultura que vem ocorrendo.

De fato, somente nas duas últimas décadas do século XX, falou-se em adequação regional, mas os elementos do imaginário continuam a nos pregar peças. De qualquer forma, este estranho exercício fomentou uma personalidade local, bairrista e hermética (hipoteticamente) que a distingue de seus vizinhos do ABC e que não podemos perder de vista em nosso trabalho.

Nesse contexto, as áreas verdes tornaram-se exíguas, ilhadas dentro dos bairros e dos limites de um urbano que atende pelo título ufanista de primeiro mundo, por ter conseguido atingir a maior renda *per capita* do país entre outros índices. Tal exigüidade é mais preocupante do ponto de vista ético do que ecológico, pela invisibilidade que a cerca, em função de outros conceitos urbanos considerados mais importantes pelo poder público e pela maioria dos moradores.

Alguns conceitos como limpeza pública, construção e reformas de prédios públicos e particulares e ordenação urbana sobrepujaram qualquer conceito ecológico e ético, favorecendo estes e não o patrimônio vegetal. Em momento algum se buscou um equilíbrio próprio dentro do conflito “construído x biomassa vegetal” em todo o processo evolutivo da cidade.

Sendo assim, diante de industrialização tão acirrada, seria exigir muito que as áreas verdes remanescentes não tivessem sido criadas a partir de áreas marginais impróprias para outros fins, ou fossem áreas desapropriadas de antigos proprietários de glebas rurais, dentro da sanha da especulação imobiliária e industrial.

De qualquer forma, são áreas de interesse, insuficientes, mas necessárias ao cotidiano do indivíduo que se especializou no trabalho, nessa sociedade operária que migra diariamente para as áreas de ocupação e retorna ao anoitecer em busca do repouso do olhar na identificação do seu lugar.

Segundo **Hannah Arendt (1995)**, o trabalho é uma atividade igualitária, porque todas as camadas da estratificação social se submetem a esse padrão diariamente, e de uma forma ou de outra buscam seu sustento. Tal realidade levou o operário a desconhecer o lazer.

E ao findar do dia, não sabe fazer outra coisa que não se atabalhoar defronte as suas televisões e nos finais de semana, andar pelo novo templo pós-moderno, o *shopping center*, olhando vitrines e espremendo-se em grandes “praças de alimentação”, isoladas do real em estressantes decibéis consumistas. **Sung (1995)**, aponta para tais mudanças comportamentais em sua análise ontológica.

Contudo, envolvidos na necessidade de uma paisagem agradável e estimulados pela própria natureza humana, buscam em seus momentos livres o lazer, também, em áreas abertas, na sociabilização legitimada pela presença verde das árvores e das flores. De fato, é no lazer que nos damos ao luxo dos encontros dissociados da necessidade, buscamos o convívio pelo interesse em conhecer novas pessoas, sem o formalismo do trabalho ou do dever.

Neste início do novo século, em que o homem busca seu retorno de objeto do progresso a sujeito da ação, em que o conjunto das partes como que no fenômeno sinérgico, absorve e modifica as individualidades, superando relações e mostrando a necessidade de mudanças que se fazem ao longo do tempo, apontam para atividades simples no dia-a-dia em prol de sua qualidade de vida.

E nessa linha, percebemos que com as alterações tecnológicas e o progresso das formas de lazer e diversão, a sociedade desperta e vem apresentando uma insatisfação gradativa ao nivelamento e a massificação, exigindo cada vez mais diferentes tratamentos e serviços e um interesse

gradativo pela diversidade de espaços de lazer, inclusive pelos parques urbanos, e quando não encontram buscam-nas, individualmente, em atividades isoladas e geralmente distantes de sua área de origem. Felizmente, a insatisfação aguça nossos sentidos e exige de nós novas propostas e seguramente, novas paisagens.

As conseqüências desta insatisfação, aliado ao crescimento da densidade populacional, do desemprego, da falta de atividades comunitárias, do convívio social que humaniza, do desinteresse pelo outro, interferem em qualquer proposta de melhoria de qualidade de vida, promovendo, como temos visto, a agressividade, a violência, a impessoalidade e a degradação ostensiva do meio, como respostas imediatas.

Algumas possibilidades urbanas estão na junção do espaço livre e de circulação, conjunto que congrega a maior parte de áreas verdes de um município e que, de uso comum, permitem uma infinidade de atividades, despressurizando o sub-sistema lazer e o sistema urbano como um todo. Ora, os sub-sistemas de circulação não se transformam nos corredores que nos levam aos espaços públicos, como praças e parques e, portanto, não os unem?

Derivam daí, as propostas de "corredores verdes" com ruas, alamedas e avenidas arborizadas e idealizadas para o deleite do correr de olhos do motorista e do pedestre.

Portanto, conhecedores das possibilidades de nosso município, um dos enfoques de nossa proposta revitalizadora é o da volta do lazer em áreas públicas, através da revitalização de seu uso, dentro da constelação de hierarquias de atividades que o ser humano se assoberbou.

Essas áreas livres ainda caóticas, mas de valores psicológicos e culturais importantes tornam-se uma opção barata e saudável nos dias de hoje, em que o indivíduo pode associar-se ao natural, disponibilizadas nos ciclos e horários do não-trabalho. Entendam a palavra natural como simbologia a natureza, como contato com elementos que levam nosso imaginário de volta ao primitivo, às bases reflexivas da existência humana.

Pelo que percebemos em nossas pesquisas de campo, nas análises bibliográficas e principalmente, através da percepção, nossos usuários são e continuarão sendo, pelo menos presentemente, visitantes de algumas horas. Isso nos permitirá seguir as diretrizes fundamentais de um projeto de espaço público, como nos orientam os grandes planejadores urbanos, em que é necessário não nos contrapor ao lugar.

Enfim, situamos nossa proposta no âmbito regional, apesar de toda a estrutura e manutenção dessas áreas ser proveniente dos recursos públicos municipais, mas sabemos pelo uso atual que sua abrangência deve permitir ampliar esses horizontes. Hoje, menos de 1% dos usuários dos parques convencionais da cidade de São Caetano do Sul são de outros municípios, mas

muitos alunos e jovens de outras cidades, vêm visitar nossos dois parques “temáticos” (Cidade das Crianças e Parque Jânio da Silva Quadros, que abriga a Escola de Ecologia) em excursões direcionadas, o que nos leva a crer que mudanças benéficas trarão mais frequentadores.

Em toda a proposta dessa dissertação, busca-se fornecer à população espaços do cotidiano, provocando inclusive a criação de novos espaços, privilegiando o conjunto. Procuramos também, apontar, teorias já conhecidas, como:

- 1. Disponibilizar quadras de escolas estaduais e municipais nos seus períodos livres.**
  
- 2. Favorecer atividades estudantis ligadas ao meio ambiente e a sua pesquisa que induzam a educação ambiental.**
  
- 3. Criar com isso, uma rede de lazer, abrangendo as áreas verdes, escolas e centros esportivos, formando um conjunto integrado e disponível.**

Sabemos que São Caetano não possui atrativo diferenciado pela sua historicidade e pelos estudos de evolução urbana, no crescimento exagerado e verticalizado, que se perdeu na mesmice do todo. Mas, com a inclusão destes elementos, certamente, a cidade receberá um tratamento diferenciado e poderá oferecer, nos espaços públicos, melhores atrativos e conveniências.

Torna-se importante salientar que a cidade em questão mantém dentro de sua territorialidade um histórico interiorano, que a diferencia das demais, estimulado pelos gestos e atitudes de um sistema político conservador. Todo o público envolvido percebe que dentro deste território existe um equilíbrio intrínseco, onde se veiculam notícias de cidade organizada, limpa e agradável.

Um exemplo claro dos erros ou ausências do planejamento urbano é que as áreas livres estão muito fragmentadas, destituindo o usuário de aberturas que ampliem seu horizonte visual. Nesta fragmentação precisamos buscar a noção do conjunto, principalmente o conjunto do Grande ABC e suas tendências. A função de um bom planejamento é não segmentar a continuidade, dificultando a vida de nossos moradores. O sentido lato é a preocupação com o entorno, promovendo sua interação quando favorável ou minimizando os impactos, dirimindo os ventos contrários ao bom desenvolvimento, com o advento de ruas bem arborizadas, canteiros centrais de avenidas e outros fatores que promovam a interação entre as partes.



Há que se ater a uma veemente necessidade de interação entre os governos para sanar e dirimir situações que se conflitam no dia-a-dia, geralmente nos fenômenos da conurbação em que os choques entre os serviços se fazem presentes. Quantas vezes, não vimos casos não resolvidos sobre o asfaltamento de ruas extremamente movimentadas, quando os dois municípios não se acertam e querem saber quem pagará a conta, enquanto a população é quem, de fato, paga no cotidiano as pesadas contas da falta de diálogo.

Quanto a apropriação dos espaços públicos pelo homem, para satisfação de suas necessidades e atividades sociais, pode-se abranger a população local, municipal, regional, nacional ou mesmo a internacional. Temos um exemplo clássico de abrangência de usuários do Parque Ibirapuera no contexto municipal paulistano, mas com viabilidade e uso regional. Quem nunca ouviu falar deste parque?

A viabilização de parte de nossa proposta, portanto, é extremamente fácil, porque o município dispõe de todos os recursos para reformular seus parques, quebrando a fatal seqüência do desuso, por ordem de importância, anotados no decorrer desta pesquisa:

1. ausência de equipamentos para o lazer
2. insegurança gerada pela falta de policiamento
3. ausência de áreas verdes
4. ausência de espaços contemplativos

Estiveram muito próximas as questões voltadas para equipamentos de lazer e segurança, seguida de perto pelo verde. Por associação, concordamos que estes três elementos são os responsáveis pelo uso e apropriação eficaz de um parque.

O nosso foco de estudo não pretende alterar todo o *status quo* ou fugir com firmeza da padronização, mas centrar-se-á numa idéia bairrista, muito interessante, trazendo um enfoque histórico a todas as áreas.

Como a mudança de desenho da cidade, se torna inviável, diante das contingências de um país em crise, propomos o aproveitamento do conjunto de elementos de que já dispomos, procurando localizá-los diante das atividades e necessidades do homem urbano, mesmo que ele não se tenha dado conta disto.

Mais do que revitalizar os parques pretende-se revitalizar seu uso, justamente, através de correções, conferindo-lhes um maior valor social e ambiental e concomitantemente, reabilitá-lo para apropriação pela população.

Atrelado a esse fim, sugerimos unir ao conjunto já existente de parques públicos, uma área livre no interior da Fábrica dos Matarazzo, onde já acontecem esporádicas festas folclóricas e culturais, adaptando-a em espaço constante de lazer, com equipamentos específicos, transformando-a em novo espaço do cotidiano. Isso traria uma renovação da malha do lazer do município, impregnando-o com o todo das relações de proximidade, descentralizando, e estendendo a este bairro, que atenderia os subjacentes como espaço de mediação.

Esse novo acréscimo seria fundamental e funcional para a completa reativação dos Bairros Fundação e Centro, onde ainda a população não dispõe de áreas cotidianas voltadas para o lazer ativo. É, também, uma forma de reverter o processo de desmembramento, causado pela linha férrea que cortou a cidade, isolando aquele bairro dos demais.

A ocupação, na década de 1990, dos vazios urbanos deixados por algumas indústrias, pelo comércio viria legitimar a retomada da evolução urbana no bairro Fundação. Essas mudanças foram estimuladas pelo planejamento urbano que corrigiu a Av. dos Estados, incluso, programas de revitalização e paisagismo, bem como reformulação dos prédios públicos do bairro, desde o posto de Saúde até as escolas estaduais e municipais. Incentivo, que vem sendo bem aceito pela população que retomado o interesse, iniciou a renovação de seu patrimônio imobiliário. Tais mudanças de forma e função dos espaços são fundamentais na requalificação urbana. São em geral, concomitantes à revitalização propagada pelo setor público,

exemplificando a relação dual característica de um planejamento urbano coerente com as mudanças sócio-econômicas da cidade.

Outra sugestão é a inclusão da área da Cerâmica São Caetano, uma vez que desativada tornou-se outro grande vazio urbano. Permitiria a acessibilidade entre a Av. Fernando Simonsen e a Av. Guido Aliberthi, amenizando o trânsito, dentro do bairro. O remanescente da área seria analisado pelo planejamento urbano, ampliando as possibilidades do conjunto de parques e praças na cidade. É claro, que a especulação imobiliária percebe o interesse e acerca-se de tais fatos, mas a sua utilidade como espaço de uso público, pelo menos em parte, ultrapassa os interesses econômicos e políticos. De fato, se considerarmos a faixa que se formaria pelo advento da continuação da Av. Fernando Simonsen, até as laterais da rua Primeiro de Maio e Washington Luiz, já contaríamos com um acréscimo importante ao nosso patrimônio. Com o fim da conjuntura industrial do município resta perceber sua nova aptidão e alocar os recursos do conhecimento, para que o espaço reflita equilibradamente essa nova identidade.

Há diante da ocupação cotidiana, necessidade dos parques continuarem públicos, sem cobranças de ingressos e com serviços de infra-estrutura gratuitos. A manutenção deve ficar a cargo da municipalidade e devem fornecer atrativos e subsídios que favoreçam o lazer e conseqüentemente as heranças culturais desse lugar. O que se vislumbra é que esses parques se destinam a um uso trivial, como pátios públicos, seja o entorno de uso residencial, comercial ou misto. Fugimos, portanto, do fantasioso, antevendo

atualmente uma realidade do necessário, antes que tenhamos somente a percepção tardia.

**CAPÍTULO TERCEIRO**

---

## CAPÍTULO TERCEIRO: O USO

### 1. CONCEITOS IMPORTANTES PARA ESCLARECER O OBJETO DE ESTUDO

---

*“A percepção se estabelece no dia,  
a sensação se estende na noite,  
e o mundo se faz na consciência do vivido”.*

*Rogério Alvarenga*

Diante de tantos fatos e aspectos importantes, julgamos necessário decifrar a luz de alguns autores, definições básicas para termos usados no texto. Sendo assim, encontramos um conceito de espaço livre como elemento abrangente, integrado e contrário ao espaço construído em áreas urbanas.

Para dirimir dúvidas acerca da vegetação e de outros conceitos importantes é preciso esclarecer, inicialmente, segundo Lima et al. (1994, p. 539) que **ESPAÇO LIVRE** aparece como um conceito maior, que abarca todos se contrapondo ao espaço edificado em áreas urbanas. Em nosso entendimento pode-se dizer que os espaços livres são a somatória dos espaços livres de edificação com os espaços de circulação, formando o conjunto mais popular para o uso.

**ÁREA VERDE** nessa mesma linha conceitual é invocada quando houver a presença de vegetação, principalmente arbórea, tanto em praças, jardins e parques urbanos. Pode-se considerar nesse item os canteiros centrais das

avenidas ou laterais, margeando rios e edificações, trevos e rotatórias, desde que devidamente vegetados. No entanto, para a arborização urbana, ou em inserções de vegetação em áreas impermeabilizadas esse conceito não é adequado.

AS PRAÇAS, ainda na mesma linha conceitual, encontram-se em conjunto à parte, onde o principal componente é a sociabilização e se possível o lazer. Para tanto, pode ser vegetada ou mesmo apresentar-se como uma praça seca ao velho estilo romano.

ARBORIZAÇÃO URBANA, ou seja, as árvores plantadas ao longo de calçadas não se integram ao sistema de áreas verdes, segundo a conceituação de Lima.

Mas, defendemos em nossa teoria, a presença da arborização urbana, logicamente elaborada sob condições adequadas na escolha da espécie e do local de plantio, como "corredores condutores e indutores", fundamentais para a qualidade visual e condições de bem-estar, na sequência das praças e parques municipais.

No entanto, como não se falou dos PARQUES URBANOS, entendemos que deve trazer em seu traçado a presença marcante da vegetação, pelo menos na sua versão convencional, e servir obviamente a população. De qualquer forma, investe-se de áreas maiores que as praças, com equipamentos específicos para o uso e o lazer.



Os PARQUES TEMÁTICOS OU ESPECÍFICOS, não fazem parte de nossa pesquisa perceptiva, apesar de possuímos dois parques com tais características no circuito interno do município. Nossa preocupação esta, exatamente, na disponibilização destes espaços, também, para um lazer cotidiano, na prática do lazer ativo e convencional, além das atividades aí normalmente realizadas. Entretanto, nessa nossa conceituação generalista, nem sempre o verde é presença obrigatória ou mesmo é notado, devido às especificidades dos elementos abordados, mas um programa de necessidades, voltado especificamente ao lazer ativo esta comprometido com o temário em estudo.

Gostaríamos de expressar nosso entendimento, a partir do autor citado anteriormente, quanto ao termo funções ecológicas, principalmente em áreas tão herméticas como uma rotatória, se não atribuirmos valor ao conjunto. Concordamos no fato de que as árvores que acompanham o leito das vias públicas não devem ser consideradas como tal, pois as calçadas são impermeabilizadas e sua presença não é constante. Enquadra-se, pontualmente, nas questões de valores estéticos, mais acertadamente. Os conjuntos de áreas verdes de um município ou de uma região, aí sim podem ser encarados como ambiente de recepção da fauna e compor as questões ecológicas.

Enquanto isso, os elementos naturais, composições da estrutura geográfica de uma região tornam-se indisponíveis para a cidade, por meio da urbanização, exemplificados em fatos como retificação e tapamentos de

córregos, cortes e aterros que descaracterizam o relevo e fatalmente a retirada de qualquer vegetação preexistente, imprimindo um caráter monótono e homogêneo. Este desequilíbrio da urbanização deve ser repensado, uma vez que depois, a ação antrópica, raramente consegue recompor o que se perdeu em séculos.

Alterada a fisionomia da cidade resta contar com elementos circunstanciais como as áreas verdes e os próprios parques urbanos, marcos referenciais, que interferem na composição da paisagem e conseguem dar-lhe identidade. Como se aprende no cotidiano são as belezas cênicas dessas áreas que nos arremetem ao contato com o simbolismo do natural. Aliam-se a essas modificações, o preço da terra exorbitante que impede o poder público de resgatar algumas áreas para o sistema de lazer do município, essenciais a recreação e as demandas locais.

Próximo ao discurso anterior e certamente confirmando-o cientificamente, um alerta feito por **Bartalini (1982)** sobre os valores que os espaços livres e as áreas verdes trazem a sociedade deve ser mencionado.

São eles:

- Valores paisagísticos
- Valores recreacionais
- Valores ambientais

O paisagismo é o item-chave de toda a intervenção, pois a paisagem é o primeiro elemento que atinge nossa percepção. Conseqüentemente, as intervenções paisagísticas destas áreas devem comprometer-se com a valoração da função estética, proporcionando mudança na paisagem e contrapondo-se a massa construída (Bartalini, 1982).

As questões referentes aos valores recreacionais são instrumentos para o uso e apropriação desses espaços. Estão como nos apontam as pesquisas, entre os três principais elementos do programa de necessidades de um parque público, provocando, enquanto espaço de lazer, o relacionamento, como componente psicológico do cotidiano.

Os valores ambientais, confirmando nossas palavras, nos arremetem as questões de qualidade ambiental urbana, invocando alguns fatores importantes para as áreas vegetadas e arborizadas:

- Amenização de temperatura (microclima).
- Quanto aos ruídos urbanos, atenuando-os, proporcionalmente.
- Poluição do ar, nos processos de ventilação, retenção de CO<sub>2</sub> e poeira.
- Proteção do solo, quanto a impermeabilidade e erosão.

Enfim, uma “área livre verde” voltada para o lazer citadino, deve preencher esses requisitos, para que não fique a **mercê de pressões especulativas**. E precisam preencher chavões, ainda muito importantes,

quanto a funcionalidade, localização, estratégias para o uso, adequação ao sistema local e distribuição espacial.

Na mesma linha, seguindo um tênue raciocínio, **Macedo (1999, p.13)**, nos diz "a cada paisagem, a cada lugar, atribuem-se três tipos de qualidade:

1. Ambiental - que mede as possibilidades de vida e sobrevivência de todos os seres vivos e das comunidades na paisagem existente;
2. Funcional - que avalia o grau de eficiência do lugar no tocante ao funcionamento da sociedade humana;
3. Estética - que apresenta valores com características puramente sociais, atribuída pelas comunidades humanas a algum lugar, em um momento do tempo".

Esses três elementos são substancialmente as matrizes do conceito e proposta do parque urbano ao longo do tempo. Ainda revendo Macedo, espera-se que considerando a comunidade e o meio, tais conhecimentos forneçam subsídios para compor o espaço, adequadamente, com propósitos específicos, vislumbrando o ser humano na organicidade desse encontro. A paisagem urbana é o mais sólido reflexo desta configuração do humano apropriando-se do espaço, tornando-o tecido urbano e compondo os quadros de nosso cotidiano.

A partir dessas explicações ousamos elaborar um conceito mais completo e próprio para os **PARQUES URBANOS**, que segundo nossa concepção seria um espaço livre público, com evidentes inserções de áreas verdes, propiciando ao público lazer ativo e passivo como contraponto à sociedade transitória e a evolução urbana. Geralmente, os parques, mais generosos em área que as praças, oferecem também mais atrativos.

Todos os espaços do cotidiano podem ser adjetivados: espaços de aprendizagem, de lazer, de ginástica, etc. Os espaços múltiplos enfocariam as diversas finalidades do cotidiano e seu funcionamento. Mas sobre o espaço em si, discorreremos em todo o texto, à medida que se faz necessário, desde suas concepções mais materialistas até propostas mais arrojadas no seu entendimento. Entretanto, o que nos aponta para o entendimento de assunto tão complexo é sabê-lo em constante mudança de acordo com as atividades antrópicas oriundas do trabalho, durante a viagem histórica.

Outro conceito fundamental, está no termo paisagem e que segundo **Santos (1997a, p.61)** é "tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc." Essencialmente, a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção.

Sempre que pensamos em espaços livres de edificação nos vem a mente o uso destes como sistemas de circulação ou de lazer. Concordamos

que tais elementos fazem parte da paisagem urbana e buscamos conceituá-la antes de invadirmos outras temáticas. Enfim, podemos considerá-la como a expressão e a forma do ambiente em que vivemos, diretamente relacionados, é claro, a nossa percepção. Não podemos perder de vista que a paisagem altera-se com o tempo, devendo então ser expressa a cada momento do tempo.

Esta, fisicamente falando, pode ser definida em função da tipologia, dos espaços livres de edificação, das massas vegetais, dos elementos naturais e artificiais que compõe o espaço. Ainda Santos (1997a, p.66) nos diz que "a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições;... é uma escrita sobre a outra... é uma herança de muitos diferentes momentos"..

Se a paisagem é o que vemos, percebida pelas sensações do humano, sendo a expressão corpórea do fenômeno geográfico em sua totalidade, "cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferenciados de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas" (Santos, 1997a, p.64).

Ainda segundo Santos (1997a, p.69), as mutações estruturais da paisagem ocorrem quando há alterações de formas, mudanças de velhas formas, adequando-se as novas funções. As mutações funcionais ocorrem conforme as variações de ritmo e tempo. As estruturas urbanas adquirem funcionalidades diferentes durante o dia ou a noite, devido ao seu movimento, e são estas mudanças funcionais o objetivo da proposta aqui veiculada.

... E nos restringiremos à paisagem dos parques, aos valores paisagísticos, recreacionais e ambientais, a funcionalidade e aos domínios do estrato arbóreo e arbustivo, aos conjuntos de árvores dominantes com suas copas buscando o fulgor do sol, das árvores dominadas, que se sujeitam por necessidade ao sombreamento e competição das dominantes, subjugadas a um espaço restrito, o contato com os troncos e galhos que impedem o crescimento espontâneo. E como não poderia deixar de ser, parecendo que a vida humana imita a natureza, as co-dominantes que abaixo das dominantes disputam um sub-bosque arbóreo acima das dominadas, mas, ainda, encobertas pela sombra, angariando cada nesga de sol para sua fotossíntese, deixam ainda mais humilhadas, numa competição por água, sol, nutriente e espaço, as dominadas.

Estes três estratos arbóreos são, juntamente, com os equipamentos urbanos de um parque, nosso foco de visão. Sem dúvida o que pode valorizá-lo ou deixá-lo definhar ao esquecimento. Esse sub-sistema recreativo com áreas verdes deve equilibrar-se com os demais sub-sistemas, formando o complexo do sistema urbano. Deve ir onde há maior densidade populacional, buscar diluir as pressões do ambiente ao proporcionar opções de sociabilização, facilitando o convívio e amenizando situações cotidianas, criando identidade para o local e simbolismos com a população, induzindo ao uso e a conservação.

Muitas vezes, um desenho inadequado, a escolha imprópria dos materiais e das espécies vegetais, podem comprometer os resultados esperados. Adequá-los ao meio ambiente (físico) e ao usuário é a melhor

medida, para que um planejamento nas várias escalas do projeto seja coerente e atenda aos valores citados, anteriormente.

Exemplificado pela história, já na Idade Média, o clero tinha o prazer aromático do uso de flores em seus jardins. Em 1700 a jardinagem tornava-se popular. Era a época da imitação da Natureza. Os jardins eram criados, buscando representar a naturalidade dos espaços agrestes (Magnoli, 1986).

Os parques vieram depois, como uma extensão dos jardins. A admiração que crescia foi impulsionada pela revolução industrial, já como elemento para ressarcir a paisagem e o ambiente dos malefícios dessa nova era, que se instalava no *fog* e na poluição urbana tão nossa conhecida.

Já em meados de 1850 temos relatos de parques que introduziram animais, principalmente patos e gansos em belíssimos lagos. Comum até hoje, quando levamos o pensamento ao Ibirapuera e a tantos outros parques.

Essa obsessão tem seu ponto mais forte na cultura inglesa e francesa que, desde o século XIII, já elaborava jardins para o agrado de nobres olhos.

Lima (2000, p.112) nos informa que William Kent (1684-1740) foi um dos primeiros a buscar a alteração da paisagem, através dos grandes jardins, na busca da similaridade com a natureza. Mas, um dos primeiros parques importantes foi o *Regent's Park*, criado em 1810, no coração de Londres.



Seguindo o raciocínio de uma linha de revisão é importante citar que os parques urbanos em São Paulo, conhecidos até hoje, o Cantareira, Jardim da Aclimação e o Bosque da Saúde, entre outros, foram destinados a práticas desportivas nos domínios destas áreas, no início da República. Tomado pelas intervenções da Saúde Pública e da educação, o problema estava em resgatar a pretensa qualidade de vida perdida com a urbanização, como elemento amenizador do objeto construído. Sendo assim, o lazer esportivo era o objetivo principal **(Reis Filho, 1994)**. Eram, também, políticos e econômicos, buscando corrigir os fechamentos urbanos, quer seja na valorização de um lugar ou mesmo de todo um bairro.

As ameaças de epidemias e endemias no Estado traziam a baila a proposta de áreas abertas, ventiladas, para circulação das pessoas e do próprio ar, bem como induzir a prática de esportes e amenizar os saudosismos das paisagens rurais, resgatando a vegetação.

Fugiam ao conceito de jardins que já existiam a longo tempo, mas buscavam uma nova identidade, mais popular e mais saudável. Pretendia-se perder o caráter formal dos passeios de fraque e cartola pelos jardins ecléticos. Podemos notar um elemento socializante, de convívio, que faziam compor o quadro dos parques urbanos como indumentária essencial, efetivamente somente nos idos de 1960. A lanchonete, o quiosque, e até o temático como era o caso do Parque Antártica e sua cervejaria **(Reis Filho, 1994)**, inseriram-se no contexto.

Um artigo escrito por Galen Cranz e resgatado por **Magnoli (1986)**, do qual nos apropriamos, para melhor explicar a evolução das estruturas e finalidades dos parques urbanos é apresentado a seguir:

- **1850 – 1900**
- **1900 – 1930**
- **1930 – 1965**
- **1965 até a atualidade.**

Esses quatro períodos, apesar de se valerem dos mesmos elementos para composição dos parques, apresentam metas distintas, principalmente as sociais. Isso se justifica, porque cada modelo proposto tinha como objetivo atender a necessidade específica de cada época, mediante uma realidade pública, suas propostas de urbanização e as questões desenvolvimentistas.

A época de **1850 a 1900**, segundo o autor citado, caracteriza-se por amplos espaços, relêvos e massas de água, buscando antecipar um cenário bucólico e campestre. Todos os artificios que possam lembrar a ação antrópica são evitados. No entanto, pode se dar ao luxo de tais paragens, por se tratar de parques localizados na periferia das grandes cidades, já em áreas abertas.

Buscavam atrair os usuários pelo menos semanalmente, oferecendo exclusivamente atividades contemplativas e passivas. Atividades físicas ou exercícios que demandam esforços físicos não estavam previstos, mas eram possíveis pelos grandes espaços abertos.

No contexto social, a busca constante por espaços naturais influenciou na criação desses parques, motivo pelo qual ofereciam situações de crédito aos rigores e agruras da industrialização americana da época. Seria, inclusive um freio ao perigo, visto pelas elites em relação aos ideais morais de difícil controle nas cidades. Como exemplo prático desta tendência, temos a criação do *Central Park*, no seio da principal cidade americana.

Ainda Magnoli, nos orienta que o período sequencial de **1900 a 1930** foi o de maiores modificações na evolução dos parques, quando foram incluídas referências ao *playground*. Essa grande mudança está na passagem de um espaço periférico para um espaço internalizado ao tecido urbano. O parque foi definitivamente contido nos limites da cidade.

A palavra-chave que vislumbra este período é recreação e os conceitos relacionados com atividades ativas e passivas, respectivamente, significam participação e contemplação.

A partir do princípio e da necessidade de atender uma faixa etária específica de usuários, a infância, os setores relacionados com o lazer passam a difundir nestes espaços, também, para outras idades, jogos, quadras, apresentações teatrais, etc. É a universalização do uso e apropriação dos parques, numa tendência que prossegue e deve ser respeitada até os nossos dias.

Percebe-se, claramente que ao ficarem contidos no tecido urbano os espaços dos parques são reduzidos, comparativamente aos anteriores, incrustados entre residências, indústrias e áreas comerciais. Em contraponto estão disponíveis para atividades diárias, fornecendo, logicamente, subsídios para toda a onda de modernismos inspirados nos parques norte-americanos.

As transformações sociais, políticas e econômicas da época, geradas pelo progresso tecnológico, em suas diversas variantes, infiltrou-se em todo o mundo, permitindo perceber a aceitação das normas da cultura industrial, dentro de regulamentos e valores das leis anglo-saxônicas. São as versões menos interessantes da tão falada globalização.

É nessa orientação que os homens se percebem assumidamente dentro do espírito empresarial, ocupando com o lazer áreas periféricas ao redor das residências e indústrias. Esses movimentos sociais convergem para a institucionalização dos parques, enquanto função do poder municipal.

No período de 1930 a 1965, segundo Magnoli, novamente a palavra recreação volta como tema-chave, mas de uma maneira mais profunda, quando pública e assegurada para todos, no cotidiano, em eventos, jornadas, de tal porte que passa a influenciar, decisivamente, na execução e implantação seriada e multiplicada de estádios, grandes piscinas, quadras, arquibancadas entre outros. São Caetano não fugiu a regra e ao modismo e o seu único estádio, Anacleto Campanella, e suas piscinas públicas, datam de meados de 1960.

Com o contínuo trabalho sobre o tema as tendências passam a valorizar também, o deficiente físico e preocupar-se com faixas etárias mais específicas, como os idosos.

Há uma padronização destes espaços em todos os lugares, funcionando como elemento do progresso urbano, atendendo a uma clientela que cresce assustadoramente, tanto nas áreas centrais, quando possível, como nas áreas residenciais, voltando-se para um estilo de vida mais saudável e funcionando como marcos de vizinhança entre os lotes urbanos.

Alguns autores (Jacobs, 2000; Reis Filho, 1994; Magnoli, 1986, entre outros) nas entrelinhas nos dizem que a correta hierarquização e a distribuição, sistematicamente planejada, desde a escala local até a nacional fariam com que os parques viessem a contribuir, com todos os requisitos técnicos, para uma sociedade justa, equilibrada, harmoniosa e ordenada.

À partir de 1965, Magnoli nos informa que a cidade é vista, urbanisticamente, dividida em ruas, largos, praças, parques, sendo um espaço diversificado, heterogêneo em equipamentos urbanos, difundido em revitalizações e acentuando-se a necessidade por áreas de lazer mais funcionais. De certa forma, o aumento destas áreas favorece, sem o correto aumento dos recursos, uma dificuldade de gerenciamento das autoridades competentes, percebendo o descaso e o vandalismo.

Ainda, **Macedo (1999, p.17)**, que procurou reunir projetos paisagísticos significativos executados no Brasil, define três grandes períodos nesta linha, dentro de nosso território:

- “ECLETISMO: inicia-se formalmente em 1783, com a abertura do passeio público e a ruptura dos velhos padrões coloniais. Definido pelo surgimento dos primeiros parques públicos, dos jardins das grandes mansões dos barões do café no Rio de Janeiro e São Paulo. Há total influência francesa e inglesa, sobre todos os projetos, buscando-se a paisagem européia. Na primeira metade do século XX perde sua supremacia para um novo momento”.
- “MODERNO: inicia-se em 1934, com os jardins da Praça de Casa Forte de Burle Marx, em Recife e tem seu ponto alto nos jardins do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro e no projeto de Lúcio Costa e Niemayer em Brasília. O uso de vegetação nativa e o rompimento com as formas pré-estabelecidas das escolas clássicas são pontos marcantes. O lazer ativo esta presente, mas mantendo as tendências contemplativas”.

- “CONTEMPORÂNEO: tem como marco o Parque das Pedreiras, inaugurado em 1990, refletindo as diretrizes desta década, ultrapassando as barreiras do século XX e neste novo século carrega em si uma postura do projeto ecologicamente correto, além do utilitarismo corrente. Recebe forte influência dos japoneses, americanos e franceses, nesta nova fase, quanto aos equipamentos e vegetação”.

E para fechar este ciclo de conceitos convém informar sobre o sub-sistema urbano lazer, que efetivamente pode se dar nos parques públicos, mas imiscui-se em todo o sistema urbano. E foi em Dumazedier (2001, p.34) que encontramos o mais adequado conceito de lazer ao nosso trabalho: “o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

Independente dos conceitos arquitetônicos, todas as alternativas para os parques urbanos, buscaram encontrar sua funcionalidade para a sociedade, servindo ao contexto do lazer e oferecendo possibilidades de recreação, reforçando nossa linha de percepção e confirmando-a, no pensar deste trabalho.

## 2. O QUE AS PESQUISAS DE CAMPO APONTAM: DIREÇÃO E SENTIDO

---

*“O uso atrai o uso  
O desuso atrai a degradação...”.*

Rogério Alvarenga

A população de uma maneira geral não se desloca para ver somente árvores no seu cotidiano. Os espaços estáticos são bem vindos desde que associados ao dinamismo de espaços de lazer ativo com oportunidades para o corpo e o espírito. Geralmente, o usuário procura outras atividades como caminhar, correr, fazer ginástica, nadar...

Relembrando o vocabulário encontrado no texto, designamos **lazer ativo** toda expressão do corpo em que há gastos de energia provocados, sendo exemplos claros os jogos, brincadeiras, ginástica, corridas e caminhadas. O **lazer passivo** está inserido nas definições do descanso, da contemplação, e podem ser exemplificados nas conversas a sombra de uma árvore, sentados em um banco ou não, em leituras diversas, nos namoros ou na simples observação da paisagem. Assim todas as expressões utilizadas no texto, ora enquadra-se num conceito ora em outro.

E por lazer, conceitualmente falando e já definido preferimos citar suas funções neste momento, para justificar nosso critério de trabalho, que embora



perceptivo, posteriormente, encontramos numa agradável leitura o amparo científico, confirmando nossas palavras. Sendo assim, as três funções do lazer, segundo Dumazedier (2001, p.32), “mais importantes, são”:

1. função de descanso,
2. função de divertimento, recreação e entretenimento,
3. função de desenvolvimento”.

Considerando estas funções, percebemos a analogia salutar entre este trabalho e a proposta do autor citado, uma vez que descanso se refere a liberação da fadiga do mundo moderno, resultado do ritmo urbano do trabalho, causador do estresse, das tensões físicas e nervosas.

Dumazedier (2001, p.33) cita Henri Lefebvre, ao discutir que a cotidianidade associada a monotonia e alienação das tarefas do *homo faber*, induzem a um “sentimento de privação e a necessidade de ruptura com o universo cotidiano”. Isto promove uma busca de atividades diversas, onde os sentidos e o prazer possam ser explorados. Uma das saídas veiculadas na atualidade esta no lazer do divertimento. E finalmente, salienta que o desenvolvimento esta atrelado a socialização que tanto falamos, com uma característica marcante, a humanização, uma vez que se realiza de maneira mais livre, sem as coerções e exigências do cotidiano produtivo moderno.

Mas retornando aos aspectos pesquisados, sabemos de antemão que os parques englobam, em suas definições, principalmente áreas vulneráveis à urbanização, do ponto de vista da topografia, de cobertura vegetal, de solo e hidrografia, numa visão ecológica para fins de ações preservacionistas. Na cidade, o parque urbano deve ser visto como detentor de uma parcela do verde urbano e como espaço social, de comunicação e lazer (Marcellino, 1996), sem o intuito mais laicizado de ecologia, mas fundamentando-se também nestas bases, salvaguardando-se as devidas conceituações e limitações.

Os planos de massas vegetais contidos nos parques funcionam, do ponto de vista da sociedade consumista e consumidora que encontramos nos centros urbanos, como um pano de fundo necessário às questões ambientais e estéticas.

Observando o município de São Caetano percebemos que apenas duas regiões (Bairros Fundação e Prosperidade) ficam mais afastadas desses equipamentos. A causa está na localização em regiões extremas, dificultando a acessibilidade do usuário comum.

O bairro Fundação, por situar-se entre a estação férrea e limitado pela Av. dos Estados somente é acessado por meio de dois viadutos: O Viaduto Independência e o Viaduto dos Autonomistas (Viaduto Velho), além da passagem de nível, exclusiva de pedestres, junto a Estação Ferroviária de São Caetano. Assim, o bairro ficou isolado do todo, recebendo tratamento de infra-

estrutura, mas sem a possibilidade de gerar áreas comerciais importantes e interessantes que promovessem a ida da população em visitas.

Com o acerto do leito do Rio Tamandateí e a diminuição (não a extinção) do grau de enchentes no local houve a ocupação de vazios urbanos deixados por fábricas desativadas, pelos Hipermercados Carrefour, Sam's Club entre outros, atraídos evidentemente pelas melhorias e pelo fluxo da Av. dos Estados. Tais fatos promoveram uma redescoberta do bairro e um movimento dos próprios moradores para sua revitalização.

Concomitantemente, outro pátio desativado, o da Fábrica dos Matarazzo, tornou-se, após adaptação de área aberta existente, local de festas, como a italiana que ocorre anualmente, festas juninas, julinas, festa de flores e frutos que movimentam, ocasionalmente, os finais de semana desse bairro. Assim, todas as mudanças promoveram uma alteração no uso e felizmente um retorno cultural.

Para tanto, faz parte de nossa proposta teórica e acadêmica, dentro do planejamento urbano do município, já citado anteriormente, sugerir que parte da área da Fábrica se transforme em Espaço Cultural Matarazzo, marcando definitivamente seu uso, com o incremento de um parque urbano no seu contexto, para atender os usuários no seu cotidiano, em caminhadas, atividades desportivas e áreas verdes. Dessa forma, consolidaríamos esta área como espaço de convivência e traríamos maior incremento no lazer ao bairro origem de todo o município.

O bairro Prosperidade, separado do município, literalmente por duas divisas, a de Santo André e de São Paulo, encontra-se em extremo linear ao Bairro Fundação. Devido, a sua localização, o bairro ficou ilhado e com exclusivo uso local. Condição tão clara, que a própria escola de samba, gerada no bairro, tem a designação ilha em seu nome.

Bem cuidada e com boa infra-estrutura, apesar de sua ligação com o município estar entrecortada pela Estrada de Ferro “Santos-Jundiaí”, os acessos se dão pela Av. dos Estados ou pela Av. Felipe Camarão que funciona como divisa de municípios. Metade do leito carroçável é Santo André e a outra, São Caetano. Esse isolamento permitiu o desenvolvimento de pequeno comércio com fins locais.

Outro fato, que ocasionou o isolamento foram as enchentes que transformam o bairro, literalmente, em ilha, na época do verão e seus moradores em náufragos. De qualquer forma, o redimensionamento do leito do rio Tamanduateí, bem como suas melhorias trouxeram um pouco de paz ao bairro. Portanto, o espaço cultural Matarazzo traria um alento a esse bairro que, infelizmente, não apresenta áreas livres para um parque, mas possui um Clube Recreativo, o Clube de futebol do Jabaquara, um Clube de Terceira Idade, duas pequenas praças e ruas arborizadas que atendem a população local. A facilidade de acesso pela Av. dos Estados, permitiria a busca de novas atividades, pelo menos, nos finais de semana.

Convém ressaltar em São Caetano, que os usuários dos parques públicos urbanos convencionais são de origem local, na sua maioria composta por indivíduos do mesmo bairro de inserção do parque e dos limites de bairros circunvizinhos. As exceções ficam a cargo de dois parques (Escola de Ecologia e Cidade das Crianças) que oferecem alternativas educacionais, além das recreacionais, devido a sua temática, atraindo usuários de todo o município e de outros municípios do Grande ABC. Dados fundamentais, apreendidos, informam que o uso dos três parques convencionais (José Ermírio de Moraes, Bosque da V. S. José e Guaiamú) ocorre com 98% dos usuários morando no entorno ou no próprio bairro.

As pessoas buscam na proximidade e por isso, a Avenida Presidente Kennedy, após o tapamento do córrego, se transformou em parque linear, com grande apropriação. Há grandes discursos ecológicos sobre o fechamento de um córrego e concordamos com os preceitos teóricos, apesar de ter acontecido com muitos pequenos córregos em diversas regiões, na ânsia de permitir maior espaço para os veículos.

Mas, nesse caso, com o advento da área verde associada a caminhos e áreas de estar a apropriação do espaço foi fantástica. Ganhou-se mais uma área para o lazer em espaço fadado a deterioração, como estava acontecendo, e nota-se após oito anos de uso, uma clara modificação do entorno, com melhorias nas características estéticas das residências e a aproximação de setores comerciais, voltados para esse público e outros serviços.

O Vale do Anhangabaú, em São Paulo, teve uma transformação semelhante, guardando-se as devidas proporções, mas o espaço não sofreu uma apropriação acentuada, claramente explicado em sua grandiosidade física, promovendo a dispersão, a falta de referências visuais, pouca vegetação, equipamentos e na ausência de focos residenciais próximos.

No Bosque do Povo (Bosque de Vila São José), em São Caetano, encontramos uma frequência bem menor, podemos dizer até pontual, dada pela travessia de pedestres para acessar as ruas lindas, pelo fluxo de pais que levam seus filhos a Escola Municipal de Ensino Infantil, existente no interior do parque e pelos idosos que buscam o espaço para sentar e conversar, principalmente nas áreas mais ensolaradas próximas as entradas do parque. A queda na frequência se deu, devido às condições de degradação física do parque e a ausência de equipamentos como *playground*, quadras e aparelhos de ginástica. A população, diante disso e da falta de iluminação natural, proporcionado pelo intenso fechamento do estrato arbóreo, nas áreas de caminhada, sente-se insegura e desmotivada, apesar da presença de ronda da Guarda Municipal.

Outra preocupação que nos impôs muita reflexão, foi o gradeamento dessas áreas livres de uso público, como defesa contra o vandalismo e a criminalidade, apontando não mais um espaço público, mas semi-público, com horários e dias de funcionamento. Essa disfunção, na maioria dos parques e praças de São Caetano e outros municípios observados, poderiam levar a um afastamento do usuário.

Em São Caetano, entretanto, essas condições trouxeram o usuário, ao contrário de nossas expectativas, pois segundo constatamos, proporcionam mais conforto e segurança, inclusive às estruturas e infra-estruturas do parque, nos períodos mais remotos do dia.

Foi interessante perceber que os parques, mesmo os de bairro, com equipamentos básicos, poderiam satisfazer as necessidades cotidianas da população. Articulando-se com as propostas de parques temáticos e praças fecham com chave de ouro um eficiente sistema de lazer para promover o retorno da população ao convívio ao ar livre, fugindo da TV, da internet e do computador multimídia.

Também, os índices de áreas verdes alinhavados em discursos, em muitos casos, levam a compreensão enganosa. Em certos municípios, grandes áreas arborizadas, de preservação ou conservação ambiental entram na contagem como áreas verdes e parques, mas são inacessíveis ao usuário ou não apresentam atrativos e equipamentos. São áreas verdes, necessárias à manutenção da diversidade ecológica e a manutenção da vida, mas não atendem a população no lazer e fornecem dados incorretos, informando que a população dispõe de “tantos metros quadrados por habitante de áreas verdes” e interpretados como áreas disponíveis ao lazer. É preciso, como feito neste trabalho, diferenciar áreas de conservação e preservação, importantes na manutenção do domínio ecológico, mas nem sempre disponíveis a população e áreas de lazer com a presença de áreas verdes, disponíveis a população. Todo o levantamento de dados, quanto a quantidade de áreas verdes indicam,

simultaneamente, os espaços de lazer, pois não há áreas de preservação em nossa cidade, e os grupos vegetais acabaram concentrando-se nos espaços livres públicos.

Os espaços de lazer devem estar razoavelmente qualificados para o uso, bem como atender necessidades básicas, mencionadas durante a pesquisa de campo, mas que fazem parte da lógica construtiva do ideário qualitativo dos parques urbanos, como:

- **iluminação natural e artificial adequada,**
- **acessos gratuitos de pedestres e áreas para estacionamento,**
- **áreas verdes, espaços estáticos e dinâmicos,**
- **visibilidade adequada,**
- **lanchonetes ou similar,**
- **segurança,**
- **banheiros.**

Nossa percepção aponta para a população de São Caetano, tendo interesses específicos para áreas cotidianas de esporte, lazer e contemplação. De acordo com a variabilidade do poder aquisitivo, são vistos em passeios mais complexos, visitando lugares e até mesmo, parques temáticos, diferenciados.



Mas o nível econômico de classe média não conseguiu fazer prosperar casas noturnas, danceterias e similares. Restaurantes, choperias, *fast-foods*, são sempre bem vindos, prestando serviços a comunidade, mas atrações extras são procuradas na metrópole paulistana, devido a proximidade. A vinte minutos da Av. Paulista, o novo, o agito e o encontro com tribos diferentes atraindo para lugares diversificados e tão próximos.

O programa de necessidades de um parque urbano convencional, portanto, deve gerar-se a partir do usuário, das atividades que busca, além da disponibilidade do meio físico. No caso, constatamos que são as atividades simples como descanso, correr, ver, andar, pular, conversar, encontrar-se casualmente e a presença de arborização, as exigências mais comuns. Outras tentativas diferentes fracassam porque apegados ao seu local de origem gostam do espírito intimista que a cidade gera e demonstram não apreciar muito as mudanças drásticas no município. Dentro dessas constatações sentimos que um projeto que modificasse, radicalmente, o modo de vida da população seria rejeitado na sua elaboração. Como ouvimos muito, as pessoas querem o conforto e a tranquilidade das manhãs de domingo. Talvez, seja o resultado de tantos anos com o conceito de cidade-dormitório, aliado ao estresse do mundo moderno.

Convenientemente, nas possibilidades públicas, são esses parques que se tornam disponíveis quanto a recursos para execução e manutenção. Parques temáticos como o Hopi-Hari, Play-Center entre outros, de fato precisam continuar sob a tutela de órgãos privados, devido ao incremento

projetual vultuoso e complicado para manutenção, mesmo junto a mídia. Estes precisam do setor privado para sobreviverem sadiamente, cobrando taxas de acesso, sem desgastes e renovando-se.

Derivando das tendências francesas e envolvidas com uma temática de socialização diferenciada, os jardins públicos, onde a vegetação era condição fundamental se transformaram num encontro social. Conseqüentemente, com o desenvolvimento da arquitetura moderna, do pensamento estético e social, a praça e o jardim de antigamente se fundem para fazer nascer o potencial destas áreas em estratégias de lazer ativo, passivo e adventício, mesmo de passagem.

Não foram esquecidas as temáticas de paisagem renovada, trazendo novas funções, inclusive por meio das árvores, arbustos, herbáceas que trariam uma ação saneadora física e mental, ainda atrelada ao sanitarismo do início do século. Em um ponto não há discussão: o conceito de parques liga-se estreitamente a presença da vegetação como argumento da paisagem, mesmo relevando-se sua importância apenas aos padrões estéticos.

Sendo assim, torna-se muito mais fácil trabalhar no setor público, espelhando-se nas necessidades diárias das pessoas, ao invés de criar grandes atrações tecnológicas para um público pagante. A população também requer e precisa de espaço atual, mas livre e gratuito, diante das atuais condições econômicas. Os grandes parques temáticos são sonhos de consumo mais elitistas. A Disneylândia, grande parque temático, exemplifica bem o que

queremos dizer, disponível para jovens aos quinze anos e outros que ainda querem reviver os quinze e podem pagar. Mas, essa é a realidade da população em geral?

Os parques públicos urbanos, então, apresentam uma missão muito mais complexa: atender diferentes usuários quanto a condições econômicas e faixa etária, e ser suficiente para o lazer cotidiano que tanto se busca em São Caetano.

Mas numa cidade, extremamente, urbanizada os conflitos surgem no entorno dessas áreas, quando da presença de unidades habitacionais, comerciais ou industriais lindeiras, constantes em São Caetano. Em geral, o verde incomoda porque "solta folhas" que sujam os quintais, promovem o sombreamento, ocultam propagandas e principalmente quando algumas espécies vegetais podem, por princípio, apenas oferecer riscos aos moradores locais.

Chegamos ao absurdo de detectar pedidos para podar árvores nobres porque suas folhas voam em direção aos seus quintais ou que retirem os bancos das áreas estáticas para que os andarilhos/mendigos não tenham onde dormir. Dessa forma, é o grupo vegetal que incomoda, o barulho dos encontros e do uso dos equipamentos. Seria estranho que, ao mesmo tempo em que beneficiam, os parques urbanos não trouxessem pequenos problemas gerados na insatisfação cotidiana de "alguns".

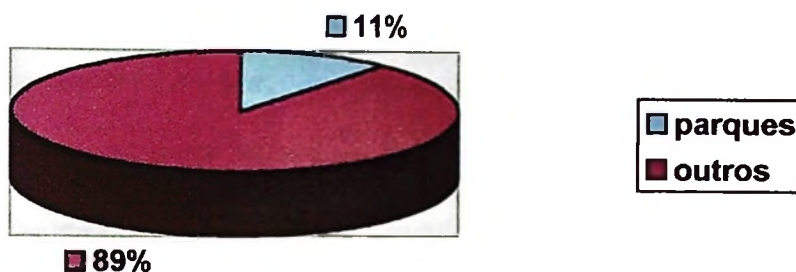
Em nossa percepção pelas preferências cotidianas, em avaliação feita ao longo de três anos, anotamos apenas 11% dos moradores de São Caetano lembrando-se e associando os parques aos seus períodos de lazer.

Para melhor visualização dos dados obtidos informalmente, nas conversas e contatos diários em nossa atividade profissional e elencadas textualmente, elaboramos o **gráfico 2**. Mas de fato, a pesquisa de campo em que questionamos inúmeras pessoas será expressa na seqüência.

Em termos gerais, dividimos apenas em dois itens para facilitar o entendimento seqüencial da pesquisa. São eles:

- Parques e praças, com **11%**.
- Outros ou não opinaram, com **89%**.

## Gráfico 2



**Gráfico 2: As preferências no lazer cotidiano do município, segundo pesquisa empírica.**

No **gráfico 2**, devemos lembrar que vasculhamos nossos antigos escritos e nossa memória, formatando os dados em busca de um número que nos aproximasse dos possíveis usuários destas áreas, concebidas, no passado, para retirar o homem dos recintos fechados e abafados das linhas de produção para um ambiente aberto e arejado.

Como nos apontam os dados, hoje essa realidade não é tão clara, pois muitas respostas foram ouvidas e por vezes preferiram outras alternativas como a televisão e o shopping center. Felizmente alguns usuários (11%), ainda vêem os parques e praças como espaços disponíveis e gratuitos, favorecendo sua percepção e seu uso por todas as classes sociais. Ainda neste gráfico, no item outros, uma porcentagem de usuários mencionou passeios turísticos,

visitas a parques temáticos, excursões religiosas, mas mantivemos nessa coluna, por não se tratar de atividade relevante em nossa pesquisa.

Dentro desse rol, as reclamações ouvidas com mais frequência foram: mais espaços para caminhada, corrida, ginástica, iluminação natural (em locais onde o excesso de arborização escureceu tanto o ambiente que torna "inseguro" caminhar por suas passarelas) e também a iluminação artificial (atividades noturnas), melhorias na arborização e planos de massas vegetais, bem como no seu domínio com as propriedades lindeiras. E para tanto, o município tem competência.

Consideramos desnecessário alterar, significativamente, o projeto dos parques que estão sendo facilmente apropriados pelo homem, aconselhando nossa percepção a acatar os resultados das pesquisas e criar, melhorar, recuperar, reestruturar, seguindo os passos do pedestre, do caminhante, do corredor, do ginasta, do idoso, da mãe e seus filhos, dos jovens...

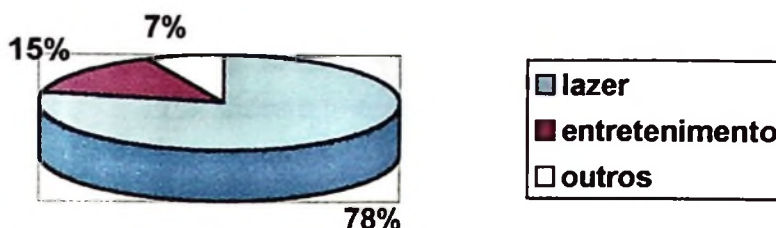
Aonde iremos e que recursos agradarão aos usuários se não nos abstrairmos na viagem já vivida por nossos ancestrais que presenciaram nos parques belezas cênicas, espaços abertos, dinâmicos e inspiraram-nos a continuar nas trilhas da composição e elementos elencados pelo próprio público. Qual o proceder nas ruas dos bairros? Será que não podemos criar espaços que revivam os momentos de prazer das ruas, com as pessoas sentadas em cadeiras nas calçadas... Os bancos das praças se estendem aos parques e congregam a comunidade do entorno na cotidiana jornada.

Procurando vislumbrar este entendimento empírico, elaboramos uma entrevista rápida, feita em campo, na intenção de consolidar nossa fala ou excluí-la. E para tanto foram entrevistadas trezentas e cinquenta pessoas de diferentes sexos e idades, sem seleção de classe social ou períodos do dia, dentro e fora dos espaços públicos em questão, amparados por **Santos (1990)**. No entanto, não pretendemos, em momento algum transformar este trabalho perceptivo em quantitativo, mas apenas deflagrar as nuances, entre um e outro. Os resultados podem ser conferidos, juntamente com as questões abaixo.

Perguntamos, em primeiro lugar, o que “eles entendiam por parques urbanos”, questão diretamente relacionada com a **PERCEPÇÃO** e as respostas foram as seguintes:

- **78%** classificaram-no como áreas de lazer
- **15%** , como áreas de recreação
- **7%**, outros.

### Gráfico 3



**Gráfico 3: O que se entende por parques urbanos no município, segundo os entrevistados.**

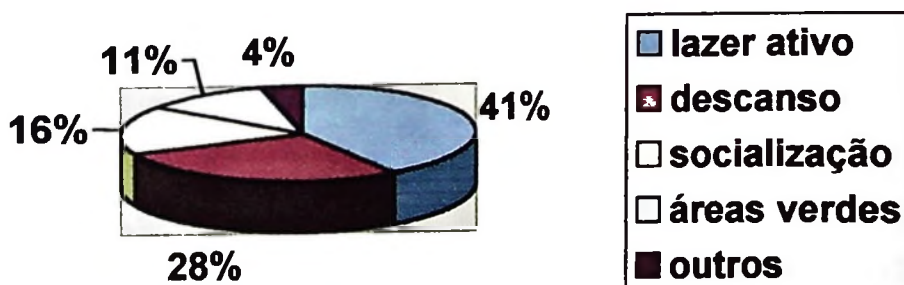
Considerando os termos empregados na pesquisa e relacionados no **gráfico 3** como sinônimos, a maioria percebe o parque como áreas de lazer. Uma porcentagem pequena ofereceu outros tipos de respostas, inserindo chavões, que naturalmente, constam dos programas de necessidades dos parques urbanos convencionais, como: “reservas de áreas verdes”, “áreas de convivência”, “áreas livres”, entre outros menos importantes.

No segundo momento, perguntamos “qual a função de um parque urbano”, ligado às questões de **USO**, e as respostas foram:



- **41%** dos entrevistados responderam que a função era o lazer ativo.
- **28%** indicaram o descanso.
- **16%** apontaram o convívio social, a socialização.
- **11%** disseram que os parques eram áreas para manutenção do verde.
- **4%**, outras funções.

## Gráfico 4



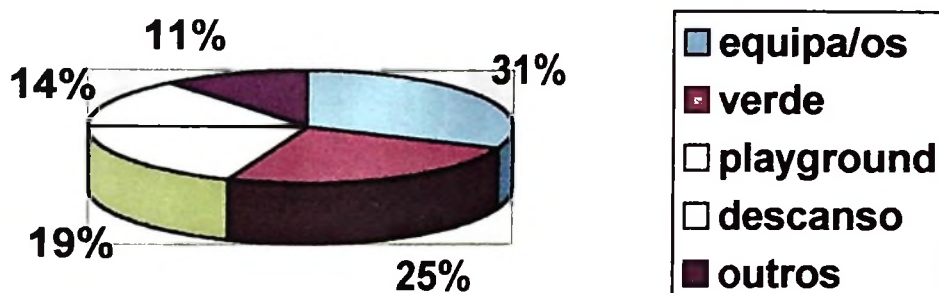
**Gráfico 4:** as funções de um parque urbano, segundo os entrevistados.

Devidamente registrados os dados no **gráfico 4**, concordamos que se somam e complementam a primeira pergunta da pesquisa, como uma dedução necessária. Percebemos que todos que se referiram ao descanso não se reportavam ao sono, mas ao relaxamento associado à contemplação, que por sua vez exige paisagem agradável. Não estavam se referindo ao movimento, ao fluxo de pessoas ou a circulação, mas a contemplação, em que a moldura da paisagem seria dada pela vegetação, principalmente a arbórea. O fato das áreas verdes não constarem entre as primeiras funções, explica-se no conhecimento empírico adquirido ao longo dos anos, onde se considera o verde como componente constante nos parques urbanos convencionais e na própria concepção tradicional do planejamento urbano.

A terceira pergunta, sobre "quais os elementos importantes de um parque urbano", associada facilmente a **APROPRIAÇÃO**, refere-se aos componentes considerados necessários nessas áreas:

- **31%** responderam que são os equipamentos de lazer ativo,
- **25%**, que são as áreas verdes,
- **19%** apontaram o playground,
- **14%** citaram áreas para descanso,
- **11%**, outros equipamentos.

## Gráfico 5



**Gráfico 5: Os elementos de importância para um parque urbano, segundo os entrevistados.**

No **gráfico 5** o lazer ativo sobrepõe-se ao passivo e surge isoladamente o *playground*. Este equipamento de recreação infantil insere-se como modalidade do lazer ativo, mas agora a percepção discrimina a faixa etária do uso. Entretanto, insistimos que o descanso está intimamente associado a presença da paisagem, caracterizada nos parques pelos maciços verdes.

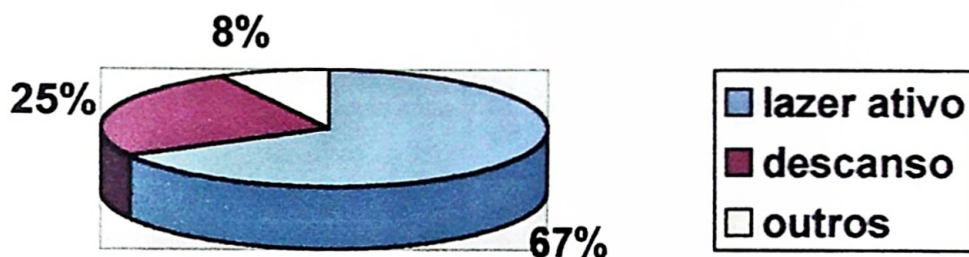
Quando perguntamos sobre equipamentos, as áreas verdes foram lembradas a contento, em segundo lugar no gráfico anterior, coordenando-se com o que as pesquisas apontam, tanto a nossa, como as veiculadas na bibliografia: o lazer ativo, as atividades energéticas, impõe-se neste segmento do lazer, mas não ocultam a moldura da paisagem: o verde.

Outras respostas, novamente, atingiram elementos constantes de um eficiente programa de necessidades para um parque como: banheiros, lanchonete, segurança e assim por diante.

E confirmando a **APROPRIAÇÃO**, perguntamos “o que preferem fazer no parque”, na tentativa de conferir os dados anteriores.

- **67%** dos entrevistados indicaram o lazer ativo,
- **25%**, o descanso ou o espairecer de um dia cansativo,
- **8%**, outras respostas.

## Gráfico 6



**Gráfico 6: atividades preferidas em um parque urbano, segundo os entrevistados.**

Chegamos com o **gráfico 6** às considerações da pesquisa empírica, oriunda da observação participante, em que o sucesso de um parque urbano esta **no conjunto harmonioso entre lazer ativo, lazer passivo e paisagem,** evidenciados no entrosamento sincronizado entre percepção, uso e apropriação destes espaços. Por isso, alguns parques fazem sucesso como o Ibirapuera, em São Paulo e o Chico Mendes, em nosso município. Outros estão em desuso como o Bosque da V. São José, também em São Caetano. Quanto mais próximo conseguirmos chegar dessa fórmula, maior a apropriação desse tipo de espaço livre público. É no direcionamento de uma proposta simples,

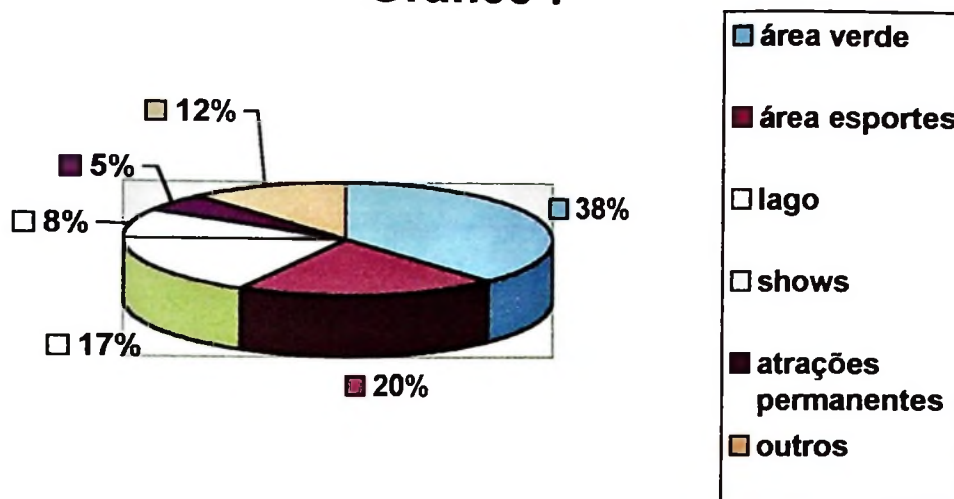
para o caso de São Caetano, que alcançaremos um uso mais adequado e uma apropriação mais constante.

O item outros do **gráfico 6**, correspondendo a 8% dos usuários ouvidos nessa pesquisa, referiu-se a complementos inerentes ao contexto, como: espiairer, divertir-se, ouvir o canto dos pássaros e o barulho do vento na copa das árvores, etc.

Em uma enquete realizada no Parque Ibirapuera, São Paulo, por alunos do Curso de Turismo da Universidade São Judas Tadeu, coordenada pelo professor Vanderlei Gonçalves e publicada na Revista Veja São Paulo, de 1 ° de março de 2000, perguntou-se o seguinte: O que você mais gosta no Parque do Ibirapuera?

Apesar da liberdade que a pergunta permite ao interlocutor, o resultado interessante para este trabalho foi transcrito em porcentagem no **gráfico 7** e inserimos no texto com o intuito de mostrar novas e velhas tendências e as especificidades de cada lugar. Essa especificidade do lugar revela-se, por meio da percepção, explicando o dualismo entre um lugar vivido e um outro não-vivido. Para tanto, cada indivíduo enxerga diferencialmente um espaço, mas como se nota são possíveis pontos comuns na interpretação da comunidade usuária, considerada em contextos urbanos tão próximos e conurbados.

## Gráfico 7



**Gráfico 7 – Enquete publicada na Revista Veja São Paulo em 1º de março de 2000, sobre o Parque Ibirapuera.**

Os itens anotados, anteriormente, referem-se aos equipamentos de que dispõe o parque em questão, inclusive quando se fala de atrações permanentes, a referência recai sobre a Bienal, Museus, Viveiro Manequinho Lopes, inseridos no contexto de atrativos. A questão da área verde foi extremamente apontada, porque a pesquisa se dirigia a ela, na discussão de repensar o Ibirapuera como um pólo de Lazer e Cultura e pela gritante área verde, com gramados, áreas arborizadas e vegetação arbustiva espalhada por todos os seus equipamentos.

Mas não diverge da nossa, uma vez que os equipamentos de lazer ativo, são um foco de grande interesse e procura, deflagrando-se o conflito entre usuários e Poder Público nesse parque, uma vez que as intenções da Prefeitura de São Paulo, quando da realização dessa enquete não estavam

voltadas para os esportes e para o lazer ativo. Voltamos então, a entender a especificidade do local, quando a população já considera o verde inserido no contexto de um parque, mas preocupa-se com a abordagem que terá. É incontestável, que as necessidades do corpo aliam-se ao todo, apontando como em nosso estudo uma grande procura por atividades de esporte individual e coletivo.

Esta tentativa do poder público em busca da cultura é fundamental em todos os tempos, mas relacioná-lo com os esportes e o lazer ativo, configuram um hábito adquirido, anteriormente por algumas classes sociais, e hoje, difundido em todas as classes, havendo a possibilidade de integrá-los no contexto de um parque, principalmente nas dimensões do Ibirapuera.

Não percebemos a necessidade de um espaço *show*, delirante, mas uma proposta coerente com a cidade e o momento presente. Árvores, pássaros e convívio com elementos que nos remetem ao natural, são fundamentais no momento presente estressado e angustiado pelos problemas diários. Para os moradores sul-sancaetanenses, o verde esta intimamente inserido na proposta de um parque, sendo cenário, paisagem e marco referencial, tanto que não o apontam como primeiro elemento, por considerá-lo causa e consequência.

O resto é ponto e contra ponto, nó e sobre-nó, árvore, arbusto e grama. Planos de piso, planos verticais de vedação, que promovem aconchegantes ambientes e os planos de teto representados pela copa das árvores e pela abóbada celeste. Apenas uma tendência que se estabeleceu ao longo do



tempo e que deu certo, pois nós temos a riqueza plástica dos trópicos e a diversidade das formas, cores e texturas dos vegetais para recriar ambientes externos.

Essa composição harmoniosa do uso da vegetação integra-se aos demais elementos da natureza e aos elementos introduzidos pelo homem, compondo o próprio espaço, para o benefício do próprio homem. E é essa a nossa maior intenção, privilegiar o cotidiano do cidadão, mostrando-lhe expressões mais sensíveis em momentos de realidades tão duras.

**CAPITULO QUARTO**

---

## CAPÍTULO QUARTO: APROPRIAÇÃO

### 1. OS PARQUES URBANOS DO MUNICÍPIO: DIRETRIZES

---

*“O mundo se reflete na especificidade do lugar,  
entre as tênues incertezas do cotidiano,  
no ir e vir, no significado de um espaço,  
invisível pelo hábito”.*

*Rogério Alvarenga*

Decidiu-se por interrogar os escritos urbanísticos de um ponto de vista diferenciado que questione seu uso e sua funcionalidade, quando não estamos preocupados em validar uma legitimidade que já conhecemos e acautelar-se quanto as excentricidades de um projeto que ignora os desejos de seu cliente.

Assemelhar a produção do espaço público ao veraneio nas orlas marítimas, sazonais e desconsiderar o cotidiano das grandes cidades é deixar de entender particularidades do desenho urbano, longe de considerações teóricas fundamentais, conhecidas dos modelos urbanísticos progressivos de Le Corbusier ou do urbanismo culturalista de Camilo Sitte.

Nada de errado nessa constatação. Afinal, fugir, por quê? Qualquer caminho teórico exige avaliação dos impactos de um projeto. Não falamos apenas da complexidade dos Estudos de Impactos Ambientais, mas das

repercussões acerca de suas facetas junto a comunidade local, regional ou nacional. Enfim, qualquer que seja a abrangência pretendida devemos fundamentar-nos no vivido, nos procedimentos comuns de constatação *in loco* e que condicionam a enunciação de projetos específicos de forma inerente.

Portanto, se todo conjunto requer doses de conteúdo técnico, histórico, criativo não se pode alijá-lo da consoante primeira, a matéria humana animada que habitará e atravessará essas obras.

Exemplificando, os parques urbanos na visão de alguns especialistas do município são subdimensionados, culpa completa da urbanização descontrolada. Mas, as funções primeiras que valorizamos estão presentes na maioria deles.

Em nosso município podemos culpar o sistema público? Talvez, pela falta de visão urbana, desconhecimento do desenho da cidade, que foi decorrência da expansão da malha urbana paulistana. À medida que os investimentos econômicos se expandiam vertiginosos com a implantação e o crescimento da indústria moderna de bens duráveis, passando pela multinacionalização da economia, as demais questões urbanas eram relegadas (Santos, 1990). No entanto, não se pretende a *mea culpa*, mas reflexão e propostas para os próximos anos do novo milênio.

Com a sociedade urbano-industrial, a cidade vê em suas praças e parques os espaços de uso múltiplo e popular, devido ao desconforto com a

perda da referencialidade, com a dispersão e a fragmentação do espaço. As questões da convivência urbana levaram a uma aproximação e a um afastamento destes locais abertos.

Apenas como complemento ao temário, apresentamos a seguir uma tabela simples, referente as áreas verdes ( praças, parques e outros, segundo considerações de **Lima, 1994**) do município de São Caetano do Sul, quer sejam visuais e/ou funcionais, do ponto de vista do cidadão, buscando apontar outro referencial importante, constatado na percepção.

Dividimos a tabela a seguir em bairros, número de áreas verdes e a área física disponível para esses equipamentos, que para melhor visualização encontra-se na página seguinte.

**Tabela 12 – Relação entre bairros e áreas verdes dentro do município de São Caetano do Sul.**

<b>BAIRROS</b>	<b>AREAS VERDES</b>	<b>ÁREA(m<sup>2</sup>)</b>
Fundação	8	7.078,41
Centro	9	29.609,85
Sto. Antonio	2	3.743,00
Santa Paula	4	17.053,93
Barcelona	2	1.302,56
Olímpico	7	28.790,48
Oswaldo Cruz	2	1.677,00
Cerâmica	2	4.456,98
Boa Vista	7	14.613,64
Santa Maria	9	25.152,39
J.S.Caetano	6	57.170,79
Nova Gerti	4	15.118,48
Mauá	8	32.138,44
Prosperidade	2	1.445,16
São José	4	152.923,76
<b>TOTAL 1</b>	<b>76</b>	<b>392.274,87</b>

**Fonte:** Dados obtidos na DUOHMA. Prefeitura de S.Caetano do Sul-2001 e revisados pelo autor.

Devem ser consideradas nessa avaliação mais quatro áreas com características distintas. São elas:

❖ **ÁREAS VERDES:** (sem possibilidades de uso direto)

canteiros centrais de avenidas.

1. Avenida Tijucussu: **1.500 m<sup>2</sup>**
2. Avenida Goiás: **12.000 m<sup>2</sup>**

**TOTAL 2: 13.500 m<sup>2</sup>**

❖ **ÁREAS VERDES** (possibilidades de uso): faixas

ajardinadas pelo Serviço Público:

- Rua Nazareth (faixa da Eletropaulo, com pistas de caminhada no entorno) em toda a sua extensão: **24.600,00 m<sup>2</sup>**.

- **PARQUE LINEAR:** Avenida Presidente Kennedy (faixa sobre o córrego dos Moinhos, com pistas de caminhadas internas): **15.000 m<sup>2</sup>** .

**TOTAL 3: 39.600,00 m<sup>2</sup>**

Portanto, nessa concepção contamos com um **TOTAL PARCIAL (1+3)** de **431.874,87 m<sup>2</sup>** de áreas livres, com presença de vegetação, disponíveis

para o usuário. Desconsideramos os canteiros centrais por não propiciarem atividades concernentes ao lazer, funcionando como áreas verdes e visuais.

A título de informação chegamos por meio desse levantamento, desconsiderando áreas verdes internas a escolas, postos de saúde, bem como vegetação presente em jardins residenciais e outros, a um **TOTAL GERAL (aproximado) de (1+2+3): 445.374,87 m<sup>2</sup>.**

Estes dados nos apontam um número pequeno de áreas verdes, considerando-se o município, mas sua distribuição e localização, associadas ao sistema de arborização urbana, aparentam mais. A explicação esta na percepção da distribuição, na espacialidade, que recobrando todas as áreas, associando-se as áreas verdes institucionais, próprios municipais e particulares, descortinam uma realidade diferenciada daquela apontada pelos dados estatísticos. E aqui está o confronto entre percepção e as estatísticas positivistas nesse segmento. O que pode ser pouco, se espalha pelo todo proporcionando uma dimensão mental maior e as distâncias reduzidas trazem uma situação agradável que fixam o lugar na identidade do movimento. Isso só nos prova que o mundo mensurável, matemático, em que construímos o entendimento científico-positivista não é precisamente o mundo perceptivo.

Enquanto isso o cidadão vê na espacialidade das áreas verdes uma interatividade com o conjunto urbano não deflagrando, imediatamente, sua carência, por percebê-lo ao longo de todo o trajeto do construído. Amparada



por Santos (1996a, 1996b, 1997b) essa noção que abarca o domínio do percebido é reforçada na ausência de outros espaços livres, que não o mundo do viário e o mundo do pedestre, mas o mundo das áreas verdes, das aberturas visuais em que, mesmo uma pequena rotatória arborizada conquista nossas consciências, como objetos da ação. Também a familiaridade com que os moradores dessa cidade percebem seu cotidiano, instaura um momento de valores intimistas, do “sentir-se em casa”, adquiridos em sua experiência cotidiana.

Por outro lado, mesmo pessoas mais experientes, agentes externos em visita a cidade, envolvidas em suas percepções do mundo urbano percebem um contexto de áreas verdes mais proeminente do que realmente o é. Não defendemos com isso que o poder público se tranqüilize, mas que se aproprie desse expediente e procure inserir novas áreas verdes, dentro dessa espacialidade revisitada, que mesmo “sem querer” configurou uma condição distinta. Repensar a cidade, em termos de uma eficiência e qualidade ambiental maior, requer uma discussão mais profunda sobre as possibilidades do planejamento urbano.

Agora, devidamente informados, percebemos que a utilização dos parques se dá a partir de estratégias de ocupação, visando a aceitação dos usuários. O atrativo de cada um é destacado pelas estruturas e equipamentos disponíveis. Detectamos em nossa análise direta que os parques com percentual maior de espaços estáticos, ou seja, de lazer passivo recebem menos usuários.

Existem ritmos que definem a estruturação do espaço e seu uso, mesmo quando os estágios de conservação/degradação possam significar estímulos contrários a utilização. O uso adequado, as características sócio-ambientais que o local apresenta são alguns dos ritmos que induzem a ocupação, ao comportamento da sociedade perante tais sub-sistemas.

Esses espaços não constituem o resultado de um processo homogêneo numa cadeia histórica no conjunto nacional. Importante lembrar que a população não deve ser vista como uma cultura homogênea, apesar de alguns hábitos adquiridos no convívio.

Surgem exigências diversificadas, o que muitas vezes nos pedem vislumbrar tendências não massificantes, quanto ao tratamento desses espaços. Isso exige que as situações a serem estudadas possam comprometer-se com a situação local, com as esperanças daqueles que irão usufruir esse espaço comum, reportando para um campo de ações e pensamentos que ultrapassem experiências, desequilibrem, reinvente modos estabelecidos de ver, ouvir, pensar, sem exceder, mas também sem excluir a necessária padronização que atenderia todo o município, igualitariamente. Partimos desses pressupostos apesar de apresentar, anteriormente, uma breve pesquisa de campo, apenas com o intuito de deflagrar o nosso pensar, pois entendemos que a percepção como se dá nesse trabalho só é possível a partir de experiências do cotidiano obtidas, por meio das ações do conjunto humano/cultural que nele se manifesta.

É nesse entendimento do espaço vivido, que o artigo de Holzer (2001, p.112), nos diz que “os marcos referenciais são o corpo e o suporte material onde o homem se apóia: a casa, a cidade natal, o horizonte que lhe é familiar. É esse o” espaço primitivo “, onde se desenvolve a existência e que impõe a procura de horizontes, a escolha de direções e de percursos a seguir”.

Mas, estamos perceptivos as expectativas da população, segundo apurado em campo e em nossas experiências diárias, quando afirmamos que estão satisfeitas quando encontram o *playground*, as pistas de caminhada, as áreas estáticas para descanso... E, sempre há como melhorar na concepção do outro. O corpo físico e a mente exigem atividades diversas, mas divagam muito quanto ao que seria melhor.

Já os parques especializados fogem do cotidiano, porque se encontram mais distantes e cobram pelo acesso as suas atrações. Não nos parece válido que o usuário queira dispor desse numerário, diariamente, e decorre daí a incessante cobrança pela melhoria da qualidade dos serviços públicos. Isso se dá na educação, na saúde e finalmente no lazer e entretenimento.

Nossas propostas têm forma e conteúdo, o que a integra histórica e socialmente ao todo e esperamos confira uma identidade ao lugar.

Sentimos haver espaço, sem a necessidade da concorrência, entre diversas formas de lazer, uma vez que oferecem condições e atrativos diferenciados. Os *shoppings* atraem pelas compras, alimentação, pelo flerte, sendo um lugar onde se pode ir e socializar-se com diferentes classes sociais, uma vez que não se estipulam padrões rígidos de vestuário, e ainda contamos com o ar condicionado, quer faça sol ou chuva.

Já o parque urbano concorre para um lazer voltado às questões físicas, espirituais e a diversão com dispêndio de energia que todos os especialistas médicos recomendam. Um dado importante, oriundo das pesquisas, aponta os parques como locais mais informais, onde o usuário sente-se mais à vontade e inclusive, consegue maior grau de relaxamento.

A grande preocupação de todo planejamento urbano é que essas áreas de sociabilização com a presença de massas vegetais devem ser planejadas ouvindo, também, o desejo dos moradores e segundo os seguintes parâmetros:

- Níveis sócio-econômicos, culturais e etários
- Densidades de frequência aceitáveis para cada espaço
- Custos de implantação e manutenção
- Presença de equipamentos para o lazer ativo e passivo
- Acessibilidade
- Segurança

Portanto, os parques urbanos, para uma sistematização dos conceitos, agora definidos, dentro do contexto de espaço livre de uso público, na marcante presença de áreas verdes, bem como, equipamentos básicos para usuários, são extremamente democráticos, permitindo que as mais variadas classes sociais e etárias participem do mesmo espaço público (**Frugoli Junior, 1995**).

São Caetano do Sul possui cinco parques municipais de áreas variadas e alguns diferenciados. Todos eles estão inseridos no sistema urbano, dentro de áreas densamente povoadas, porém em áreas de uso e ocupação do solo residenciais ou mistas. Formam uma seqüência, ecológica e fisicamente boa, com suas praças encadeadas, em forma de anel dentro do município. Confere-se com isso uma espontânea experiência espacial a favor da fauna urbana e do próprio homem.

São Caetano devido ao seu porte (15 km<sup>2</sup>) tornou-se um exemplo e ao mesmo tempo uma exceção às palavras de **Santos (1990, p.66)** quando diz: "os equipamentos de lazer tem uma localização seletiva no município de São Paulo, privilegiando as áreas mais centrais"...

Nessa cidade, graças ao seu potencial econômico e sua pequena dimensão física, nota-se uma tendência a distribuição, qualitativamente, dos elementos em seu território. Entretanto, concordamos que, externamente, considerando a região metropolitana, de fato, estamos em localização seletiva.

É favorável, portanto, quando analisamos o todo, internamente, neutralizado pela “proximidade das distâncias”.

Nosso intuito é tornar essas áreas recreacionais mais coerentes e organizá-las para receber o usuário que busque a contemplação e atividades que afastem o estresse do cotidiano urbano. Essa abordagem instrumentalista pretende resgatar os indícios que promoveram o afastamento do público de algumas áreas e concentraram-no em outras em nossa cidade.

Estamos lidando com um sistema dinâmico em todo o conjunto, porque esses parques não estão isolados do sistema urbano municipal ou regional. Fazem parte de um contexto que deve ser coerente com o seu entorno, evidenciando assim que, de sua complexa interação com o todo depende o sucesso de nossa proposta.

Para tanto, todas as informações de campo foram analisadas e posteriormente listadas como resultado da pesquisa fomentadora do diagnóstico. Nessa fase a apreensão e a compreensão das informações nos trouxeram os componentes que faltavam nesse conjunto para seu equilíbrio e conseqüentemente para nossas constatações.

A proposta para o retorno do uso surgiu da própria disponibilidade das intervenções urbanas municipais, na valorização da história e do cotidiano das famílias, contando e ilustrando os passos da cidade.

O título destas modificações seria **“A história da cidade ao longo do caminho”**, como pano de fundo para a requalificação dos parques de uma maneira geral. Seriam painéis contando sua história, ilustrados e locados ao longo dos caminhos internos, além de um melhor sistema de sinalização indicativa nos parques e para os parques. E, só inserimos a descrição dos parques, nesse momento, para que não interferissem na abordagem do tema e do entendimento da pesquisa, permitindo que a somatória da descrição e dos dados da pesquisa transforme-se em um adendo ao trabalho: um prognóstico para o futuro dessas áreas.

## 2. OS PARQUES DE SÃO CAETANO DO SUL: DESCRIÇÃO

---

### 2.1. CENTRO DE LAZER, ESPORTES E RECREAÇÃO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES (“ANTIGO BURACÃO DA CERÂMICA”)

Ou PARQUE CHICO MENDES como é conhecido, popularmente, devido a um espaço - homenagem feito ao Ambientalista e Líder Sindical Francisco Alves Mendes Filho na época de seu falecimento (1944-1988), onde foram plantadas algumas seringueiras em 1989.

Foi inaugurado inicialmente, pela Administração H. Walter Braido, em 1988, e reformulado quando da inserção da nova sede da prefeitura em 1992, já na Administração Dr. Luiz Olinto Tortorello.

Localiza-se na Avenida Fernando Simonsen, no número 500, no Bairro São José, nas divisas com o Bairro Cerâmica, em antiga área degradada pela retirada de argila para a Indústria Cerâmica São Caetano, hoje desativada em nosso município.



**Foto 04** – Parque José Ermírio de Moraes ou simplesmente Parque Chico Mendes. Vista do padroeiro da cidade, São Caetano D'Thiene. Foto do autor, junho de 2001.

Oriundo da desapropriação dessa área extrativista, recebeu um tratamento de recuperação do solo. Essa recuperação se deu a partir de aterros com material inerte, nas fundas lagoas deixadas pela extração. Posteriormente, feito todo um trabalho de recomposição de solo adequado para receber os primeiros vestígios de área verde e sequencialmente, equipamentos para o lazer, permitindo a formação desse parque. Com tamanha extração de materiais, associados ao relevo da área, configurou-se um pequeno vale, com



as laterais verdejantes, tornando-se muito aconchegante, pelo pequeno isolamento visual do contexto urbano.

Foi elaborado dentro dos preâmbulos da prática desportiva aliada ao contato com a natureza, a partir de um projeto intensivo de arborização. E, nessa mesma área, se encontra a nova sede da Prefeitura, intitulada “Palácio da Cerâmica”, com arquitetura colonial e diversas obras de artistas da região, inseridas no elemento construtivo.



**Foto 05** – Lago e mirante do Parque Chico Mendes. A presença do elemento água. Foto do autor, junho de 2001.

O parque, com uma área de 139.394 m<sup>2</sup>, está totalmente cercado, contando com 04 entradas, favorecendo o acesso dos usuários. Seu equipamento de infra-estrutura está em bom estado, permitindo uma iluminação adequada, bebedouros, banheiros, lanchonete, além de telefones públicos, bancos para descanso e segurança contínua.

Possuem entre seus equipamentos de lazer, *playground*, áreas de caminhada, espaços dinâmicos utilizados, criativamente, como quadras, trilhas entre árvores, equipamentos para ginástica, áreas estáticas e nichos agradáveis para relaxamento. A maior porcentagem da área é permeável e com grandes planos de massas vegetais.



Foto 06 – Vista da parte alta. O elemento vegetação. Foto do autor, junho de 2001.



**Foto 07** – Alguns caminhos do Parque Chico Mendes. Foto do autor, junho de 2001.

Apesar disso, o equipamento é insuficiente nos finais de semana com sol. Durante a semana a ocupação é boa, principalmente nas primeiras horas da manhã, após o almoço e ao entardecer. São as tendências de uso nos horários de não-trabalho, aproveitando os intervalos entre uma jornada de atividades controladas e outra, buscando o equilíbrio entre o necessário e o agradável, relaxando mente e corpo.



**Foto 08** – Os caminhos do Parque Chico Mendes. Possibilidades de descanso. Foto do autor, junho de 2001.

Existe uma área central no parque, plana e recoberta por pedriscos e areia, que foi deixada para a apresentação de eventos e festas, esporádicos. Ocupa um espaço que poderia ser útil no cotidiano, uma vez que, agora, a cidade possui um espaço de festas, melhor preparado no pátio externo da extinta Indústria Matarazzo, no bairro Fundação. Ou o espaço em si poderia ser menor, para pequenos eventos e melhor aproveitado para o lazer.



**Foto 09** – Trilhas entre a vegetação. O lazer ativo da caminhada. Foto do autor, junho de 2001.



**Foto 10** – Espaço central reservado aos eventos da cidade. A possibilidade do entretenimento ocasional. Foto do autor, junho de 2001.

Na análise do Parque José Ermírio de Moraes (Chico Mendes) percebe-se o seguinte:

**Durante a semana nos dias úteis:**

1. Grande frequência - 6 às 10 horas (aproximadamente 150 pessoas)
2. Baixa frequência - 10 às 16 horas (aproximadamente 80 pessoas)
3. Grande frequência - 16 às 20 horas.(idem ao item 1).

**Nos sábados, domingos e feriados** há uma tendência variável com boa frequência durante todo o dia, com a inserção de usuários de outros bairros. Pudemos contar em domingo ensolarado, por volta das 10:30 horas, uma média de 250 pessoas.

Nas férias escolares um grande número de jovens é acrescentado aos usuários tradicionais, principalmente na faixa etária dos 8 aos 16 anos.

## **2.2. PARQUE MUNICIPAL DE VILA SÃO JOSÉ (BOSQUE DO POVO)**

O **Parque São José** foi inaugurado em 1961, originário de desapropriação de loteamento do antigo Bairro Saúde na fase áurea das inserções de parques no tecido urbano, mas seu projeto privilegiou apenas os espaços de caminhar e estáticos, contando com as belezas cênicas. Anteriormente, uma olaria, possui 27.066,60 m<sup>2</sup> e um relevo acidentado com no máximo 20% de inclinação, muito

interessante por oferecer campos de visão diferenciados em cada parte do parque. Devido a sua localização na Estrada das Lágrimas, 320, é marco referencial para o Bairro São José, apesar de político-administrativamente, situar-se no Jardim S. Caetano.

Os moradores do Bairro Jardim São Caetano, configurados no sistema bairro-jardim, possuem e utilizam as ruas largas e bem arborizadas de seu bairro para a finalidade da caminhada. O conflito da estrutura social vigente afasta os moradores do bairro mais rico, por alegarem não dispor de segurança nas dependências do parque.



**Foto 11** – Os caminhos do Parque Municipal de Vila São José e sua intensa arborização. Foto do autor, junho de 2001.

Entre todos é o mais densamente arborizado e somente um caminho principal, por onde circulam veículos de serviço (coleta de lixo, ambulâncias,

polícia, etc.), está pavimentado. Toda a área restante é permeável. Hoje a frequência humana é baixa, apesar das edificações inseridas em seu seio de uso educacional e institucional estarem bem conservadas. O movimento acontece nos horários de entrada e saída dos alunos, sendo utilizado nos dias agradáveis, para passeios com esses alunos. A população pouco se utiliza, apesar de possuir segurança contínua. Não há como mensurar um uso, devido a pequena procura para atividades de lazer.



**Foto 12** – Os acessos nas variações de nível do plano de piso. Foto do autor, junho de 2001.

Esse parque teve seu uso privilegiado nas décadas de 1970 e 1980, perdendo terreno para a competitividade do Parque Chico Mendes, já na década de 1990, pela proximidade, melhores condições de conservação e atrativos. A degradação da infra-estrutura e a falta de segurança afastaram os



usuários específicos do Jardim São Caetano, Bairro Mauá e Bairro São José. Evoluímos ou retrocedemos? Um sobrepujando o outro? E aonde chegamos? Acreditamos que ao ponto de partida...



Foto 13 – Caminhos e bancos. Espaços para contemplação característicos desse parque. Foto do autor, junho de 2001.

O que afastou os usuários? Apesar de limpo e cuidado, o parque não sofre reformas há mais de 20 anos, estando com a sua estrutura de pisos, bancos e infra-estrutura como banheiros e bebedouros em estado de conservação, abaixo dos padrões que a cidade apresenta. Um fato interessante é que devido ao excesso de árvores há um sombreamento excessivo e isso também foi motivo de reclamações. Mas, os equipamentos para o lazer ativo, ponto fundamental detectado em nossas pesquisas estão pouco representados. Ausência clara que marca o desuso da estrutura como um todo.



**Foto 14** – Espaços dinâmicos. Foto do autor, junho de 2001.

O simples arejamento ocorrido com a retirada de alguns eucaliptos, por motivos fitossanitários, já tornou o parque mais agradável, com meandros de sombra e luz. A segurança foi reforçada e sentimos que algumas pessoas voltaram. E durante nova avaliação, mais exatamente no início do ano de 2002, o parque começou a sofrer reformas e já sentimos o retorno de mais usuários, confirmando nossa hipótese de que os clientes existem, faltava-nos a melhoria das condições do parque. Com o desestímulo sentido, mesmo os moradores mais próximos se afastaram e viam o parque como um rol de problemas e não como um equipamento necessário.

Ficou deflagrado que a inexistência de equipamentos de lazer que promovam um atrativo a essas áreas podem por a deriva um projeto

maravilhoso, paisagisticamente, como é o parque em questão. Afastaram-se alegando falta de segurança, questões de iluminação o que já não é mais verdade, mas de fato o verdadeiro ponto está na ausência de lazer ativo.

A vegetação, além dos eucaliptos é riquíssima, com ipês, aroeiras, cedros, jequitibás, um grande movimento de pássaros e mesmo assim o público mais velho, o aposentado é o único usuário assíduo.

Há uma área aberta, já citada, configurada pela pavimentação impermeável para circulação de veículos que entram no parque para deixar seus filhos na Escola Municipal de Ensino Infantil existente. Nessa mesma área, mães e crianças sentam-se para tomar sol e brincar. Por não existir *playground* no parque, percebe-se a baixa frequência infantil, havendo fluxo de adolescentes que usam o parque para conversas e namoros, se bem que em pequena escala. Alguns adultos caminham em seu interior.

Sua bela paisagem arborística pode ser observada a distância pela Estrada das Lágrimas, servindo de marco referencial. Esse parque insere-se como potencialmente importante no discurso que ora procedemos.

É óbvio que uma estrutura desse porte merece uma revitalização adequada e pela avaliação dos usuários atuais e moradores locais, incrementaria o circuito, possibilitando o acesso de muitos que hoje preferem usar o Espaço Verde Chico Mendes. O eucalipto largamente difundido e utilizado nessas paragens tem seu predomínio no parque, e por não se

caracterizarem como árvores de interesse ecológico específico podem ser manipulados para a abertura de algumas clareiras, tomando o parque mais agradável.



**Foto 15** – Espaço para ginástica. Poucos equipamentos mal localizados pela alta declividade do lugar. Foto do autor, junho de 2001.

Tirando um quinto do estrato arbóreo dominante de eucaliptos e permitindo que as árvores do sub-bosque se desenvolvam o parque será mais iluminado e atrairá o público. Infelizmente, devido a duplicação da Estrada das Lágrimas uma faixa de, aproximadamente, cinco metros foi retirada, ainda no conceito de privilegiar os veículos, mas única saída encontrada para melhorar as condições de trânsito, atitude, é claro, isolada, diante de um planejamento que deveria ocorrer em escala maior, vislumbrando os fluxos oriundos de diversos município e medidas casadas que poderiam solucionar melhor a situação da região.



Foto 16 – Espaços para caminhadas. A presença do piso impermeável. Foto do autor, junho de 2001.

Mas, houve todo um cuidado mantendo aquelas que ficaram nas calçadas e replantando no parque as árvores que efetivamente tiveram que sair. A vantagem positiva é que essa ampliação deflagrou um projeto de implantação de equipamentos nas áreas livres, indo de encontro com aquilo que essa dissertação aponta, privilegiando o usuário cotidiano que passará com certeza a usufruir desse parque belíssimo.

Estes nós e contra-nós que tanto falamos indicam o sentido de uma revitalização dessa área, que deixada ao sabor da degradação estaria nas trilhas do desuso e do esquecimento. Valorizá-la, enquanto marco e enquanto área de lazer trará o auge dos velhos tempos. O tempo muda e as exigências, também. Antigamente, o passeio ao ar livre era a atração, agora a ginástica, o esporte e a distração são os enfoques vivenciados. Por quê não unir os dois?

## 2.3. PARQUE SANTA MARIA

O Centro de recreação infantil Bárbara Marão Saad, popularmente conhecido como Cidade das Crianças ou CRI, está localizado no Bairro Olímpico na divisa com o Bairro Santa Maria, especificamente margeando de um lado a Alameda Conde de Porto Alegre e de outro a Avenida Presidente Kennedy.



**Foto 17** – A principal atração desse parque: a Cidade das Crianças. Vista dos quiosques para refeições. Foto do autor, junho de 2001.

Vamos localizá-lo com seu entorno, pois se define uma situação agradável e interessante, englobando aproximadamente dois quarteirões. Ao lado da Cidade das Crianças, o Teatro Paulo Machado de Carvalho, a Escola Estadual Eda Mantoanelli e a Fundação Anne Sullivan e duas grandes praças que os agregam, formam o complexo **PARQUE SANTA MARIA**. Além das áreas verdes presentes em cada escola e do parque, essas praças, bem

arborizadas, com bancos e caminhos, típica para descanso e conversas, compõem um espaço agradabilíssimo, perfazendo um total de 18.685,35 m<sup>2</sup>.

Deste total, a maior porcentagem fica com a Cidade das Crianças, inaugurada em 1965, na Administração H. W. Braidó, reformado, várias vezes, sendo a última em 1995. Sua temática é o público infantil, havendo boa frequência, inclusive de outros municípios, em excursões escolares de ensino infantil e fundamental originárias do Grande ABC.



Foto 18 – Quiosques e caminhos. Cidade das Crianças. Foto do autor, junho de 2001.

A Cidade das Crianças possui equipamento característico para atender crianças até 14 anos, envolvidos num bosque, com caminhos sinuosos. Devido a temática explícita, pode ser considerado **um parque temático**, na categoria de parque mecânico, com grandes possibilidades atrativas. E isso, o coloca num rol de grande procura, por permitir um acesso controlado e agradável.



**Foto 19** – Brinquedos e caminhos. Os acessos da diversão. Foto do autor, junho de 2001.

Sua frequência poderia ser muito melhor, não tivessem retirado os brinquedos que foram se quebrando com o uso, sem a devida reposição. Assim, a clientela ficou com uma gama limitada de divertimentos. Os acompanhantes, geralmente adultos, usam os espaços estáticos para aguardar o fim das brincadeiras. De fato, possui infra-estrutura adequada, foram retirados alguns eucaliptos que apresentavam riscos aos transeuntes o que permitiu uma melhor iluminação e na sequência uma reposição arbórea com espécies adequadas, predominando os ipês. Mesmo assim, nos dias de sol, há uma frequência razoável, principalmente, nos finais de semana e nas férias, quando o fluxo aumenta consideravelmente. Entretanto, como já comentamos, aos adultos resta esperar, pois não há atividades para sua faixa etária.





Foto 20 – Brinquedos e bancos. Foto do autor, junho de 2001.

O espaço está totalmente fechado por grades, com duas entradas e com ronda policial diária. Sua infra-estrutura inclui uma lanchonete, bebedouros, banheiros e espaços para lanches.

Por se tratar de espaço específico, notamos uma grande procura, com uma frequência média nos dias de pico (finais de semana, feriados e férias escolares), de aproximadamente 100 jovens, assessorados por pais, mães, parentes e/ou professores, quando em excursões escolares.



**Foto 21** – Espaços para socialização. Foto do autor, junho de 2001.



**Foto 22** – Lago. O elemento água. Foto do autor, junho de 2001.

## 2.4. CENTRO DE INTEGRAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL TALITA THOMÉ TAMAREVSKY (PARQUE GUAIAMÚ)

O Parque Guaiamú, como é conhecido popularmente, com 9.746,73 m<sup>2</sup>, situa-se na Av. Humberto de Alencar Castelo Branco no Bairro Santa Maria. Localizado na divisa com o Município de Santo André, elaborado em terreno desapropriado, durante muitos anos foi aterro de material inerte da Prefeitura de São Caetano, favorecendo uma mudança agradável na paisagem e para a população local. Limitado, especificamente, pelo Bairro Campestre (Santo André), pelo Córrego Utinga e pelo Oleoduto, que segue margeando esse córrego agradou a população local, bem como a população local da outra margem, em Santo André, que acessando por uma rua construída nesta divisa, pode utilizar o parque.

Oferece áreas de *playground*, caminhadas, duas quadras poliesportivas, uma quadra coberta, além de lanchonete, espaços estáticos e áreas arborizadas, ainda não evidentes, devido a recente inauguração. Diariamente acontecem atividades físicas, aulas de aeróbica e outras modalidades, oferecidas pelo Departamento de Esportes e Turismo da Prefeitura, gratuitamente. Esse é o mais novo parque, criado em novembro de 1999, na Administração Dr. Luiz O. Tortorello e colocado a disposição da população. Ao seu lado foi edificada uma Escola Municipal de Ensino Infantil, que recebe crianças de 4 a 6 anos.



**Foto 23** – O Parque Guaiamú e seu mirante. Foto do autor, setembro de 2000.

Há duas entradas principais e o parque possui ronda da guarda municipal contínua. Totalmente fechado por gradis, atende boa clientela que vem andar, correr e participar das aulas de ginástica. Os espaços de lazer ativo, associados as atividades monitoradas por técnicos do esporte, evidenciam uma procura e frequência constante ao longo do dia. De fato, tornou-se um parque muito procurado e participativo, angariando os moradores do bairro de entorno e mesmo de outros bairros próximos.

Sua inserção na paisagem foi extremamente favorável, valorizando o entorno, visto claramente do mirante metálico situado no interior do parque. Em qualquer hora do dia encontramos pessoas jogando bola, correndo e participando ativamente do contexto. Um pequeno espaço para eventos, coberto, colabora com as atividades culturais da cidade. De qualquer forma, em

sua pós-modernidade soube arranjar o espaço de maneira dinâmica, estimulando o usuário.



**Foto 24** – Vista do Parque Guaiamú de seu mirante. Entretenimento, quiosques e suas quadras poliesportivas. Foto do autor, setembro de 2000.

## 2.5. PARQUE BOTÂNICO PRESIDENTE JÂNIO DA SILVA QUADROS

O Parque Botânico Jânio da Silva Quadros encontra-se no Bairro Mauá, sito a Rua da Paz, no número 10. Foi inaugurado em 1991, utilizando parte de área da sementeira municipal, quando serviu de sede provisória para o Gabinete do Prefeito, durante a finalização das obras do Palácio da Cerâmica. Com uma área de 19.044,00 m<sup>2</sup>, abriga a Escola de Ecologia e a Sementeira Municipal.



**Foto 25** – O parque e suas alamedas. Foto do autor, junho de 2001.

Suas características especiais, voltadas para a Educação Ambiental, através do empenho da Escola de Ecologia trazem um público constante de escolas públicas e particulares. Devido ao atendimento personalizado com monitores que explicam, durante o passeio pela área, assuntos relacionados a ecologia, aos domínios brasileiros, a botânica e a zoologia exigem que a visitação em grupos seja agendada. Isso não impede é claro, que os pedestres possam acessar o espaço e visitá-lo. Esta forma específica de utilização do parque, voltada as questões da ecologia, inserem-no nas características de **parque temático**, dentro da categoria de parque botânico.

Isso atrai grupos de toda a região do Grande ABC e de algumas localidades de São Paulo, principalmente alunos de pré-escola e ensino fundamental.



**Foto 26** – A sementeira municipal em ação. Foto do autor, junho de 2001.



**Foto 27** – Os espaços de aula. A Escola de Ecologia. Foto do autor, junho de 2001.



**Foto 28** – O envolvimento na Educação Ambiental. Foto do autor, junho de 2001.

Acoplado a Escola, sem divisões aparentes esta a Sementeira Municipal, onde se realiza a produção de mudas para o atendimento paisagístico e manutenção das áreas verdes da cidade, servindo de apoio às atividades de Educação Ambiental.



**Foto 29** – Os caminhos e o uso de materiais alternativos para o piso. Foto do autor, junho de 2001.





Foto 30 – Suas alamedas arborizadas.  
Foto do autor, junho de 2001.

Esse parque complexo foi todo adaptado para o entretenimento de crianças e adolescentes. Seu objetivo principal é mostrar *in loco* elementos da fauna e flora regionais, com atividades bastante atraentes, *workshop* de paisagismo, jardinagem, folclore, plantas nativas, criação de abelhas, saueiros, etc.

Atrai também a população adulta, pelo expediente de cursos extracurriculares oferecidos, regularmente, nas dependências do anfiteatro da Escola de Ecologia. É importante ressaltar que seu excelente estado de conservação, a área verde com espécies exóticas e nativas de interesse ecológico, devidamente, identificado além das atividades já existentes, proporciona uma possibilidade de lazer muito interessante em um espaço belíssimo para se visitar. Foram anotadas, durante o ano de 2001, 27.000 pessoas em visitação monitorada. De qualquer forma está apto a receber em seus caminhos e percursos, atividades de caminhada, ginástica e contemplação, aberto a visitação.



**Foto 31** – A produção de mudas para as áreas verdes da cidade. Foto do autor, junho de 2001.



**Foto 32** – O lago e seus projetos de Educação Ambiental. Foto do autor, junho de 2001.

## 2.6. PARQUE NÃO OFICIAL OU O “PARQUE LINEAR KENNEDY”

Por uma questão de lógica do uso, o corredor que se formou sobre o córrego dos Moinhos, na Av. Presidente Kennedy esta completamente apropriado pelos usuários de caminhadas, ginástica, durante todo o dia com freqüências maiores nos extremos, da manhã e do entardecer, além de oferecer pontos de encontros de jovens e adultos nas noites quentes da primavera e verão, principalmente da população residente próxima. Sendo assim, seria desconsiderar esta possibilidade se não incluíssemos no contexto este Parque Linear.



**Foto 33** – O Parque não oficial. Avenida Presidente Kennedy e seus espaços para caminhada. Foto do autor, janeiro de 2002.

Já o trecho ajardinado da Av. Nazareth, ao longo da faixa da Eletropaulo, devido a limitações técnicas impostas pela Companhia de Energia Elétrica, somente permite a caminhada no calçamento ao redor, com o estímulo visual da vegetação e das árvores das calçadas. É utilizado pelos

moradores fronteiriços, mas não se enquadra nas considerações necessárias, diferentemente do Parque Linear citado.



**Foto 34** – O passeio e a caminhada. Av. Presidente Kennedy. Foto do autor, junho de 2001.



**Foto 35** – Acessibilidade para todos. Av. Presidente Kennedy. Foto do autor, junho de 2001.

Em resumo, para melhor situar os referidos parques, elaboramos uma tabela com os principais dados cadastrais:

**Tabela 13: Tabulação esquemática para visualização dos dados cadastrais dos parques em estudo.**

<b>PARQUES OFICIAIS</b>	<b>ÁREA( M<sup>2</sup>)</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>INAUGURAÇÃO</b>	<b>BAIRRO</b>
<b>Chico Mendes</b>	139.394,00	desapropriação	1988	V.S.José
<b>São José</b>	27.066,60	desapropriação	1961	J.S.Caetano
<b>Santa Maria</b>	18.685,35	desapropriação	1965	Olímpico
<b>Parque Botânico</b>	19.044,00	Adquirida 1937	1991	Mauá
<b>Guaiamú</b>	9.746,73	desapropriação	1999	Santa Maria
<b>05 parques</b>	<b>213.936,68</b>			

<b>PARQUE NÃO OFICIAL</b>	<b>ÁREA ( M<sup>2</sup>)</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>INAUGURAÇÃO</b>	<b>BAIRRO</b>
<b>Parque linear Kennedy</b>	<b>15.000</b>	Sobre o leito do córrego dos Moinhos	1996	Sta Paula, Barcelona, Olímpico e Sta Maria

**Fonte:** Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul – DUOHMA, 2001.

Dados de referências acrescidos pelo autor.

Esclarecendo a situação atual, a região norte, que compreende os bairros Fundação, Prosperidade, Centro e parte do Bairro Santo Antonio ficaram desguarnecidas por áreas de parques para o lazer. No entanto, devido a proximidade, os moradores do Bairro Santo Antonio podem dispor do Parque Senador José Ermírio de Moraes. Analisemos o quadro a seguir:

**Tabela 14: Disponibilidades dos parques para os diversos bairros e observações.**

REGIÕES	DISPONIBILIDADE	OBSERVAÇÕES
<b>NORTE</b>	Conjunto de Praças	Uso local de praças
<b>Nordeste</b>	Idem	Uso local de praças
<b>Noroeste</b>	Idem	Uso local de praças
<b>SUL</b>	Escola de Ecologia	Possibilidades locais
<b>Sudeste</b>	Idem+Parque linear da Av. Pres. Kennedy+P.Sta.Maria+Guaiamú.	Possibilidades locais de uso
<b>Sudoeste</b>	Escola de Ecologia+V.S.José+Chico Mendes.	Possibilidades locais de uso
<b>LESTE</b>	Parque S.Maria + Parque linear da Av. Pres. Kennedy + Guaiamú.	Possibilidades locais de uso
<b>OESTE</b>	V.São José+Chico Mendes+Escola de Ecologia.	Possibilidades locais de uso

**Fonte:** Elaborado pelo autor ao longo do curso desse trabalho, 2001.

Apesar da inserção dos parques no desenho urbano do município centralizada, principalmente, junto aos corredores da Av. Presidente Kennedy e da Estrada das Lágrimas, há uma amenização por parte das distâncias e do fácil acesso.

Para uma compreensão desses espaços livres de uso público segue mapa de referência do município de São Caetano do Sul com a localização espacial dos parques urbanos oficiais descritos (Mapa 5, p. 198). Se houver intenção de análise conjunta ao Zoneamento Urbano, basta reportar-se ao **Mapa 4, p.40**.

**MAPA 5 - OS PARQUES URBANOS PÚBLICOS  
DE SÃO CAETANO DO SUL**

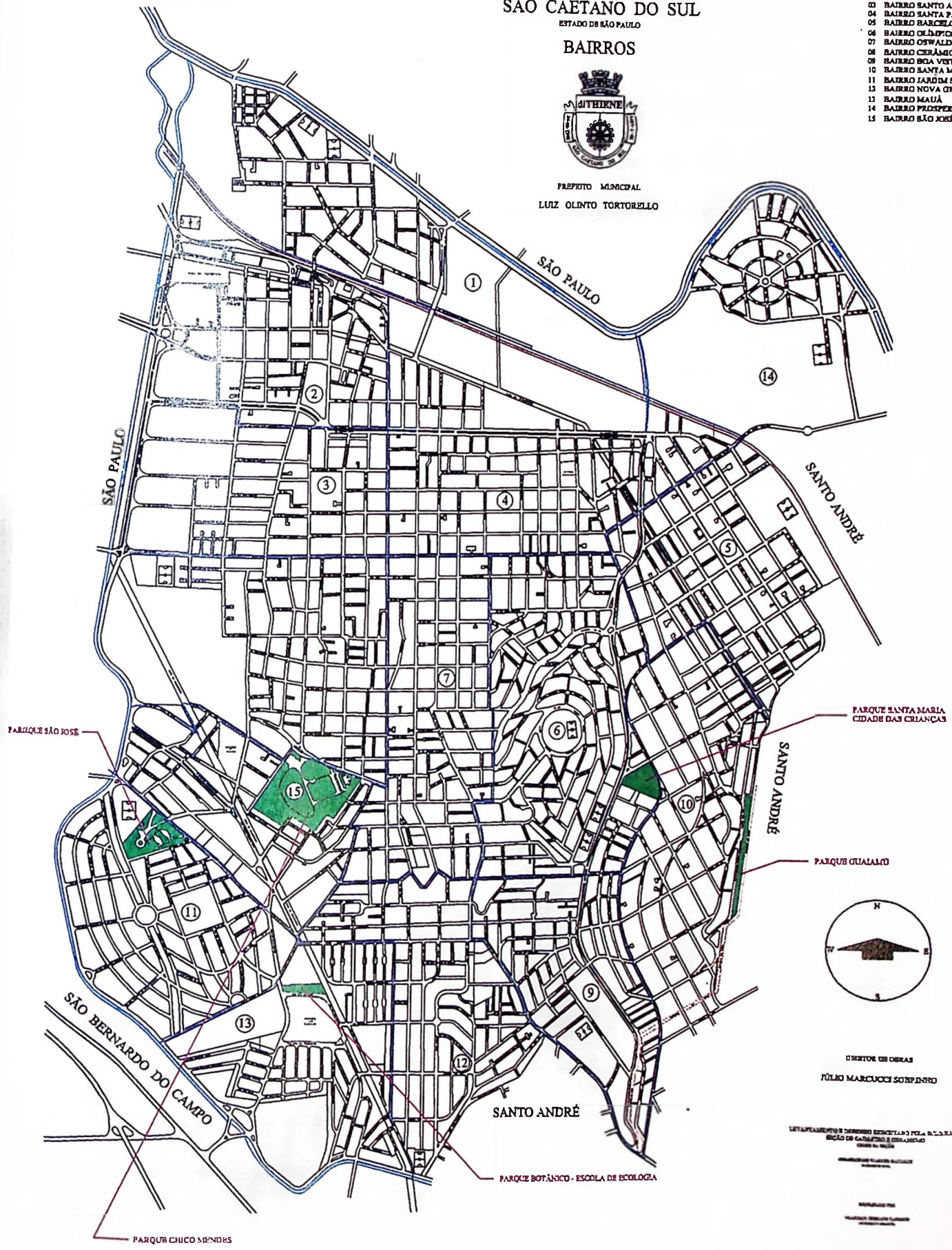
**PLANTA DO MUNICÍPIO  
DE  
SÃO CAETANO DO SUL  
ESTADO DE SÃO PAULO  
BAIRROS**



PREFEITO MUNICIPAL  
LUIZ OLINTO TORTORELLO

**DIVISÃO DE BAIRROS**

- 01 BAIRRO DA FUNDAÇÃO
- 02 BAIRRO CENTRO
- 03 BAIRRO SANTO ANTÔNIO
- 04 BAIRRO SANTA PAULA
- 05 BAIRRO BARCELONA
- 06 BAIRRO OLÍMPICO
- 07 BAIRRO OSWALDO CRUZ
- 08 BAIRRO CERÂMICA
- 09 BAIRRO BOA VISTA
- 10 BAIRRO SANTA MARIA
- 11 BAIRRO JARDIM SÃO CAETANO
- 12 BAIRRO NOVA GERTI
- 13 BAIRRO MAJIA
- 14 BAIRRO PROSPERIDADE
- 15 BAIRRO SÃO JOSÉ



DIRETOR DE OBRAS  
RÚLIO MARCUCCI SOBRINHO

ELABORAÇÃO E DESENHO EXECUTADO PELA S.C.A.S. S.A.  
SEÇÃO DE CADASTRO E CENSO  
CENSO DE 1992

Fonte: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e modificado pelo autor, 2002

### 3. PROPOSTAS PARA OS PARQUES DE SÃO CAETANO DO SUL

---

Os parques urbanos do município podem recuperar a identidade, por meio do referencial memória e história, antes que entrem num processo de anomia. O lugar em que se vive esta inserido nas representações, nas interações sociais, promovendo a identidade com o espaço, na intermediação com o mundo. Portanto, segue-se mostrando que o espaço esta pleno de significados e de valores, os quais permitem organizar a visão de uma paisagem e tomar decisões sobre a atividade a desenvolver.

**Ferrara (1993, p.125)** nos diz que "a percepção do espaço urbano não é homogênea, ao contrário, é localizada, situada ambientalmente, o que transforma o espaço em lugar, com sua manifestação concreta. Os valores, usos e expectativas que o usuário projeta sobre seu lugar urbano, enquanto imagens assumem o aspecto de uma rotina cotidiana, ilegível, porque habitual".

Esses espaços públicos conhecidos como parques urbanos devem oferecer preferencialmente as formas do lazer ativo e passivo, considerados nas pesquisas, traduzindo o conteúdo da apropriação. Apesar de uma visão mais intimista, onde a realidade em que se trabalha tem um tempo diferenciado, mais vagaroso, pois a sociedade sul-sancaetanense resiste as mudanças bravamente, ampáramo-nos em uma visão mais ampla, avaliando o lugar pelas necessidades do todo, mas considerando os desejos das partes envolvidas, ou seja, dos usuários e do próprio poder municipal.



Neste intrincado senso entre a percepção do indivíduo e do espaço, portanto, ouvimos a comunidade, este ser coletivo, mantendo referências necessárias para a composição das propostas que elaboramos e abordamos a seguir. Para cada parque relacionamos, esquematicamente, os equipamentos existentes e em seguida elaboramos uma proposta teórica embasada no entendimento adquirido ao longo desse trabalho.

### 3.1. PARQUE MUNICIPAL DE VILA SÃO JOSÉ (BOSQUE DO POVO).

#### SÍNTESE DA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

#### *“A história da cidade ao longo do caminho”.*

#### O que efetivamente existe no parque

- O parque já possui uma estrutura de lazer passivo e ativo leve.
- Existem áreas de descanso com bancos e algumas estruturas de madeira para conversas, leituras, além de banheiros públicos.
- Caminhos traçados entre o plano de massas vegetais envolvem todo o parque como uma rede, para as atividades de caminhar e correr.
- Há uma área central pavimentada que se comporta como uma grande área dinâmica para manutenção e pequenos eventos.
- Dentro dos limites do parque existe uma escola de ensino infantil.
- Área em desuso por falta de maiores atrativos, pela má conservação e por falta de segurança.

- Grande área densamente arborizada com espécies nobres, nativas e eucaliptos.

### **Nossa proposta de revitalização do parque**

- Retirada da EMEI e reformulação de toda a área com planos de massa vegetal, ampliando os espaços de atividades e a biomassa dentro do parque.
- Inserção de aparelhos de ginástica ao longo dos caminhos.
- Inserção do *playground*, aproveitando as estruturas existentes na escola.
- Aulas de ginástica nos períodos da 6:00 às 9:00 horas e das 17:00 às 20:00 horas, concebidos na pesquisa como horários de maior procura.
- Painéis contando a história da cidade ao longo das áreas de circulação pedestrianizadas (caminhadas), ilustrados, com rápidos destaques e curiosidades.
- Estes mesmos painéis forneceriam informações sobre saúde, alimentação e as distâncias já percorridas pelos usuários do parque, além de croqui, localizando-o no espaço geográfico municipal e interno.
- Criação de uma área administrativa, para informar, organizar e controlar as atividades no parque, dentro do prédio da EMEI.
- Segurança estabelecida pela guarda municipal que já existe desde 1997, mas que a população não percebeu e devido a falta de estímulo, deixou de frequentar.

### 3.2. PARQUE SANTA MARIA: O PARQUE MUNICIPAL BÁRBARA MAARÃO SAAD (CIDADE DAS CRIANÇAS)

#### SÍNTESE DA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

*“A criança redescobre seu espaço na história”.*

#### O que efetivamente existe no parque

- Espaço extremamente arborizado com eucaliptos e ipês.
- Poucos brinquedos para entreter crianças até 14 anos.
- Áreas de caminhada, recortando todo o parque.
- Quiosques amplos.
- Equipamentos urbanos: lanchonete, banheiros, administração e bebedouros.
- Lago na parte mais baixa do parque com patos e peixes para entretenimento.
- Pequeno jardim sensorial para deficientes visuais, com plantas medicinais e aromáticas.
- Localizado num complexo que compreende um teatro de médio porte, uma escola para deficientes áudio-visuais e uma escola de 2<sup>o</sup> grau.
- Acesso por uma avenida que corta parte da cidade até as divisas com Santo André.

- Reformada há aproximadamente 3 anos está em perfeito estado de conservação.
- Visitação freqüente, inclusive por escolas de outros municípios.

### **Nossa proposta de revitalização do parque**

- Por ser efetivamente um parque temático e muito frequentada por crianças acompanhadas de adultos, propõe-se inserir no parque atividades de caminhada para os adultos de uma forma geral, utilizando os caminhos já existentes, instalando neles algumas áreas de ginástica.

- Ao longo destes caminhos, painéis contando a história da formação da cidade, ilustrada com temas infantis, direcionadas, também, para este parque, desde sua fundação, suas alterações, suas reformas e a mudança atual.

- Nestes mesmos painéis, localização do parque no croqui da cidade, dados característicos, além de croquis sugestivos de caminhada, informações quanto a distâncias, etc.

- A função é revitalizar a identidade do parque e permitir que os adultos também aproveitem a área.

- Ampliar o número de brinquedos mecânicos e reformular o jardim sensorial.

- Para os usuários, também disponíveis áreas de descanso para leituras, alimentação, etc.

- Monitoria feita pelos próprios funcionários para identificar as brincadeiras e propor outras nas áreas abertas e dinâmicas do parque.

- Atividades extras nos finais de semana favorecidas por técnicos em lazer.
- Inserir o parque no circuito de visitação das escolas municipais e estaduais, considerando-se o limite de idade.

### 3.3. PARQUE CHICO MENDES (CENTRO DE LAZER, ESPORTES E RECREAÇÃO SENADOR JOSÉ ERMIRIO DE MORAES)

#### SÍNTESE DA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

*“A vitória da proposta de lazer: da argila ao parque”.*

#### O que efetivamente existe no parque

- Um parque bem arborizado, com espaços de caminhada em toda a área, administração e equipamentos urbanos.
- Um *playground*.
- O Atual Paço Municipal está inserido nas dependências do parque.
- Existe uma grande área livre para eventos sazonais (festas juninas, festa do peão, etc.).
- Um fluxo diário muito grande de usuários para cooper e caminhada.
- Aparelhos de ginástica ao longo do parque.

- Dois lagos, sendo um de grande porte com peixes e queda d'água e outro de menores proporções com patos e gansos.
- Áreas de estar com bancos e vegetação para leitura, conversas, todas em ambientes com pisos permeáveis.
- Espécies vegetais nobres, nativas, exóticas com ênfase as frutíferas para a atração da ave-fauna.

### **Nossa Proposta de revitalização do parque**

- Inserir nos caminhos informações sobre o parque contando sua história, em comunhão com a história da cidade.
- Nos caminhos mais amplos, exposição constante e itinerante de painéis, mostrando as obras artísticas que permeiam praças, fontes e outras áreas públicas do município, contando sobre seus autores, significados e localizações.
- Continuar implementando as atividades já conhecidas como "final de semana no parque", além de monitores diários para os usuários orientarem-se quanto a ginásticas, corridas, etc. Reorganizar e ampliar a distribuição de equipamentos de ginástica e orientações escritas junto a eles.
- Incluir nos espaços disponíveis duas quadras poliesportivas.
- Ampliar a arborização e inserir uma quadra coberta na atual área livre para eventos.
- Painel central com a programação cultural da semana na cidade.

### 3.4. PARQUE GUAIAMÚ (CENTRO DE INTEGRAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL TALITA THOMÉ TAMAREVSKY)

#### SÍNTESE DA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

*“Um olhar sobre dois municípios”.*

#### O que efetivamente existe no parque

- Um parque criado em antigo aterro de material inerte, na divisa do município de São Caetano e Santo André.
- Um limite físico: o córrego Utinga.
- Uma grande área verde com pista para caminhadas, em material permeável, um mirante de 20 metros em estrutura metálica e um palco coberto, também em estrutura metálica para *shows* ao ar livre.
- Um lago em três patamares com pequenas quedas d'água.
- *Playground*.
- Equipamentos urbanos: lanchonete, banheiros e administração.
- Uma quadra poliesportiva coberta.
- Duas quadras poliesportivas descobertas.

### **Nossa Proposta para revitalização do parque**

- Por ter sido planejado como um parque desportivo, voltado para atividades coletivas, propomos no espaço próximo e embaixo do mirante e ao longo dos caminhos a história de Santo André e o desmembramento de São Caetano. Tudo ilustrado com fotos em ordem cronológica da evolução dos povoados.

- A história ilustrada do córrego Utinga até sua atual situação de poluição.

- Nos painéis, também, um pouco sobre poluição das águas, ar, solo, sonora e visual.

- Escolas de futebol, vôlei e basquete, diariamente.

- Eventos, encenações teatrais e outros aos finais de semana.

- No mirante: painel ilustrativo, indicando direções e localizações das principais estruturas urbanas visíveis do local, auxiliando o usuário a perceber a paisagem com noções de distâncias e relêvo.

- Complementação das atividades desportivas com a colocação de aparelhos de ginástica individual ao longo dos caminhos, para melhorar a apropriação do espaço.

- Mais bancos ao lado da vegetação arbórea, para as atividades do lazer passivo.



### 3.5. PARQUE BOTÂNICO JÂNIO DA SILVA QUADROS (ESCOLA DE ECOLOGIA/SEMENTEIRA MUNICIPAL)

#### SÍNTESE DA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

*“Afluente de todos os caminhos”.*

#### O que efetivamente existe no parque

- Produção de mudas de plantas herbáceas, arbustivas e arbóreas para a manutenção das áreas verdes da cidade.
- Atividades de monitoramento de escolas para visitação ao parque, mostrando os diversos ambientes criados, projetos e outros como saueiros, museu de história natural, animais, espécies vegetais medicinais, tóxicas, produção de mudas vegetais por diversos métodos, etc.
- Cursos semanais abordando assuntos diversos correlacionados com as atividades do parque e/ou com a ecologia.
  - Grande área arborizada.
  - Espaços com quiosques para lanche.
  - Infra-estrutura básica suficiente para atender as demandas atuais e previsão futura.

### **Nossa Proposta para revitalização do parque**

- A escola de ecologia, como área temática, onde os exemplos de ecossistemas e noções de preservação e conservação dão o tema, assumiria, juntamente com a Coordenadoria de Parques e Jardins e o DETUR – Departamento de Esportes e Turismo, o controle dos outros cinco parques para a efetivação e manutenção dos painéis históricos, das monitorias e projetos de educação esportiva e ambiental em todas as áreas.
- Os parques seriam monitorados também quanto a manutenção da qualidade ambiental e conservação da área verde.
- Criação de um roteiro turístico para os usuários e visitantes de outros municípios, feito com ônibus próprio, em dois horários diários, inclusive nos finais de semana, para visitação aos outros parques, aos dois museus e as obras significativas da cidade. Isso induziria a uma proposta de mídia para todo o contexto de lazer e para a proposta histórico - ambiental da cidade.
- Distribuição de folder com todos os pontos significativos para visitação da cidade.
- Atenção aos usuários diários, com equipamentos para ginástica e aulas programadas.

### 3.6. O SEXTO PARQUE (NÃO OFICIAL): O PARQUE LINEAR KENNEDY

Uma vez que esta área já existe e esta efetivamente apropriada pela população do entorno, o coerente seria um tratamento semelhante, mas proporcional, aos demais parques. Dessa forma seria apenas necessário que inserissem alguns equipamentos, para torná-la mais agradável e funcional. A título de complementação:

- Distribuição de aparelhos de ginástica ao longo do percurso.
- Melhoria e ampliação dos passeios para caminhada, facilitando a transposição entre cruzamentos.
- Informações sobre saúde, distâncias percorridas e atividades nos outros parques.
- Monitoria por técnicos especializados em educação esportiva.

Para concretizar o pensamento inserimos o Mapa 6, conclusivo dos demais, constando além dos parques oficiais, o sexto parque ( não oficial) e a indicação das duas áreas que sugerimos para a criação de novos espaços de lazer em nosso município.

**MAPA 6 - MAPA DE REFERÊNCIA COM OS PARQUES OFICIAIS,  
A LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NÃO OFICIAL E AS  
DUAS SUGESTÕES PARA NOVAS ÁREAS DE LAZER**

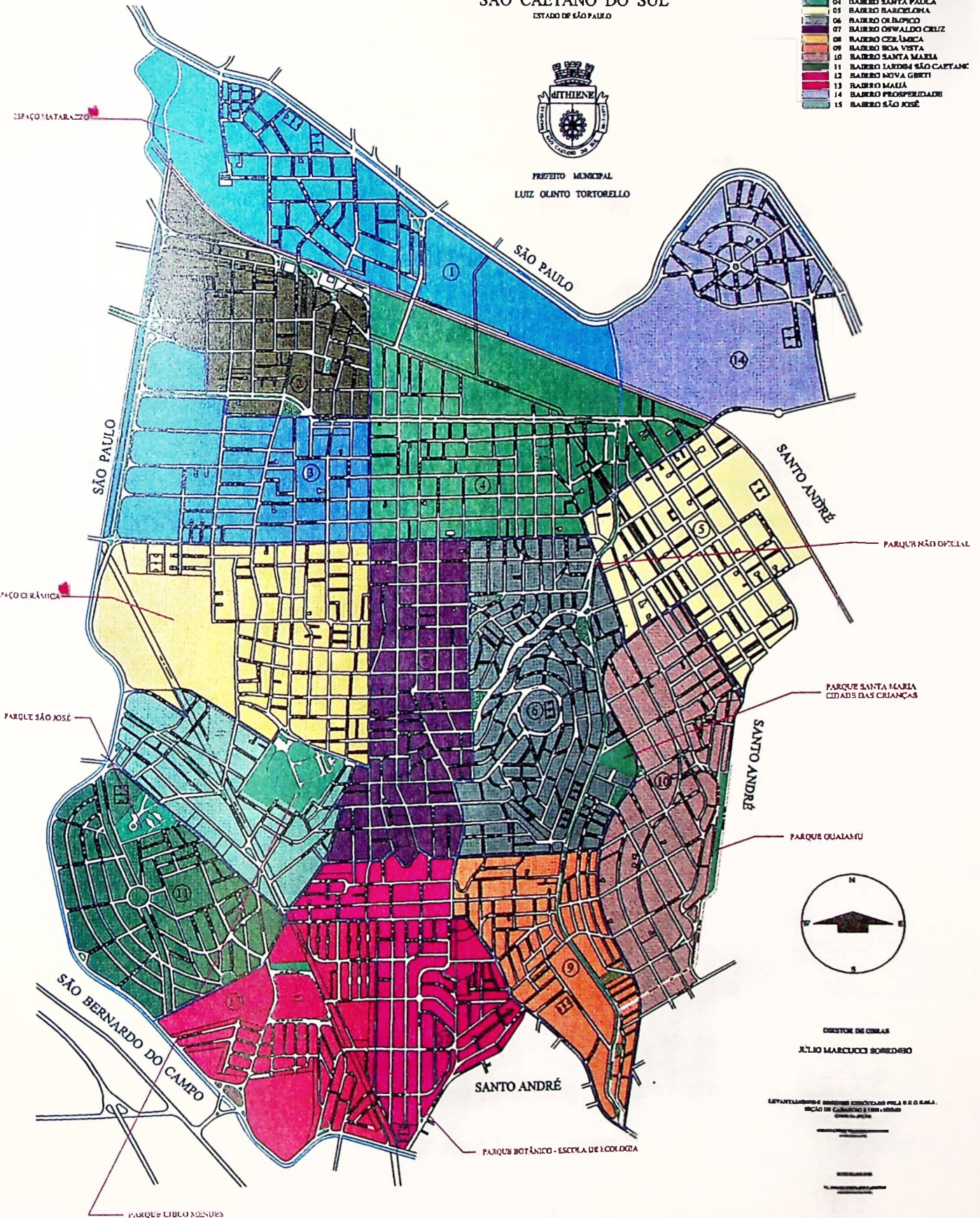
**PLANTA DO MUNICÍPIO  
DE  
SÃO CAETANO DO SUL**  
ESTADO DE SÃO PAULO

**DIVISÃO DE BAIRROS**

- 01 BAIRRO DA FUNDADAÇÃO
- 02 BAIRRO CENTRO
- 03 BAIRRO SANTO ANTÔNIO
- 04 BAIRRO SANTA PAULA
- 05 BAIRRO BARCELONA
- 06 BAIRRO OLÍMPICO
- 07 BAIRRO OSWALDO CRUZ
- 08 BAIRRO CERÂMICA
- 09 BAIRRO BOA VISTA
- 10 BAIRRO SANTA MARIA
- 11 BAIRRO LITORAL SÃO CAETANO
- 12 BAIRRO NOVA GIBETI
- 13 BAIRRO MALLÁ
- 14 BAIRRO PROSPERIDADE
- 15 BAIRRO SÃO JOSÉ



PREFEITO MUNICIPAL  
LUIZ OLINTO TORTORELLO



#### 4. DA CONTINUIDADE DOS PARQUES URBANOS NA CIDADE

---

As propostas citadas são conciliadoras entre os parques públicos e os usuários, buscando atender a um mínimo de exigências anotadas, durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa. Não pretendemos com isso encerrar a questão, principalmente porque a história dos parques públicos urbanos esta atrelada aos hábitos e necessidades da população em tempo e espaço definidos. É claro, que novas inserções nesse cotidiano podem e devem surgir, colaborando com a consolidação dessa modalidade de lazer nas cidades e, senão, pelo bem dos espaços livres de uso público em geral, que nos tiram das claustrofóbicas sensações do cotidiano. Consideramos, inicialmente, que tais medidas podem auxiliar na correção do uso e da apropriação das áreas e afastar do desuso outras pouco adaptadas ao lazer ativo.

Para tanto elegemos, sugestivamente, a Escola de Ecologia para o controle dessas áreas junto aos demais órgãos públicos, como exposto anteriormente, promovendo manutenção, atividades diversificadas e avaliação constante do uso e apropriação destes equipamentos.

Ao promover tais ações e subsidiar dados para o serviço público municipal estaríamos favorecendo a visibilidade destes equipamentos dentro do planejamento urbano e certamente valorizando-o. Felizmente, a sociedade esta se encarregando de assinalar sua importância no contexto.

## PARTE FINAL

---

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Pelo exposto, as modificações são simples e baratas, viabilizando o projeto, uma vez que não alteram significativamente a estrutura arquitetônica dos parques e da própria cidade, requerendo uma reforma e revisão de equipamentos, uma pintura e painéis que podem ser produzidos pelos artistas gráficos da cidade, em concursos e em várias etapas.

A intenção não era abranger todas as possibilidades, seria exigir muito dessa pesquisa, mas oferecer uma miríade de pensamentos e ações que pudessem nortear novas atitudes e questionamentos. Nem poderia ser diferente, diante do frágil equilíbrio econômico gerado nas interações neoliberais da globalização e localmente nas mudanças que o capitalismo pós-industrial vem causando a cidade.

Seguimos, portanto, os caminhos da percepção, mas cientes que qualquer referência ao espaço urbano não se reporta unicamente ao espaço físico, mas principalmente ao relacionamento entre o trabalho, o lazer, a memória, os movimentos sociais, os sentimentos... **(Frugoli Junior, 1995)**. Assim não temos o espaço urbano como pano de fundo, mas como micélios de nossa simbiose que representam o foco vital desta continuidade.

Nesse contexto, como nos diz **Ansarah (1996, p.56)**, “o lazer pode assumir várias formas, como por exemplo: o passeio a pé, os jogos, a leitura de um livro, ir ao cinema, teatro... tudo sem se ater a nenhum tipo de obrigação”. A colocação da autora aponta para a salutar e necessária concorrência das muitas formas de lazer que se expressam no espaço urbano, principalmente em épocas tecnológicas e consumistas tão acentuadas.

Coerentemente, as pesquisas mostram que os parques urbanos tornaram-se importantes no lazer cotidiano, além daquilo que **Gottdiener (1997)**, sabiamente aponta como organização social do espaço urbano atual, girando em torno da indústria, da residência e do *shopping center*, típico do desenvolvimento metropolitano em áreas centrais e periféricas com alta densidade populacional, tão característico nos dias de hoje. Desejamos que os parques urbanos estejam disponíveis e revitalizados nessa concorrência de uma São Caetano pós-industrial.

Caímos na real, quando percebemos que, de uma maneira geral, a população não se desloca para ver, apenas, árvores. Geralmente, procura outras atividades como caminhar, correr, fazer ginástica, nadar, etc. O plano de massas vegetais funciona, do ponto de vista da sociedade consumista e consumidora como um pano de fundo agradável e coerente. Pois aproveitamos esse gancho e propomos o Parque urbano “Verde e Funcional”.

Um exemplo claro deu-se no município de Santo André, onde aliado a projetos de requalificação de parques urbanos, surgiram nos principais eixos viários, placas indicativas de um "circuito verde", sugerindo as opções de parques urbanos mais próximas e apontando outras. Estes estímulos visuais, aliados aos atrativos de lazer ativo e passivo incorporados ao conjunto, induziram um aumento no fluxo de pessoas, comprovado perceptivamente, em nossas visitas.

E para contextualizar melhor as necessárias alterações de conteúdo nos parques de São Caetano procuramos revitalizá-los pela própria história da cidade, configurando novos atrativos nas opções de lazer da região. Nas confluências dos caminhos, os parques tornar-se-ão marcos referenciais, explicando a história, dando contornos ao cotidiano e favorecendo a identidade do lugar.

É lógico e natural que quaisquer alterações nas características sociais, econômicas e no próprio desenho urbano de nossa cidade iria exigir repensar todo o sistema de lazer público ora instalado, reconhecendo de antemão, que nosso sistema urbano é extremamente restritivo em termos de espaço físico, o que nos impulsiona a crer que mudanças morfológicas ocorrerão rapidamente. Nossa intenção é, ao valorizar e incentivar o uso e apropriação dessas áreas, conservá-las longe da ação danosa do planejador inescrupuloso e do ativista imobiliário.



Talvez alguns elementos inseridos corretamente no cerne do planejamento funcionem como mola propulsora da qualidade, e incluímos, nesse momento, as duas propostas informais de utilização dos vazios urbanos deixados pela Fábrica dos Matarazzo e pela Cerâmica São Caetano, aventadas durante o texto, como propostas conciliadoras entre o setor público e privado na organização do espaço urbano.

São medidas preventivas necessárias, uma vez que a tradição do Brasil é do municipalismo exacerbado, que busca evidenciar-se politicamente com ações de curto prazo e grande visibilidade. E isso traz em seu bojo decisões nada acertadas, muitas vezes prejudiciais a forma e funcionalidade da cidade.

Há também uma inserção ecológica definida em nossa proposta, que se dá pela defesa da presença significativa das áreas verdes no conceito e no projeto dos parques urbanos convencionais. Estes, associados as áreas verdes das praças e a arborização urbana, favorecem um conjunto de planos de massas vegetais, que irão atuar como corredores para a flora e principalmente para a fauna. **Hough (1998)**, nos confirma essa possibilidade, principalmente quando se trabalha com pequenas áreas no desenho urbano da cidade.

No entanto, o problema contemporâneo que nos acomete é, além das propostas de áreas verdes, o aprofundamento e o compromisso com uma agenda pautada na qualidade ambiental. Os projetos devem pensar em atitudes ambientalistas regenerativas ou conservadoras e a cidade preocupada

com a degradação do meio, através do desenvolvimento de tecnologias mais limpas. Mas, principalmente, confere aos técnicos ligados ao planejamento urbano apontar características sociais e locais esquecidas por aqueles que trabalham o espaço sob o ponto de vista físico, fundamentado-se, justamente na relação estabelecida pelo projeto, pelo ambiente e pelo cidadão. Estes espaços devem ser organizados, inclusive de forma a criar condições ao homem de conviver interagindo com a natureza. Não, que nos julguemos capazes de, internamente ao sistema urbano, estabelecer o equilíbrio rompido com a natureza, mas podemos provocar a sociedade, por meio de possibilidades relacionadas à educação ambiental, pois é na paisagem que o conflito, entre a natureza e a tecnologia, torna-se mais facilmente percebido.

Concordamos que esse vôo deve alçar-se sobre toda a região. Se pretendermos atingir um estudo de viabilidades mais promissoras temos que focalizar o planejamento regional e nacional, buscando solucionar primeiro as problemáticas dos municípios do grande ABC e asseverando-se de que a organização do território, vislumbrará tais atividades e sua complexidade, à partir do ideário que se apóia na tríade: organização, potencialidades e criatividade (Yázigi, 1999a). Caso contrário, não obteremos respostas satisfatórias como um todo.

**Scarlato (2000, p.432)** nos informa isso quando em sua definição de Metrópole, aponta "um único espaço edificado resultante da conurbação, porém com várias administrações político-administrativas autônomas, como por exemplo, São Paulo e ABCD (Santo André, São Bernardo, São Caetano e

Diadema). Cada uma destas cidades tem seu centro administrativo municipal autônomo e juntas formam uma conurbação...”. O Consórcio Intermunicipal do Grande ABC que congrega as sete cidades do ABC busca soluções para as questões sociais e ambientais do conjunto. Todas as medidas urbanísticas deveriam vislumbrar esse conjunto e não somente as questões internas.

Enfim, indicar que os espaços sejam planejados quanto ao uso e ocupação do solo, seria obsoleto. O planejamento em que se insira o parque urbano deve, segundo nossa pesquisa, prever fatores como: distribuição espacial equilibrada, dimensionamento adequado e equipamentos das áreas de recreação com programação de atividades. Tudo isso visando o atendimento de critérios demográficos, sociais, econômicos e culturais, viáveis por meio do entrosamento entre os interesses populacionais e as possibilidades do poder público, na busca da satisfação das necessidades de lazer do cidadão e sempre envolto em um belíssimo plano de massas vegetais.

## BIBLIOGRAFIA

- 
- ANSARAH**, Marília Gomes dos Reis. *Cultura e suas manifestações no cotidiano urbano: aspectos do turismo e do lazer cultural*. In: Corrêa, Tupã Gomes (org.). Turismo e Lazer. São Paulo: EDICON, 1996.
- ARENDT**, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BARDET**, G. *L'Urbanisme*. France: Presses Universitaires de France, 1977.
- BARTALINI**, Vladimir. *Áreas Verdes e espaços livres urbanos*. In: Paisagem e Ambiente: ensaios. FAUUSP. Edição especial n.º 1 e 2. São Paulo: FAUUSP, 1982.
- CAMPOS FILHO**, Cândido Malta. *Cidades Brasileiras: seu controle ou o caos. Uma nova política de desenvolvimento intra-urbano para o Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.
- CARLOS**, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A (Re) Produção do Espaço Urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Ensaio de Geografia Contemporânea. Milton Santos: obra revisitada*. São Paulo: EDUSP/Hucitec/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- CASTELLS**, M. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983.
- CLAVAL**, Paul. *O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana*. In: Rosendahl, Zeny e Corrêa, Roberto L. Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- CORRÊA**, Tupã Gomes (org.). *Turismo e lazer; prospecções da fantasia do ir e vir*. São Paulo: EDICON, 1996.
- COSTA**, Lúcia Maria Sá Antunes. *Parque do Flamengo: a construção cotidiana de um espaço democrático*. In: Paisagem e ambiente. São Paulo: FAUUSP, n.º 8, 1995.
- CULLEN**, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- DEREK**, Gregory et alli. *Geografia Humana, Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

- DIEGUES, A.C.** *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- DIRETORIA DE URBANISMO, OBRAS, HABITAÇÃO E MEIO AMBIENTE (DUOHMA)** - *Dados obtidos em entrevistas e consultas cadastrais*. Prefeitura de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: 1999, 2000, 2001 e 2002.
- DUMAZEDIER, Joffre.** *Lazer e cultura popular*. Coleção Debates. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- FERRARA, Lucrecia D' Alessio.** *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- FU TUAN, Y.** *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- FRUGOLI JUNIOR, Heitor.** *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- GALENDER, Fany.** *Nova York: uma experiência de desenhos dos espaços livres urbanos*. In: Paisagem e ambiente. São Paulo: FAUUSP, n° 8, 1995.
- GUATTARI, F.** *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- GOTTDIENER, Mark.** *A produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- HOLZER, Werther.** *A geografia fenomenológica de Eric Dardel*. In: Rosendahl, Zeny e Corrêa, Roberto L.(org.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- HOUGH, Michael.** *Naturaleza e ciudad*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1998.
- JACOBS, Jane.** *Morte e Vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LEFEBVRE, Henri.** *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Documentos Ltda, 1969.
- LE MOS, Amália Inês Geraiges de.** *Metropolização e Modernidade. As metrópoles da América Latina*. In: Scarlato, Francisco Capuano et alli. O novo mapa do Mundo: Globalização e Espaço Latino-Americano. São Paulo: Hucitec, 1993.
- 
- \_\_\_\_\_. *Formação sócio-espacial e o lugar como mediação: "as paisagens do Nordeste na cidade de São Paulo"*. In: Revista do Departamento de Geografia, v. 11. São Paulo: Humanitas (FFLCH/USP), 1997.

- \_\_\_\_\_. *A metropolização nos países do terceiro mundo*. In: Revista do Departamento de Geografia, v. 13. São Paulo: Humanitas (FFLCH/USP), 1999.
- LIMA, A.M.L.P.** et al. *Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos*. In: Congresso Brasileiro de Arborização Urbana. Anais. São Luiz: Imprensa EMATER/MA, 1994.
- LIMA, Catarina Santos.** *Os jardins da Ilusão*. Revista Isto É de 14 de junho de 2000 - p.112-115. São Paulo: Ed. Três, 2000.
- LODUCA, Wilson.** *São Caetano: de várzeas alagadiças a "príncipe dos municípios"*. São Paulo: Hucitec/Pref. de São Caetano do Sul, 1999.
- LYNCH, Kevin.** *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MACEDO, Silvio Soares.** *Os espaços livres de edificação e o desenho da paisagem urbana*. In: Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI/CNPQ/FINEP, 1986. p.103-110.
- \_\_\_\_\_. *Quadro do Paisagismo no Brasil*. São Paulo: FAUUSP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Parques Urbanos no Brasil*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- MAGNOLI, Miranda Martinelli.** *Espaços livres e urbanização: Uma introdução e aspectos da paisagem metropolitana*. Tese de Livre docência. São Paulo: FAUUSP, 1983, p.80.
- \_\_\_\_\_. *O parque no desenho urbano*. In: Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI/CNPQ/FINEP, 1986. p. 111- 120.
- MARCELLINO, Nelson C (org.).** *Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1996.
- MARTINS, José de Souza.** *A formação do espaço regional do Tijucuçu e de São Caetano*. In: Revista Raízes ano III, v. 5. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1991. p. 4 – 17.
- \_\_\_\_\_. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Caetano do Sul: Hucitec, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

- McFETRIDGE**, Donald et alli. *Economia e Meio Ambiente: a Reconciliação*. Porto Alegre: Ed. Ortiz, 1992.
- MÉDICI**, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na Região do ABC*. São Paulo: Hucitec/ Pref. de São Caetano do Sul, 1993.
- MONTEIRO**, Arlete Assumpção. *O ABC paulista na rota da economia açucareira*. In: Revista Raízes ano XII, v. 23. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001. p. 28 - 34.
- MOTA**, Suetônio. *Planejamento urbano e preservação ambiental*. Fortaleza: Ed. UFC, 1981.
- MUNFORD**, Lewis. *A cultura da cidade*. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Perspectivas Urbanas. Secundad y Unidad de Secundário*. Buenos Aires: Ed. Emecé, 1966.
- NOVAES**, Adauto (org). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PELLEGRIN**, Ana De. *O espaço de lazer na cidade e a Administração Municipal*. In: Marcellino, Nelson C. (org.). Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1996.
- REIS FILHO**, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- RIBEIRO**, Darcy. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROSENDAHL**, Zeny e CORRÊA, Roberto L.(org.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- ROSS**, Jurandir L.S.(org). *Geografia do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- RUSSO**, Alexandre Toler. *Política e economia do ABC no fim da década de 20 e início dos anos 30*. In: Revista Raízes ano XII, v. 23. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001. p. 5 – 14.
- SANTOS**, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: Hucitec/USP, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Metrópole Corporativa Fragmentada - O caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996a.

\_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1996b.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1997b.

**SÃO CAETANO EM REVISTA, ANO I nº 1**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 1997.

\_\_\_\_\_, **ANO II nº 2**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 1998.

**SCARLATO, Francisco Capuano**. *O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 1988.

\_\_\_\_\_. *População e Urbanização Brasileira*. In: ROSS, Jurandir L.S.(org). Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2000.

**SEGAWA, Hugo**. *Ao Amor do Público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

**SPIRN, Anne Whiston**. *O jardim de granito: a natureza no desenho da cidade*. São Paulo: EDUSP, 1995.

**SUNG, Jung Mo**. *Conversando sobre ética e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.

**TURKIENICZ, Benamy e MALTA, Maurício(org.)**. *Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil /Anais do II SEDUR*. São Paulo: Ed. PINI/CNPQ/FINEP, 1986.

**VESENTINI, J. W.** *Geografia, natureza e sociedade*. São Paulo: Contexto, 1989.

**VIRILIO, Paul**. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

**WILHEIM, J.** *Projeto São Paulo*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1982.

**YÁZIGI, Eduardo**. *O mundo das calçadas - por uma política de espaços públicos em São Paulo*. (tese de livre docência referente a disciplina de planejamento urbano) FFLCH – USP – São Paulo, 1997.



\_\_\_\_\_ et alli (org). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999

\_\_\_\_\_. In anotações de aula: *O turismo no planejamento urbano e regional*. Disciplina de Pós-Graduação – Depto de Geografia - USP, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Turismo: uma esperança condicional*. São Paulo: Global Universitária, 1999b.